

ENRIQUE LUZ

“O ETERNO JUDEU”

**ANTI-SEMITISMO E ANTIBOLCHEVISMO
NOS CARTAZES DE PROPAGANDA POLÍTICA
NACIONAL-SOCIALISTA
(1919-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG
2006**

“Ai do mundo por causa dos escândalos! Porque é necessário que venham escândalos: mas ai do homem, por quem o escândalo vier.”

Mateus 18:7

SUMÁRIO

Introdução	p. 07
Capítulo 1 – A cultura política do nacional-socialismo	p. 13
1.1 – Cultura política: conceito e problematizações	p. 13
1.2 – A propaganda política nacional-socialista: conceitos e interpretações	p. 24
1.3 – O cartaz de propaganda como fonte histórica: usos e metodologia	p. 29
Capítulo 2 – As origens do anti-semitismo nacional-socialista	p. 35
2.1 – Do antijudaísmo ao anti-semitismo	p. 35
2.2 – O anti-semitismo racialista	p. 44
2.3 – O anti-semitismo hitlerista	p. 58
Capítulo 3 – Os cartazes de propaganda anti-semita	p. 67
3.1 – A propaganda antibolchevista	p. 68
3.2 – A propaganda anti-semita e o estereótipo pejorativo do judeu	p. 100
3.3 – O mito da conspiração mundial plutocrato-judaico-bolchevista	p. 118

Considerações finais	p. 135
Lista de imagens	p. 137
Fontes textuais	p. 140
Bibliografia	p. 144

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo ser-no-mundo.

À UFMG, DAAD, Departamento de História, Fapemig e Capes pelo apoio institucional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta, pelos cinco anos e meio de orientação, pelas oportunidades, conselhos e ajuda durante todo este tempo, durante o qual ele nunca me faltou com atenção e esteve sempre disposto a efetivamente me orientar.

Aos professores Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen e Prof. Dr. Alexandre Torres Fonseca, pelas conversas descontraídas que muito me ajudaram.

Aos amigos (em ordem alfabética): Alessandra Santos, por uma informação muito valiosa; Amanda Dias Leite, pelo apoio durante a elaboração do projeto de mestrado; Breno Spangler, pela amizade e ajuda com a digitalização e edição de alguns cartazes; Carolina Oliveira, pela dica importantíssima de usar tabelas para organizar os cartazes no texto; Daniel Machado, pela amizade oportunidade no Colegium de dar aulas que me ajudaram a ver a Segunda Guerra de outra maneira; Daniela Mütz e sua mãe, Verena, pela inesquecível estadia na Alemanha e pela ajuda durante a elaboração do fracassado projeto de doutorado; Imara Bemfica Mineiro, pelas inúmeras conversas, conselhos, palpites e broncas durante estes quase sete anos de amizade; João Paulo Lopes, pela ajuda no parto e na leitura crítica da qualificação; Lucas Almeida, por ter me ajudado a descobrir quantas vezes a palavra “judeu” aparece no *Mein Kampf*; Patrícia Figueiredo da Conceição, pelo companheirismo, disposição e ajuda constantes durante a redação da dissertação, me acalmando e resolvendo questões práticas; Rafael Rodrigues Alves, pelas várias horas de discussão no nosso Grupo de Estudos Heideggerianos, que me ajudaram a ter um outro olhar sobre os cartazes de propaganda; Sarug Dagir Ribeiro, pelas conversas filosóficas e foucaultianas.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, me ajudaram mas que não foram mencionados individualmente (sim, eu tenho uma boa explicação para isso).

INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe a analisar os cartazes de propaganda nacional-socialista buscando identificar e analisar os fatores ideológicos e os argumentos históricos, políticos, sociais, culturais (incluindo alguns aspectos religiosos) e “raciais” que teriam constituído uma cultura política racional e lógica, capaz de persuadir a população alemã a seguir, aceitar ou não se rebelar contra as políticas do governo hitlerista, causador de uma série de fenômenos que marcam as décadas de 1920, 30 e 40 na Alemanha, e que deixaram uma marca indelével na história do século XX. Dentre estes fenômenos incluem-se alguns que marcam especificamente a história alemã, tais como a ascensão de Adolf Hitler ao cargo de chanceler e, posteriormente, ao de presidente, uma combinação de poderes resumidos no novo título de *Führer*, e a constituição de uma ditadura de caráter totalitário que se utilizou da propaganda e do terror como talvez nenhum outro Estado europeu jamais teve força ou vontade políticas para fazê-lo. A política alemã expandiu-se para o cenário europeu na medida em que as forças armadas alemãs levaram a guerra a boa parte da Europa, gerando um conflito que atingiu escala mundial, e que tornou-se o maior conflito armado da história da civilização, causador de mais de trinta milhões de mortes: a Segunda Guerra Mundial.

As conseqüências em nível mundial não se resumem apenas ao conflito bélico iniciado em 1 de setembro de 1939, e não se encerram com a capitulação alemã em 8 de maio de 1945. O impacto político, social e moral provocado pelo nacional-socialismo faz sentir-se ainda hoje, mesmo 60 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial e do regime hitlerista. O fato de que o governo de uma nação como a Alemanha, uma das maiores potências econômicas e culturais do mundo, pôde empregar a dominação política, jurídica, institucional, militar, social e até mesmo psicológica, dir-se-ia, com tanto furor e tamanha eficácia, que conseguiu

conduzir uma nação de cerca de 65 milhões de pessoas relativamente bem instruídas social, moral e religiosamente (já que, por mais que se evoque e algumas vezes se exagere as más condições de vida dos alemães no primeiro pós-guerra, jamais houve um estado de caos social completo) a odiar todo o povo judeu e perpetrar um dos maiores genocídios da história da humanidade, o chamado Holocausto, é uma questão das mais polêmicas da história contemporânea. *“O Holocausto foi a realização definidora da política e da cultura política alemãs durante o nazismo, o mais chocante evento do século e o acontecimento de mais difícil compreensão em toda a história daquele país”*¹.

Os questionamentos políticos iniciados e motivados por esse fenômeno histórico que merecem atenção até os dias de hoje relacionam-se a vários e diversos fatores. Por exemplo, pode-se mencionar o debate que tange a questão da democracia liberal, especialmente quanto ao poder do Estado sobre a sociedade civil e vice-versa, ou seja, a interação dinâmica entre estas duas esferas de poder, seja pela preocupação em prever e evitar que novos grupos totalitários cheguem ao poder estatal ou que Estados constituídos adquiram formas totalitárias, seja pela reflexão sobre a responsabilidade dos cidadãos frente às decisões governamentais e sobre a participação política. Pode-se, ainda, mencionar o debate sobre o papel dos exércitos e do poderio bélico na resolução de conflitos diplomáticos e/ou ideológicos enquanto uma forma viável e legítima, como diria von Clausewitz, de política continuada por outros meios, levando em consideração as terríveis conseqüências humanas e materiais provocadas pelo conflito de 1939-1945. Um outro importante debate refere-se à moralidade da política, à condição e direitos humanos, relacionado à responsabilidade e ao dever que os Estados têm de tomar decisões, implantar medidas, conduzir ao desenvolvimento levando em consideração o aspecto humano, seja pelo valor individual que cada ser humano

¹ GOLDHAGEN, *Carrascos voluntários de Hitler*, p. 12.

tem, seja pelo valor coletivo de pequenos grupos minoritários, tanto pela sua cultura própria quanto pela legitimidade de sua existência autônoma, ou ainda pelo valor de instituições importantes que condensam em torno de si centenas, milhares ou milhões de pessoas e que, por isso, têm sérias responsabilidades sociais e políticas.

O questionamento que aqui se faz não busca uma justificativa para a existência do regime hitlerista e para o apoio popular que recebeu. Trata-se de buscar uma compreensão para o fato que os horrores genocidas não aconteceram nem por acidente, encarando-os como algum tipo de radicalização inesperada do regime em tempo de guerra, nem à surdina, o que presumiria supor que tratava-se de um segredo de Estado conduzido por um grupo de elite que teria agido secretamente. *“Ao compreendermos o totalitarismo não estaremos perdendo coisa alguma, mas, antes, reconciliando-nos com um mundo em que tais coisas são definitivamente possíveis”*². Classificar o genocídio nazista como mera barbárie, irracionalidade ou malignidade seria evitar o pensamento e a reflexão, já que esta atitude negligencia a busca pelos fatores que teriam possibilitado tal fenômeno. *“Uma análise do nazismo não deve nunca ser concebida como um simples dossiê de acusação, mas, antes, como uma peça na desconstrução geral da história na qual vivemos”*³.

O que teria tornado esse genocídio possível, tanto do ponto de vista político quanto do prático, foi o apoio em massa da população alemã à ditadura hitlerista, apoio que conferiu a legitimidade e os recursos humanos necessários para a condução das políticas anti-semitas, desde medidas aparentemente inócuas, como o estabelecimento e reforço da própria distinção entre alemães e judeus, que trazem em si um significado político cujas conseqüências só seriam vistas adiante, até as medidas mais radicais e desumanas, como a racionalização do

² ARENDT. *Compreensão e política*, p. 39.

³ LACOUÉ-LABARTHE. *O mito nazista*, p. 64.

assassinato coletivo, cuja instituição maior era o campo de extermínio [*Vernichtungslager*]. O presente estudo parte do pressuposto que a propaganda política nacional-socialista, especialmente aquela realizada através de cartazes, foi um instrumento entre os mais importantes empregados pelo regime hitlerista para conquistar esse indispensável apoio da população alemã ao plano de eliminação dos judeus.

Ao se buscar as causas, motivos, e circunstâncias do apoio político de boa parte da população alemã ao governo hitlerista, deve-se ter em mente uma série de questões importantes para a formulação de uma pergunta contundente e eficaz que possa atingir o cerne da questão sem partir de pressuposições, preconceitos ou explicações monocausais que tendem a esconder o problema, ao invés de demonstrá-lo. Para tanto, um recurso teórico que se mostra bastante adequado ao tipo de reflexão histórica que se pretende fazer, ou seja, que busca compreender a relação de uma grande diversidade de fatores, é o conceito de cultura política. Tanto a formulação da pergunta que conduz o presente estudo quanto os fatores cuja avaliação seria adequada para esta própria formulação é o tema da primeira parte do primeiro capítulo (intitulado “A cultura política do nacional-socialismo”), que analisará a “Cultura política: conceito e problematizações”.

A etapa posterior à formulação do problema é a delimitação do instrumental teórico que baliza as reflexões e a análise histórica dos cartazes de propaganda. Assim, pretende-se apresentar, na segunda parte do primeiro capítulo, uma breve discussão sobre os conceitos de propaganda política formulados por alguns estudiosos, de modo a compor um panorama teórico capaz de nortear a interpretação das fontes, considerando que a natureza e os usos da propaganda política são decisivos para o entendimento da relação ativa estabelecida entre o Estado nazista e o povo alemão. Esta segunda parte é intitulada de “A propaganda política nacional-socialista: conceitos e interpretações”.

Uma terceira e última etapa para a formulação de uma maneira eficiente de dialogar com as fontes é a discussão sobre seus usos e características, enfim, de sua própria natureza. Busca-se, nesta parte, acentuar a importância do cartaz de propaganda para a política hitlerista, mostrando algumas estatísticas que corroboram essa afirmação, além de mostrar que o cartaz é portador de duas mensagens distintas, respectivamente, a mensagem semântica, formulada em palavras, que são semantemas reconhecíveis a todos, e a mensagem estética, transmitida pela imagem que se baseia em elementos de percepção implícitos tanto no emissor como no receptor. A percepção desta dualidade mostrar-se-á de suma importância para a análise histórica das fontes que serão analisadas. Como marco teórico da interpretação das fontes será apresentada a iconologia, um ensaio de metodologia que busca conduzir o processo interpretativo de percepção do significado político da imagem, discussão que encerra a última etapa do primeiro capítulo, que discute “O cartaz de propaganda como fonte histórica: usos e metodologias”.

Partindo da apresentação do questionamento e da problematização das fontes, além do arsenal teórico que pautará a análise histórica, dedicar-se-á, no capítulo 2 (“As origens do anti-semitismo nacional-socialista”), a uma pequena genealogia do anti-semitismo nacional-socialista. Esta idéia foi desenvolvida primeiro sob a forma de antijudaísmo, essencialmente religioso, ainda na Idade Média, e foi sendo desenvolvida e ampliada ao longo dos séculos assumindo caracteres sociais e econômicos, como veremos na primeira parte deste capítulo (“Do antijudaísmo ao anti-semitismo”). Com a chegada do século XVIII, do Iluminismo e a conseqüente laicização da sociedade, o significado estritamente religioso vai perdendo força e sendo substituído gradualmente pelo racial. Com o desenvolvimento da ciência biológica no século XIX, especialmente da teoria da seleção natural de Darwin, a idéia sobre a existência de raças humanas foi se delineando de tal maneira que adquiriu um estatuto de verdade, amparando pela credibilidade do discurso científico, como veremos na segunda parte deste

capítulo (“O anti-semitismo racialista”). Finalmente, analisaremos como Adolf Hitler recebeu estas idéias religiosas, políticas e científicas e desenvolveu sua forma peculiar de anti-semitismo acrescentando um elemento inédito, a saber, o eliminacionismo, e conformando uma cultura política que continha pontos de vista “*formulados de maneira mais ou menos matizada, [que] eram aceitos há duas ou três gerações por numerosos espíritos, na Alemanha e fora da Alemanha*”⁴, como argumenta Poliakov. Assim, não se considera o anti-semitismo como um *a priori* no aparelho cognitivo dos alemães, mas como um dos componentes de um conjunto extenso e variado de elementos de caráter histórico, político, social, cultural, artístico e “racial” que caracterizam o nacional-socialismo, cuja análise é o tema principal deste estudo.

A análise dos cartazes de propaganda será feita no capítulo 3, sendo dividido em três partes. Primeiro analisaremos “A propaganda antibolchevista”, um elemento muito importante na propaganda nacional-socialista e em seu anti-semitismo, como veremos, e que normalmente não recebe muita atenção nos estudos sobre o Terceiro *Reich*. A seguir, o estudo analisará “A propaganda anti-semita e o estereótipo pejorativo do judeu”, uma de suas características mais marcantes, já que o racialismo nacional-socialista precisava encontrar uma maneira de instruir a população alemã a reconhecer os judeus através de características fenotípicas exageradas e caricaturais. Por último, estudaremos “O mito da conspiração mundial plutocrato-judaico-bolchevista”, importante fator para o estabelecimento de uma interpretação do contexto histórico da época que inspirasse, ao mesmo tempo, medo e confiança nos alemães: medo da união das potências inimigas em torno da “judiaria mundial” contra a Alemanha e confiança na possibilidade de sua derrota. Como veremos, uma série de argumentos políticos foram utilizados para justificar a guerra e a destruição dos judeus.

⁴ POLIAKOV. *O mito ariano*, p. 16.

CAPÍTULO 1

A CULTURA POLÍTICA DO NACIONAL-SOCIALISMO

1.1 – CULTURA POLÍTICA: CONCEITO E PROBLEMATIZAÇÕES

Ao realizar este estudo sobre o nacional-socialismo através do conceito de *cultura política*⁵, escolheu-se concentrar a discussão na busca pela compreensão dos argumentos que teriam motivado uma série de comportamentos políticos tomados pelo povo alemão no relativamente curto espaço de tempo que compreende o período entre 1919, ano da filiação de Hitler ao antigo Partido Trabalhador Alemão (*Deutsche Arbeiter Partei* - DAP), data que marca o início do recorte cronológico do presente estudo, até 1945, ano da derrota alemã na Segunda Guerra Mundial e do conseqüente fim do chamado Terceiro *Reich*. Este recorte cronológico é mais alargado do que aquele que enfoca o Nazismo apenas durante a ditadura de Adolf Hitler, ou seja, entre 1933 e 1945, pois tem a intenção de buscar perceber nestes primeiros quatorze anos de existência do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Partei* – NSDAP) o movimento de reapropriação e ressignificação de valores políticos, sociais, culturais e artísticos disponíveis na cultura alemã, de modo a consolidar um *corpus* doutrinário e ideológico único, com um significado e objetivos políticos bastante nítidos, portadores de pretensões totalitárias. Assim, buscando o entendimento de aspectos ligados à cultura política, procurou-se ampliar o olhar sobre o tema e enxergar o Nazismo não apenas como um movimento totalitário que conquistou poder político, militar e institucional, mas também ver a cultura política do nacional-socialismo como um agente mobilizador e ressignificador de valores em resposta à crise e aos problemas vividos na Alemanha no pós-guerra.

⁵ A discussão sobre o conceito baseia-se nas reflexões de BERSTEIN. *A cultura política* e KUSCHNIR; CARNEIRO. *As dimensões subjetivas da política*.

De modo a destacar a diferença entre o movimento político composto pelo NSDAP e posteriormente pelo governo hitlerista e a propaganda política, serão usados, ao longo do texto, dois termos distintos. O movimento político cuja ação se faz no “mundo real”, no Estado, no exército, nas instituições em geral, ou seja, que faz uso do poder e da violência sob a forma de terror no mundo histórico da existência humana, será aqui referido como “ditadura hitlerista”. A propaganda política, essencialmente totalitária, que “*cria um mundo fictício capaz de competir com o mundo real*”⁶ caracterizado pela coerência entre seus elementos, pela idéia de infalibilidade de suas previsões e principalmente por se tratar de uma cristalização de elementos da cultura alemã em um *constructo* que contém uma explicação única sobre o passado, uma série de propostas de ação política voltada para o presente e uma projeção idealizada sobre futuro, será aqui chamado de nacional-socialismo.

Esta diferença de terminologia, baseada nos conceitos de “aparelho (repressivo) de Estado” e “aparelho ideológico de Estado”⁷, respectivamente, tenta manter, ao longo do texto, a diferença entre o regime e seu discurso legitimador, sem ignorar, entretanto, o fato de que um depende reciprocamente do outro. Ou seja, tanto o discurso tenta justificar o regime como o regime pode modificar-se para corresponder ao seu discurso. A propaganda política almeja a adesão pelo consenso, tentando ganhar seguidores para sua causa através da apresentação de argumentos dirigidos aos “corações e mentes”, ao passo que o terror totalitário age através da coerção sobre aqueles que não aderiram ao projeto político ou que a ele ainda resistem, ativa ou passivamente, agindo de maneira contrária àquela proposta ou apenas não se adequando a ela. O nacional-socialismo é um conjunto de idéias que se pretende totalitário, ou seja, que tem por objetivo ulterior a dominação da Alemanha e, por fim, a dominação mundial. Ele se

⁶ ARENDT. *O sistema totalitário*, p. 457.

⁷ Cf. ALTHUSSER. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*.

baseia no racismo de tal maneira que transforma o anti-semitismo e o arianismo, em alguma medida presentes na sociedade alemã, “*em princípio de autodefinição, libertando-o assim da inconstância de uma mera opinião*”⁸, ou seja, o nacional-socialismo propõe “*muito mais do que um mundo submetido e explorado pelos arianos: ele deverá ser um mundo tornado ariano*”⁹, o que requer a eliminação *de facto* [Vernichtung]¹⁰ de todos aqueles não-arianos, especialmente os judeus.

Para isso, seria necessário o uso da força, um elemento que a propaganda realizada através de cartazes, pelo menos até onde a presente pesquisa conseguiu avaliar, jamais menciona diretamente, nem estimulando a violência física contra os judeus nem publicando quaisquer informações sobre o sistema coercitivo estatal (SS, Gestapo, campos de concentração, julgamentos, etc.). A aplicação da violência seria permeável apenas através de “*suas lacunas, as perguntas que ele [o governo] prefere não discutir em público, os boatos que não ousa contradizer porque ferem, embora de modo exagerado e distorcido, algum ponto fraco*”¹¹. Este “ponto fraco” é exatamente o fato de suas previsões de um futuro idílico para os arianos dependiam do manejo constante da força contra alemães (judeus ou não) ou não-alemães. Como veremos, em algumas situações, apesar da linguagem agressiva e brutal, Hitler não admitiu o uso programático da violência, que caracteriza o Nazismo como o conhecemos, preferindo dizer que a eliminação dos judeus seria uma consequência da guerra.

Ao longo do livro-programa *Mein Kampf*, publicado em duas partes, respectivamente, em 1925 e 1927, Hitler desenvolve algumas reflexões sobre a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e conforma os primeiros elementos de uma interpretação que se tornaria

⁸ ARENDT. *O sistema totalitário*, p. 406.

⁹ LACOUÉ-LABARTHE. *O mito nazista*, p. 62.

¹⁰ A palavra *Vernichtung* é um substantivo derivado de *nicht* (não) acrescido do prefixo *ver-*, que aqui funciona como perfectivo; ou seja, “denota a execução plena de uma ação até o fim”. (Cf. FLEISCHER. *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*, p. 325), indicando, portanto, a completa negação e eliminação.

¹¹ ARENDT. *Op.cit.*, p. 405.

majoritária na Alemanha, seja pela aceitação popular ou, pelo menos, por se tornar a orientação para a tomada de decisões governamentais. A Guerra, em sua visão, teria sido provocada por uma “conspiração judaica internacional”, o que ele repetiria até o fim de sua vida. “Profetizando” que se os judeus provocassem novamente uma guerra, Hitler anunciou, em 30 de janeiro 1939, que “*o resultado [disso] não será a bolchevização do mundo e com isso a vitória dos judeus, mas sim a eliminação da raça judaica na Europa*”¹². Mesmo sem maiores detalhes, este primeiro anúncio do destino cruel que fora preparado aos judeus, àquela altura já internados em campos de concentração, deixa claro que a eclosão da guerra marcou uma radicalização de medidas para controle do *front* interno que já vinham sendo delineadas desde o início do governo, em 1933.

Um controle social absolutamente rigoroso, conduzido pelo Estado através do sistema judiciário e da polícia e alimentado por denúncias de civis, tinha o objetivo de evitar o que teria acontecido no final da Primeira Guerra Mundial, que Hitler classificava como “punhalada nas costas” [*Dolchstoß*]. Segundo ele, enquanto os soldados lutavam no *front*, a imprensa judaica teria promovido uma desmoralização das tropas, retirado a legitimidade da luta e ainda incentivado “agitações sediciosas” e “sabotagens” ao esforço de guerra como greves nas indústrias armamentistas e protestos de civis. A propaganda estrangeira penetrava na Alemanha através do rádio sem que o governo alemão da época se preocupasse em tomar qualquer medida restritiva a este tipo de “ação corrosiva do inimigo”.

O manejo seguro de um controle social de extensão nacional requeria uma esfera de poder muito ampla, eficaz e, de modo a evitar protestos e deslegitimação política, ser constituída em uma “esfera de legalidade”. Para isso, entra em cena o recurso às instituições

¹² “[...] dann wird das Ergebnis nicht die Bolschewisierung der Erde und damit der Sieg des Judentums sein, sondern die Vernichtung der jüdischen Rasse in Europa”. DOMARUS (org.). *Hitler Reden*, t. III, p. 1058, *apud* GELLATELY. *Hingeschaut und wegesehen*, p. 207. Tradução do autor.

de manutenção da ordem – a polícia – e de resolução de conflitos – o judiciário – que se tornaram os braços da lei nazista e os condutores mais importantes da política nazista em nível social. A aceitação dessa legalidade não viria de um respeito doentio a essas instituições, nem tampouco da autoridade que elas imporiam *de per se*, mas seria construída através da mídia e da imprensa, através das quais os alemães tiveram acesso a informações sobre a Gestapo e os campos de concentração, apresentadas sob a forma de uma teoria “científica” sobre a criminalidade, calcada na ideologia racista mas racional e coerente em si, justificando a necessidade de campos de trabalho para delinquentes e da reclusão duradoura de reincidentes, da prisão preventiva e da aplicação da “ergoterapia” (*Arbeitstherapie*) a transgressores de várias espécies.

Certas atitudes consideradas “não-alemãs”, passando pelas “transgressões sexuais” como homossexualismo, promiscuidade e prostituição e por “desvios de comportamento” como alcoolismo, mendicidade, preguiça, vagabundagem e recalcitrância, eram detestadas por muitos dos “bons cidadãos”, que sentiam falta da sociedade disciplinada de 1914, identificando a degenerescência à democracia de Weimar. Os valores de “compostura e ordem, disciplina e decência” tinham muito a ver com o severo padrão de comportamento do passado prussiano. Estes valores seriam uma espécie de código ou um conjunto de referentes que foram formalizados na doutrina do Partido Nacional-Socialista (NSDAP) e, mais largamente, já estaria difundido no seio da família ou da tradição política prussiana¹³.

Com isso pretende-se mostrar que certos valores disponíveis na cultura alemã foram mobilizados pelo governo nazista com fins políticos, e encontravam nos cidadãos comuns, politizados ou não, uma aceitação relativamente fácil, visto que já partilhavam desses valores, devendo apenas serem levados a enxergá-los numa perspectiva ampla o bastante de modo a

¹³ Cf. GELLATELY. *Hingeschaut und weggesehen*.

abranger também a esfera do político. Como afirma Goebbels, em um discurso para membros do partido no curso da “Escola superior de política” (*Hochschule für Politik*), em uma série de treinamentos para futuros propagandistas ocorrida em 1928,

“Eu sou um nacional-socialista não quando eu quero isto ou aquilo da política, mas quando eu considero todos os aspectos da vida. [...] Eu sou um nacional-socialista quando eu vejo tudo em política, cultura e economia deste ponto de vista”¹⁴.

Em outras palavras, deveriam apenas entender, através da propaganda, que o comportamento “transgressor” individual não pode ser facilmente ignorado como sendo parte da esfera da vida privada de um indivíduo, mas que teria um alcance mais alargado, abrangendo a sociedade como um todo. Assim, os cidadãos comuns se tornariam parte do sistema coercitivo do Estado, contribuindo com aceitação e, não raro, com participação no terror totalitário.

Se, com isso, alemães passaram a se voltar contra alemães, não é difícil mostrar que o ódio a judeus, ciganos, poloneses e russos era exercido sem mais embaraços. Estes grupos humanos foram considerados indesejáveis na ordem social nazista, e tiveram sua “interferência perniciosa” à sociedade perfeita idealizada pelo nazismo definida em termos raciais. Esta idéia de sociedade perfeita era a “comunidade popular” (*Volksgemeinschaft*), um conjunto coerente em que os elementos estão em estreita relação uns com os outros, balizando um ideal de sociedade perfeitamente harmônica, disciplinada e que funcionaria em função da ideologia nazista.

A execução desta sociedade racial “ariana” necessitaria, de acordo com o julgamento de Hitler, da ausência de todas as outras “raças” do território alemão e, posteriormente, de

¹⁴ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “I am a National Socialist not when I want this or that from politics, rather when I consider all aspects of daily life. [...] I am a National Socialist when I see everything in politics, culture or the economy from this standpoint”. “Erkenntnis und Propaganda”. In: *Signale der neuen Zeit*. 25 ausgewählte Reden von Dr. Joseph Goebbels. URL: <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/goeb54.htm>. Tradução do autor.

toda a Europa, chegando a declarar “*que a guerra só pode terminar com o seguinte: ou os povos arianos serão exterminados, ou os judeus desaparecerão da Europa*”¹⁵. Hitler enxergava uma conspiração judaica mundial que visava destruir a Alemanha, além de considerar os judeus e ciganos que habitavam o *Reich* como elementos de “decomposição social”, potencialmente capazes de “infectar o sangue alemão”.

A divulgação do anti-semitismo aconteceu aos poucos, mas de maneira eficaz, até que, nos últimos anos do Terceiro *Reich*, pode-se dizer que foi realizada com extrema eficiência, já que grande parte dos alemães compartilhariam desta visão discriminatória institucionalizada e se sentiriam cada vez mais como parte da “raça dominante”. “*A interiorização destas razões de comportamento teria criado automatismos que funcionavam como um atalho da diligência racional*”¹⁶. Melhor dizendo, o anti-semitismo oficial encarnou-se em um grupo significativo de alemães, que passaram a conduzir suas vidas pautados por este conjunto de significantes, tomando-o como referência em sua conduta e em suas opiniões políticas. As deportações eram consideradas benéficas, os campos de concentração, um mal necessário, e o extermínio em massa, na amplitude em que foi divulgado pela mídia, uma ação justificada e acertada de acordo com os parâmetros vigentes no governo e na sociedade nazistas. Pode-se apontar como exemplos deste automatismo a ausência de protestos contra a segregação racial, o afastamento de judeus do serviço público, da medicina, do direito, da academia e posteriormente de toda a vida social, e até da própria vida. Casos relatados por Gellately e Goldhagen mostram de que maneira a segregação racial estava disseminada na sociedade. Os alemães começaram a

¹⁵ “daß der Krieg nur damit enden kann, daß entweder die arischen Völker ausgerottet werden, oder daß das Judentum aus Europa verschwindet”. GELLATELY. *Hingeschaut und weggesehn*, p. 209. Tradução do autor. Pode-se ressaltar que o tom de Hitler é eufêmico, uma vez que usa o verbo *ausrotten*, sinônimo de *vernichten* (eliminar, obliterar) em relação aos arianos, usando o verbo *verschwinden* (desaparecer) para os judeus, como se, neste ponto, bastasse aos judeus se retirarem da Europa por livre e espontânea vontade, ou como se esta fosse realmente uma alternativa viável.

¹⁶ BERSTEIN. *A cultura política*, p. 361.

participar de boicotes contra estabelecimentos comerciais pertencentes a judeus, depois a depreda-los, ignorando sua presença e compactuando com o “gueto invisível” criado pela obrigação do uso da estrela amarela com a inscrição “*Jude*” em preto costurada às roupas dos judeus maiores de seis anos de idade¹⁷, aceitando ou, no mínimo, silenciando-se em relação às deportações, não se constringendo em explorar sua mão-de-obra nas indústrias, no comércio, nos campos e até nas próprias residências e ignorando suas mortes.

Um estudo deste fenômeno histórico que se proponha a perceber a interação dinâmica entre a coerção e o consenso, entre o autoritarismo e a participação política e entre o Estado e as massas, contribuiria para a compreensão da enorme variedade de fatores que propiciaram a existência e a sobrevivência de uma ditadura populista que conseguiu mobilizar um enorme contingente humano em torno de uma causa que, vista de hoje, é absurda e sem dúvida alguma repreensível como projeto político, assim como o são suas fundamentações e as suas próprias ações.

Com isso pretende-se ressaltar a importância da perspectiva da cultura política, que não leva a uma explicação única, mas permite adaptar-se à complexidade dos comportamentos humanos. É muito difícil generalizar qualquer afirmação a respeito dos alemães sem incorrer em uma forma de juízo de valor. Se é estabelecida como tarefa principal a tentativa de *compreensão*, seria conveniente explicitar que ela é entendida aqui como uma atividade interminável de reflexão, cujo resultado é o significado. A compreensão precede e sucede o conhecimento sobre o momento e os fenômenos históricos aqui tematizados; ou seja, com a atenção voltada ao comportamento político do governo nazista e do povo alemão como um todo, buscar-se-á compreender os motivos que teriam levado a certa forma de conduta por

¹⁷ Cf. Polizeiverordnung über die Kennzeichnung der Juden (01.09.1941). In: documentArchiv.de [org.], URL: <http://www.documentArchiv.de/ns/jdnstern.html>.

parte do povo alemão, especialmente. Deve-se ressaltar que a preocupação de compreender constantemente se volta à sociedade alemã, não sendo o objetivo aqui buscar uma justificção para a elaboraçção da ideologia nazista por parte dos membros do NSDAP nem tampouco para a tomada de decises polítics em nível governamental. Em outras palavras, não se busca aqui explicar a lógica externa do nacional-socialismo, ou seja, assumir que o partido e o governo nazistas tiveram seus motivos para pensar e agir da maneira como o fizeram e levantar dados de forma a construir uma elucidacção ou justificativa do nacional-socialismo enquanto proposta política, o que, em si, já se constituiria em um discurso apologético portador de um significado político inaceitável. Não se considera aqui, em momento algum, que

tout comprendre c'est tout pardonner. [...] Perdoar, no entanto, tem tão pouco a ver com compreender, que não é sua condiçção nem sua consequência. Perdoar é uma açção única que culmina em um ato único. A compreensão é interminável e, portanto, não pode produzir resultados finais.¹⁸

A compreensão aqui assume a forma de uma busca por uma espécie de entendimento *ex post facto* do significado e do sentido que o nacional-socialismo construiu e divulgou ao povo alemão através da mídia e da propaganda política e que tornou-se, para os alemães, a baliza para sua conduta social e política. O estudo que se propõe aqui não argumenta pela simples absolviçção ou perdão, mas busca a compreensão da especificidade do nacional-socialismo enquanto um ideário que permitiu a explicacção do movimento da história como um processo único e coerente e que definiu um conjunto de referentes negativos de identificacção para todo um povo. Esta crítica deve ser feita com cuidado, evitando excessos e buscando uma análise ponderada, “*de tal modo que o questionamento de uma mitologia [...] não sirva,*

¹⁸ ARENDT. *A dignidade da política*, p. 39.

*como às vezes ocorre, de expediente fácil e, no fundo, de procedimento dilatatório (e um pouco racista, ou, ao menos, vulgarmente anti-alemão) para se evitar a análise*¹⁹.

Dada a brutalidade da política hitlerista e as terríveis conseqüências humanas que esta proposta política gerou, torna-se bastante difícil não se dedicar ao mero levantamento dos crimes, atrocidades e dos requintes de crueldade com os quais esses foram perpetrados. Pode argumentar “*que tais métodos não favorecem os esforços para compreender, na medida em que afogam tudo o que é desconhecido e carece de compreensão em um mar de familiaridades e plausibilidades*”²⁰.

Contudo, deve-se tentar entender o nacional-socialismo como “*uma leitura comum do passado*” e uma “*projeção no futuro vivida em conjunto*”²¹ em um país de cerca de 65 milhões de habitantes, para grande parte dos quais, naquela época, este conjunto de idéias, de interpretações normativas sobre a história que os faziam tomar parte coletivamente do passado, de perspectivas de futuro, de normas, de crenças, de valores e de sentimentos fazia sentido, além de emanar da sociedade ao mesmo tempo em que era mobilizado pelo Estado.

Desta maneira, o Nazismo não é tomado aqui como um fenômeno histórico caracterizado pelo irracionalismo, uma “*acusação apressada, brutal e na maior parte do tempo cega*”²². Ao contrário, tentar-se-á identificar, através da análise dos cartazes de propaganda, uma certa lógica interna dos argumentos, premissas, opiniões e juízos que compõem o nacional-socialismo, lógica esta que é apresentada repetidamente sob variadas formas tencionando divulgar suas representações normalizadas sobre as diferentes questões. Esta lógica pode ser encontrada na própria estrutura do discurso ideológico nazista, que

¹⁹ LACOUÉ-LABARTHE. *O mito nazista*, p. 21.

²⁰ ARENDT. *A dignidade da política*, p. 44.

²¹ SIRINELLI *apud* BERSTEIN. *A cultura política*, p. 351.

²² LACOUÉ-LABARTHE. *O mito nazista*, p. 25.

assume a forma de uma cultura política, entendida como “*um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama*”²³, tomando como suposição básica o fato de que “*o reconhecimento de que a institucionalização de valores e normas culturais, observada no nível dos indivíduos, tem grande importância na definição dos outcomes do sistema político*”²⁴.

Esta cultura política, ao fim e ao cabo, teria sido a base sobre a qual se fundamentou o movimento político; respectivamente chamados aqui de nacional-socialismo e Nazismo. Desta maneira, não se pode esperar compreender as atrocidades nazistas sem uma análise demorada do discurso que foi elaborado para persuadir a grande maioria do povo alemão a querer, aceitar ou, no mínimo, não resistir a ser guiado (literalmente, *geführt*) por Hitler no seu papel de *Führer*²⁵.

Em outras palavras, a tarefa aqui é a de tentar compreender como a propaganda nacional-socialista manifestou-se ao povo alemão, de quais elementos históricos, sociais, culturais e artísticos se apropriou e como conformou um *constructo*, apresentado através dos cartazes de propaganda, dotado de uma aparência de legitimidade política que, suspeita-se, tenha conferido à propaganda a força de persuasão necessária para que tenha sido eficaz em sua tarefa de conquistar adeptos entre o povo alemão.

²³ BERSTEIN. *Op. cit.*, p. 350.

²⁴ Cf. KUSCHNIR; CARNEIRO. *As dimensões subjetivas da política*.

²⁵ O substantivo *Führer* significa “pessoa que lidera uma organização, movimento etc.”. Mais interessante do que adotar a simples tradução por “líder” seria apontar a etimologia do verbo *führen*, do qual deriva o substantivo *Führer*, que significa “colocar em movimento, fazer andar” ou como “mostrar o caminho a alguém, no qual se vai junto, guiar”. Assim, este título indica mais do que a simples liderança ou autoridade às quais se devia obediência, mas também aquele que cria e apresenta um novo caminho, uma nova ideologia, ou um novo mito. Curioso notar, também, que o verbo *verführen*, formado pelo acréscimo da partícula perfectiva *ver-*, significa seduzir, tentar, induzir, “levar alguém a fazer algo imprudente, errado ou proibido contra sua real intenção”. Cf. DUDEN, *Deutsches Universalwörterbuch*.

1.2 – A PROPAGANDA POLÍTICA NACIONAL-SOCIALISTA: CONCEITOS E INTERPRETAÇÕES

Antes de se iniciar o estudo da propaganda nacional-socialista propriamente dita, ou seja, antes de elencar os temas a serem estudados e descreve-los a partir da análise dos cartazes de propaganda, seria importante que se fizesse um estudo teórico e conceitual, de caráter preliminar, que definisse a propaganda política conceitualmente, através do debate teórico construído por alguns autores escolhidos sobre a propaganda política, de modo a compreender as especificidades deste tipo de comunicação unilateral que é estabelecida entre o Estado e as massas.

Serge Tchakhotine²⁶ é um dos primeiros autores que discutiu sobre a propaganda nazista. Sua primeira edição, publicada em julho de 1939, analisa a propaganda nazista através da psicologia objetiva, destacando-se a teoria dos reflexos condicionados de Pavlov. Essa teoria é fundada sobre uma experiência de base: um torrão de açúcar é apresentado a um cão imobilizado que, naturalmente, saliva. Em seguida, além da apresentação do torrão de açúcar é acionada uma buzina. Com a repetição do processo, o cão passará a salivar apenas com o acionamento da buzina, ou seja, ter-se-á criado um reflexo condicionado. O açúcar é o *agente condicionador simples*, que tem seu papel substituído pela buzina, o *agente condicionador complexo*.

Nessa linha, Tchakhotine chega ao seguinte raciocínio: eventos públicos, comícios, discursos, promessas políticas, e até mesmo atos de guerra, entre outros, agem como agentes condicionadores simples, isto é, eles causam certas excitações nas pessoas, certos estados emocionais que provocam reações na mente, que são posteriormente evocadas pelos símbolos, o agente condicionador complexo, no caso. Esses símbolos são classificados em três grupos:

²⁶ TCHAKHOTINE. *A mistificação das massas pela propaganda política*.

símbolos gráficos (e.g. cruz gamada), símbolos plásticos (realizados com um movimento do corpo, como a saudação com o braço levantado à romana) e símbolos sonoros (como hinos e marchas).

Tchakhotine acentua que os símbolos não tem o poder em si mesmos, não são “mágicos”; são simples evocadores de estados emocionais e, se não tiverem seu poder de evocação renovado constantemente com novas associações a eventos políticos, perdem seu efeito.

Entretanto, seria complicado considerar que esse mecanismo de condicionamento funcione da mesma maneira em todas as pessoas. No universo do político, marcado pela inevitável diversidade do humano, as reações e emoções criadas, se Pavlov estiver certo em relação aos humanos assim como está em relação aos cães, seriam tão variadas que talvez não tivessem força política de coesão e guia de uma população de 65 milhões de habitantes, como tinha a Alemanha na época.

Essa interpretação retira do humano a sua capacidade de pensar, de reagir de acordo com suas vontades, seus desejos, de lutar por suas idéias e contra as que lhe são contrárias. Não se pode dizer que a propaganda agia exclusivamente na esfera emocional, ou que fosse um mero reflexo condicionado, sob o risco de

esquecer que a sua aquisição faz supor um raciocínio, que pô-la em prática com um dado fato implica análise ou, pelo menos, a adesão a uma análise proposta e que, se o compromisso é um ato do ser profundo, ele não é nem impulsivo, nem irrefletido.²⁷

Assim, é preciso ter em mente que a propaganda nacional-socialista agia na esfera emocional do indivíduo, mas é preciso afastar a noção de que a propaganda era um processo de lavagem cerebral ou de hipnose coletiva. E, mesmo que a emoção tenha um papel

²⁷ BERSTEIN. *A cultura política*, p. 360-361.

importante para intensificar a eficácia da propaganda, não se pode desconsiderar os fatores racionais que, em última instância, efetivamente motivam um indivíduo a tomar parte de um movimento político. Os alvos da propaganda são, ao mesmo tempo, os “corações e mentes”, como dizia Goebbels.

Tratando das formas de organização da propaganda política, Tchakhotine descreve algumas regras gerais. A primeira delas seria “*um controle exato da execução e do alcance das medidas adotadas pela propaganda*”²⁸, na forma de uma avaliação constante do efeito produzido, orientando campanhas de propaganda posteriores. Ainda, seria necessária a “*centralização da direção*”²⁹, desde a elaboração à execução, fator de suma importância para o sucesso da campanha de propaganda. A centralização da direção da propaganda nacional-socialista era realizada em torno do ministro da propaganda, Joseph Goebbels, também chamado de *Reichspropagandaleiter* [líder/gerente/diretor de propaganda do *Reich*]. Esta centralização era realizada através do chamado *Führerprinzip* [princípio de liderança], preconizado por Hitler como o princípio de organização de todas as instâncias governamentais, um sistema piramidal que concentra a autoridade e responsabilidade de um grupo em um único líder.

O último ponto para a direção da propaganda é a formação de equipes de especialistas e agitadores, que seria instruídos e inflamados por cursos de propaganda e por reuniões de esclarecimento. “*A prática da luta na Alemanha mostrou que era o melhor meio de organizar rapidamente as campanhas políticas*”³⁰.

Se a propaganda nacional-socialista conseguiu indubitavelmente ser bem sucedida em seus objetivos, uma vez que boa parte da população alemã voltou-se contra os judeus, não foi

²⁸ TCHAKHOTINE. *A mistificação das massas pela propaganda política*, p. 295.

²⁹ *Ibidem*, p. 296.

³⁰ *Ibidem*.

graças a uma elaboração teórica sofisticada e revolucionária por parte dos nazistas. Segundo Tchakhotine, Hitler não teria emitido qualquer idéia original na sua propaganda, tendo se inspirado completamente nas campanhas de propaganda dos movimentos socialistas e do fascismo italiano. De fato, Hitler diz que *“muito se poderia ter aprendido do inimigo, sobretudo aquele que, de olhos abertos e com o sentido alerta, observasse a onda de propaganda inimiga durante os quatro anos e meio de guerra”*³¹. Ele, se dizendo um observador atento dos acontecimentos políticos, inspirou-se nestes movimentos políticos para compor sua propaganda. *“O que caracteriza portanto, Hitler, é a aplicação conseqüente e em enorme escala das regras dessa propaganda”*³².

Segundo Domenach³³, existem duas fases para a elaboração dessa propaganda: a formação de reflexos e o seu colocar em funcionamento, e a sua utilização ritmada para criar um estado de inibição. A primeira fase consiste em transmitir as idéias positivas, como felicidade, poder, grandeza e prosperidade a símbolos, como a cruz gamada, a fisionomia do chefe, as saudações e *slogans*; a segunda é a repetição desses símbolos com a intenção de criar uma inibição, resultante da constatação que o poder é o *Führer*.

Domenach conclui que a propaganda nazista joga com os dois pólos da vida nervosa, a exaltação e o terror, conclusão parecida com a de Karl Leonhard, que define este movimento como uma *“oscilação entre esperança e medo [...] durante e com a qual a vontade se origina e se intensifica. Sem esperança e sem medo não surge nenhuma vontade”*³⁴. De fato, esses pólos podem ser observados nos cartazes de propaganda nazista de maneira muito clara, uma

³¹ HITLER. *Minha luta*, p. 122.

³² TCHAKHOTINE. *op.cit.*, p. 364.

³³ Cf. DOMENACH. *A propaganda política*.

³⁴ Lê-se no original: “[...] Hin- und Herschwanken zwischen Hoffnung und Befürchten [...] und gleichzeitig damit entsteht und wächst der Wille. Ohne Hoffnung und ohne Befürchtung kommt kein Wille zustande.” LEONHARD, *Der Wille des Menschen im Denken und Handeln* apud ZIMMERMANN. *Zur Bildsprache des Nationalsozialismus im Plakat*. In: RÜGER. *Kunst und Kunstkritik der dreißiger Jahre*, p. 226. Tradução do autor.

vez que pode-se dividir a propaganda nacional-socialista em dois grandes temas, a saber, a propaganda arianista e a anti-semita, divisão adotada no presente estudo. Ao se fazer a análise da propaganda arianista, observar-se-á a construção da esperança, do otimismo e de um discurso de auto-afirmação e valorização de características positivas atribuídas aos “arianos”, que evocam elementos da cultura alemã, propõe atitudes e posturas para o presente (especialmente durante a guerra), e em alguns casos fazem vagas profecias sobre o futuro. Da mesma maneira, em polaridade oposta, a propaganda anti-semita lida com o medo e o terror, na maioria dos casos, através da enunciação das características negativas atribuídas aos judeus e de seus pretensos planos de dominação mundial e de eliminação da Alemanha.

O que se pode perceber no discurso da propaganda nacional-socialista é que essa distinção entre arianos e judeus se construía sobre uma concepção racista que é por essência determinista nos seus pressupostos.

A Alemanha era considerada pelos nazistas como um país que deveria pertencer unicamente aos arianos, e todos os não-arianos de lá deveriam ser expulsos. Dessa maneira, dever-se-ia satisfazer os anseios dos adeptos da purificação da raça e da pátria, aumentando sua concordância à política estatal. Neste sentido, o discurso racista que louva a “raça ariana” tem um tom encomiástico e serviria para estabelecer e reforçar a suposta diferença que separaria arianos de judeus, tentando justificar, afinal, as políticas segregadoras estabelecidas pelo governo nazista.

Antes da análise do arianismo e do anti-semitismo, é importante uma caracterização da principal fonte histórica a ser usada, a saber, o cartaz de propaganda, bem como uma definição teórica da metodologia que será usada ao longo deste estudo.

1.3 – O CARTAZ DE PROPAGANDA COMO FONTE HISTÓRICA: USOS E METODOLOGIA

O cartaz é um aviso de grande formato próprio para a afixação em ambientes amplos ou ao ar livre. Os cartazes eram normalmente afixados em muros, colunas, cabinas telefônicas ou em estabelecimentos comerciais. Existem fotos que mostram uma espécie de mural envidraçado colocado na parede externa da sede do NSDAP em Munique, no qual eram afixados cartazes que ficavam protegidos da chuva e da superposição de outros cartazes. Pode-se ter uma noção da grandeza da produção e distribuição dos cartazes de propaganda a partir de duas fontes. A primeira referência quantitativa³⁵ é do ano de 1937, e diz respeito à exposição “*Gebt mir vier Jahre Zeit*” [Dê-me mais quatro anos]. Um cartaz impresso em ofsete de seis cores que mostra Hitler em frente a uma paisagem industrial teve uma edição de 100.000 pequenos cartazes em cartolina no formato 29,7 x 42 cm, com furos para serem pendurados na parede; 75.000 cartazes de 84 x 238 cm para a afixação em colunas; e 15.000 cartazes de 84 x 119 cm. A segunda fonte faz referência à emissão de cartazes no primeiro ano da guerra, e é dada pela revista *Unser Wille und Weg*³⁶ [Nossa vontade e caminho], destinada exclusivamente a propagandistas das diversas subdivisões regionais e locais do Ministério da Propaganda. A edição de número 11, publicada em janeiro de 1941, apresenta o trabalho de propaganda realizado no primeiro ano da Segunda Guerra Mundial. Ao todo, foram produzidos aproximadamente 7.766.000 cópias de doze cartazes diferentes, o que representa uma média de 485.000 cartazes por mês, ou 16.116 cartazes impressos por dia. Deste total, foram produzidos 1.950.000 cópias de quatro cartazes de texto, 3.050.000 cópias de cinco cartazes de imagem. Os dois cartazes do filme “*Der ewige Jude*” [O eterno judeu],

³⁵ ZIMMERMANN. *Zur Bildsprach des Nationalsozialismus im Plakat*. In: RÜGER (org.). *Kunst und Kunstkritik der dreißiger Jahre*, p. 234.

³⁶ “Die Arbeit der Partei-Propaganda im Krieg”. In: UNSER WILLE UND WEG, n.11, p.1-12, 1941. In: BYTWERK. *German Propaganda Archive*, URL: <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/warprop.htm>.

de propaganda anti-semita, tiveram uma edição de 23.000 cópias cada. Para a campanha de recolhimento de metal, foram feitas 520.000 cópias de cartazes de imagem e 330.000 cópias de cartazes de texto. Para divulgar as exposições de *slides* de fotos da guerra para os soldados da *Wehrmacht*, as forças armadas alemãs, foram produzidas 200.000 cópias. Os cartazes de divulgação de eventos promovidos pelo NSDAP também tiveram uma tiragem alta. Foram 700.000 cópias para anunciar os *Reichsparteitage*, os grandes comícios do NSDAP realizados no campo Zeppelin em Nuremberg, além de 1.300.000 cópias para anunciar os encontros de organizações menores do NSDAP.

O cartaz é, por definição, “*intransportável [...] ao encontro do qual vamos, em lugar de o termos em nossas mãos. É talvez esta situação respectiva do ser e do estímulo que define melhor o cartaz de publicidade ou propaganda*”³⁷. O cartaz oferece-se à leitura de maneira quase irrecusável. “*Quase ninguém podia evitar o cartaz colorido nas ruas [...]. Do cartaz ‘escapam só os cegos’, dizia-se no jargão nazista. Com o cartaz os nazistas começaram sua guerra de propaganda pela conquista das ruas*”³⁸. O discurso estético dos cartazes pode ser considerado muito mais eficaz e percuciente do que o discurso verbal, uma vez que atingia seus receptores mesmo que estes não o buscassem, pois passariam fatalmente em frente a um cartaz, ao contrário dos discursos falados em público ou através do rádio, que ainda permitiam, em alguns casos, ao possível receptor a escolha de ouvi-los ou não.

Basicamente, um cartaz é composto por uma imagem que trata normalmente de um único tema, responsável por atrair a atenção e cativar o olhar do receptor pelo maior tempo possível, acompanhada por um texto curto impresso em letras grandes, responsável por conduzir e limitar a interpretação da imagem pelo receptor. O cartaz adquire assim o estatuto

³⁷ MOLES. *O cartaz*, p.19.

³⁸ ZIMMERMANN. *Zur Bildsprache des Nationalsozialismus im Plakat*. In: RÜGER (org.). *Kunst und Kunstkritik der dreißiger Jahre*, p.223.

de “imagem comentada”, na qual não se pode dissociar o binômio imagem-comentário. A função do cartaz de propaganda é levar uma mensagem de um sistema institucional a um indivíduo receptor. Torna-se, pois, um elemento do mecanismo social, um modo de comunicação de massa.

Segundo Moles³⁹, o cartaz divulga duas mensagens distintas, mas indissolvemente ligadas: a mensagem semântica e a mensagem estética. A mensagem semântica ou denotativa é transmitida pelo texto. É explicitada ou explicitável, pois se baseia em um repertório de palavras, signos já conhecidos antes do ato de comunicação tanto pelo emissor como pelo receptor. A mensagem estética ou conotativa é transmitida pela imagem, e se baseia em um conjunto de elementos de percepção, subconscientes ou implícitos tanto no receptor como no emissor. O cartaz sugere mais do que diz, e evoca uma série de conotações que constituem um campo estético superposto ao campo semântico. A mensagem estética, entretanto, se empobrece na repetição e na longa exposição, sendo necessário ser renovada de modo a continuar conduzindo a atenção do receptor à mensagem semântica, visto que a repetição da imagem satura a visão. É por esse motivo que uma grande diversidade de cartazes normalmente é utilizada, seja na publicidade comercial ou na propaganda política, para aludir a um mesmo tema ou ponto de vista. Neste movimento pode-se perceber a dialética do cartaz, que age entre a “repetição e cansaço”, “estímulo e fadiga”⁴⁰, pois a repetição é necessária para a fixação da mensagem, ao mesmo tempo em que a fadiga provocada pela superexposição inibe a atenção do receptor.

Qualquer digressão que se faça não deve nunca modificar o sentido do fim visado pela propaganda, que deve acabar sempre afirmando a mesma coisa. O estribilho pode assim ser iluminado por vários lados, porém o fim de todos

³⁹ MOLES. *Op. cit.*, p. 49.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 44-45.

os raciocínios deve sempre visar o mesmo estribilho. Só assim a propaganda poderá agir de uma maneira uniforme e decisiva.⁴¹

Um tema recorrente em todos os cartazes selecionados a partir da amostragem recolhida durante a pesquisa a serem analisados neste estudo é o estabelecimento da diferença entre o judeu e o ariano. Os cartazes de propaganda realizam um processo de atomização dos argumentos, uma vez que partem do nacional-socialismo, uma cultura política extensa e intrincada, a um discurso próprio de vontade utilitária que elabora e apresenta “*uma mensagem global, unitária, baseada em uma constelação de atributos que evocam as conseqüências, positivas ou negativas, de um imperativo*”⁴². O imperativo refere-se tanto à identificação positiva do alemão ao ariano, através de um imperativo grosseiro que determina “seja um ariano”, quanto à identificação negativa do alemão ao judeu, na forma de “não-seja um judeu”. Este último imperativo traz consigo um outro, sub-reptício, que diz “odeie-o”. Esse par de imperativos seria o responsável por ativar os sentimentos de exaltação e terror ou de esperança e medo, já mencionados, responsáveis pela ação sobre a emoção do receptor. Neste tipo de mensagem pode-se encontrar o recurso à beleza ou à fealdade enquanto portadoras de um significado moral, político, cultural, todos eles sintetizados na idéia de um caráter “racial”⁴³.

Para se comunicar, é preciso agradar o receptor, e a estética se encarrega disso, através do jogo das cores e das formas. É na relação entre a forma e o conteúdo que a análise histórica dos cartazes de propaganda torna-se mais rica. Segundo Panofsky,

⁴¹ HITLER. *Minha luta*, p. 124.

⁴² MOLES. *Op. cit.*, p. 48.

⁴³ Utiliza-se a palavra “racial” entre parênteses pois ela indica aqui uma idéia encontrada com freqüência no discurso nazista, não sendo utilizada aqui, entretanto, enquanto uma subdivisão da espécie humana. Como afirma o biólogo Stephen Jay Gould, “Ninguém pode negar que o *Homo sapiens* seja uma espécie marcadamente diferenciada; poucos contestarão a observação de que as diferenças na cor da pele sejam o mais óbvio sinal dessa variabilidade. Mas a variabilidade não exige a designação de raça”, uma vez que não há diferenças genéticas consideráveis entre os vários grupos humanos. Cf. GOULD. *Darwin e os grandes enigmas da vida*, p. 230.

Numa obra de arte, não se pode divorciar “forma” de “conteúdo”: a distribuição de cores e linhas, luzes e sombras, volumes e planos, por aprazível que seja como espetáculo visual, precisa também ser compreendida como carregada de um significado mais que visual.⁴⁴

O método proposto por Panofsky para análise de obras de arte pode ser tomado como um referencial importante para o estudo do cartaz de propaganda. Sua proposta de método consiste em três etapas simples: a primeira seria a descrição pré-iconográfica, que consiste na percepção das configurações de linha e cor como representativos de objetos e de sua expressão, ou seja, voltada para o “significado natural”. A segunda etapa seria a identificação do tema, mensagem, assuntos e conceitos a que essas formas se relacionam. Os motivos portadores de um significado são chamados de imagem, estórias ou alegorias, e delimitam o “significado convencional”.

Sua identificação é chamada de análise iconográfica, e deve ser auxiliada pelo conhecimento de fontes literárias que testemunhem as tendências políticas e sociais do país sob investigação. Quando essas imagens, estórias ou alegorias são analisados como o reflexo da *“atitude básica de uma nação, de um período ou de uma crença filosófica”*, segundo Panofsky, a obra de arte se transforma em um documento da civilização que a produziu, e se faz o estudo que se poderia designar como iconologia, um processo interpretativo que tem como foco a percepção do “significado intrínseco” de uma imagem. Há de se ter em mente, contudo, que *“imagens são parte de toda uma cultura e não podem ser compreendidas sem um conhecimento daquela cultura”*⁴⁵. Como o cartaz de propaganda é um produto do governo hitlerista com um nítido significado ideológico e, diferentemente da publicidade comercial, é produto de uma interpretação única, pode-se dizer que o conhecimento da cultura política do nacional-socialismo faz-se necessária para uma rica interpretação de sua propaganda política.

⁴⁴ PANOFSKY. Significado nas artes visuais, p. 225.

⁴⁵ BURKE. *Testemunha ocular*, p. 46.

A fisionomia típica atribuída aos chamados “arianos” pode ser considerada uma projeção pois, apesar das representações não serem exatamente iguais, possuem traços bastante semelhantes que permitem que essas figuras sejam associadas ao conceito de ariano apresentado pelo nacional-socialismo. Da mesma maneira, e em um pólo oposto, está a fisionomia típica do judeu, que também representa um conjunto de conceitos formulados sobre suas características biológicas, políticas e sociais e que diferem absolutamente daqueles formulados sobre as características do ariano. Não apenas a fisionomia, mas a forma do corpo, das roupas, dos adornos, detalhes, do ambiente em que se encontram, enfim, toda a ambiência do cartaz deve ser levada em consideração para uma análise profunda e detalhada da intencionalidade de cada cartaz e para o reconhecimento do argumento que tencionava expressar e dos elementos que mobilizava para tal.

CAPÍTULO 2

AS ORIGENS DO ANTI-SEMITISMO NACIONAL-SOCIALISTA

A análise do anti-semitismo na propaganda política nacional-socialista requer um estudo prévio que seja capaz de mostrar, ainda que em linhas gerais, o desenvolvimento do antijudaísmo e do anti-semitismo na Alemanha. Deste modo, será possível separar e explicitar de maneira mais clara e eloqüente as características, argumentos e motes fundamentais do anti-semitismo racalista nacional-socialista expresso na sua propaganda política, além de traçar uma breve genealogia destes temas. Nesta perspectiva, pode-se mostrar que o caráter eliminacionista do anti-semitismo de Hitler tem suas raízes em doutrinas racialistas científicas⁴⁶, e que a chamada “solução final” (*Endlösung*) da “questão judaica” não foi um fenômeno histórico absolutamente incompreensível⁴⁷, apesar de surpreendente e inaceitável, já que teve suas bases construídas por diversos autores ao longo de praticamente três quartos de século. Esta primeira parte mostrará o desenvolvimento do antijudaísmo, sua transformação em anti-semitismo racalista, analisando especialmente os teóricos alemães, e os traços básicos da teoria racial de Hitler, dentro da qual foi formulada a política de eliminação dos judeus (*Judenvernichtung*).

2.1 – DO ANTIJUDAÍSMO AO ANTI-SEMITISMO

Durante a Idade Média, o ódio, a discriminação e os preconceitos contra os judeus se baseavam em questões religiosas, constituindo um conjunto que seria mais adequadamente

⁴⁶ Adotamos aqui a distinção estabelecida por Todorov “entre *racismo*, termo que designa o comportamento, e *racialismo*, reservado às doutrinas. É preciso acrescentar que o racismo que se apóia num racialismo produz resultados catastróficos: tal é, precisamente, o caso do nazismo”. TODOROV. *Nós e os outros*, p. 107.

⁴⁷ Lembramos aqui da discussão sobre a diferença, fundamental neste estudo, entre compreensão e explicação que foi desenvolvida no primeiro capítulo do presente estudo.

nomeado de antijudaísmo, fundado sobre a premissa de que a fé definia toda a existência humana; logo, as diferenças religiosas tinham um significado profundo. Este ódio “*fundamentava-se teologicamente nos problemas de identidade da recém formada comunidade cristã, que se considerava como a ‘verdadeira Israel’ em oposição aos judeus, que negaram a salvação através do Messias Jesus*”⁴⁸.

No início e no centro da formação de representações e atribuições hostis aos judeus estava a acusação de deicídio. O Novo Testamento contém alguns trechos⁴⁹ que atribuem a culpa pela morte de Jesus não às autoridades romanas, mas aos judeus, especialmente aos fariseus e aos escribas. O evangelista Lucas afirma que “*então disse Pilatos aos principais sacerdotes, e às multidões: Não acho culpa alguma neste homem*” (Lc 23:4). O evangelho de Mateus descreve a cena na qual Pilatos lavou suas mãos como símbolo de sua inocência e jurou: “*Sou inocente do sangue deste homem; seja isso lá convosco*” (Mt 27:24). Em seguida, descreve a fala dos judeus presentes como uma espécie de maldição sobre eles mesmos: “*E todo o povo respondeu: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos*” (Mt 27:25). Paulo, em sua Primeira Epístola aos Tessalônicos, também fala sobre a suposta culpa dos judeus, “*os quais mataram ao Senhor Jesus, bem como aos profetas, e a nós nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens*” (1Ts 2:15).

Com a acusação de que os judeus teriam sido os responsáveis pela morte de Cristo (deicídio), e com isso se opondo ao plano divino de salvação, eles foram considerados como ímpios, amorais e criminosos tais como os hereges e pagãos. Além disso, “*a sua recusa ao*

⁴⁸ Lê-se no original: “[...] er wurzelte theologisch in Identitätsproblemen des jungen Christentums, das sich als “wahres Israel” gegenüber den Juden verstand, die die Erlösung durch den Messias Jesus ablehnten”. BENZ. *Was ist Antisemitismus?*, p. 65. Tradução do autor.

⁴⁹ Cf. PFAHL-TRAUGHER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 18. As citações em português da Bíblia são da tradução atualizada de João Ferreira de Almeida, disponível online no sítio *The Unbound Bible*, <http://unbound.biola.edu>.

*batismo, a conservação de ritos próprios e sua incompreensão da idéia de salvação através de Cristo tornavam os judeus como ‘obstinados’ aos olhos dos cristãos*⁵⁰.

Já que o cristinismo era uma das bases da sociedade, é a fé, portanto, a raiz última do antijudaísmo medieval, mas “*fazer da religião a única responsável pelo ódio ao judeu seria, contudo, um erro*”⁵¹. O principal elemento de distinção entre os judeus e cristão é o batismo. Assim, as várias perseguições tinham um objetivo comum, qual seja, cristianizar os judeus, “*afastá-los do que constitui sua marca de originalidade para fazê-los aceitar as normas acatadas pela maioria da população*”⁵². A resistência em rejeitar sua religião e abraçar o cristianismo era vista como abjeção e insolência.

Assim, ao longo do século XII, operou-se a mudança para uma nova etapa, na qual “*o judeu, considerado inicialmente um herético impenitente, é agora visto como um acirrado inimigo do cristianismo*”⁵³. Nesta época, houve numerosos atos de violência em vários países europeus motivados pela acusação do assassinato ritual, uma radicalização da idéia da heresia judaica, materializada em um culto demoníaco. “*A acusação do assassinato ritual consistia na insinuação de que judeus seqüestravam uma criança cristã, depois a matavam e misturavam seu sangue com o pão ázimo da eucaristia*”⁵⁴. A fantasia popular se encarregou de ampliar e divulgar esta história de crueldade, dizendo que os judeus, “*levados por seu ódio insano contra o cristianismo, encontram um prazer todo especial em apunhalar as hóstias consagradas*”⁵⁵.

⁵⁰ Lê-se no original: “Die Verweigerung der Taufe, das Festhalten am eigenen Ritus, das Unverständnis der Juden für die Idee der Erlösung durch Christus machte die Juden in christlichen Augen zu ‘Verstockten’”. BENZ. *Op. cit.*, p. 66. Tradução do autor.

⁵¹ SORLIN. O anti-semitismo alemão, p. 30.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Lê-se no original: “Der Vorwurf des Ritualmordes bezog sich auf die Unterstellung, dass Juden ein christliches Kind heimlich entführten, anschließend ermordeten und sein Blut in das ungesäuerte Brot des eigenen Sakraments mischten”. PFAHL-TRAUGHBER, *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 26.

⁵⁵ SORLIN. *Op.cit.*, p. 31.

A intensidade das perseguições motivadas por esta lenda e o número de vítimas que geraram só seriam alcançados através dos *progroms* russos do final do século XIX e apenas superado pelo genocídio nazista. Também a epidemia de peste bubônica do século XIV foi atribuída a uma imaginária conspiração de judeus, que teriam disseminado a peste contaminando os poços e as fontes de água. “*Algumas pessoas reforçaram-na com a afirmação de que os judeus estavam imunizados contra o flagelo que dizimava os cristãos*”⁵⁶.

Lendas como estas contribuíram para disseminar o antijudaísmo, além de fundamentar vários casos de perseguição e violência contra as comunidades judaicas. Além da violência física, várias ofensas de origem religiosa eram usadas pelos cristãos medievais, tais como “*usurários, anticristãos, envenenadores de fontes, assassinos rituais*”. Entre as supostas características derivadas de seus costumes religiosos vistos pelos cristãos como enigmáticos e suspeitos, incluem-se a “*avareza, sede de vingança, rapacidade, arrogância, covardia, malícia e mendacidade*”⁵⁷.

Quando falamos aqui de cristianismo, consideramos tanto o catolicismo como o protestantismo. “*A hostilidade contra os judeus fundada na religião não era apenas a preocupação da igreja católica, dominadora da sociedade, mas também de outras correntes teológicas, como o protestantismo*”⁵⁸. O teólogo Martinho Lutero (1483–1546) teve um papel central no antijudaísmo não apenas por suas doutrinas mas também pelos efeitos. Sua postura quanto aos judeus passou, ao longo de sua vida, de uma atitude distante e benevolente a um comportamento agressivo e hostil. Para ele e para todos os outros teólogos cristãos da época, a

⁵⁶ SORLIN. O anti-semitismo alemão, p. 32.

⁵⁷ Lê-se no original: “Wucherern, Christenfeinden, Brunnenvergiftern, Ritualmördern [...] Geiz, Rachedurst, Raffgier, Hochmut, Feigheit, Arglist, Lügenhaftigkeit usw.”. BENZ. *Was ist Antisemitismus?*, p. 77. Tradução do autor.

⁵⁸ Lê-se no original: “Die religiös fundierte Feindschaft gegenüber den Juden war nicht nur Angelegenheit der gesellschaftlich dominierenden katholischen Kirche, sondern fand sich auch bei den abweichenden theologischen Strömungen wie dem Protestantismus”. PFAHL-TRAUGHER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 34.

confissão ao cristianismo era um dogma sagrado, através do qual os fiéis e outras crenças e os incrédulos eram considerados perversos. “*Lutero via os judeus como ímpios, já que negavam a doutrina da salvação de Cristo; eles eram considerados (por Lutero) os maiores inimigos (de Cristo)*”⁵⁹. Esta idéia seria mantida durante toda sua vida, não sendo, portanto, uma ruptura, mas sim uma continuidade na teologia luterana que se radicalizou com o tempo. Em um texto de 1523, intitulado “Que Jesus Cristo era um judeu de nascença” [*Daß Jesus Christus ein geborener Jude sei*], o teólogo recomenda que os judeus sejam tratados amistosamente e que sejam instruídos nas Sagradas Escrituras. Além disso, deveriam escolher livremente sua profissão, de modo a não dependerem da usura. Este comportamento benevolente não foi de maneira alguma motivado por algum sentimento humanitário ou simplesmente sem propósito: “*Lutero alimentava a esperança de que os judeus poderiam ser convertidos em cristãos. As tentativas missionárias não conseguiram nenhum sucesso neste ponto. Com uma decepção crescente, logo a benevolência transformou-se em rejeição*”⁶⁰.

Vinte anos depois, pode-se notar claramente a mudança de atitude em relação à conversão no texto “Sobre os judeus e suas mentiras” [*Von den Juden und ihren Lügen*], de 1543, no qual Lutero descarta a possibilidade de conversão e considera a segregação entre cristãos e judeus e mesmo o retorno destes à Palestina:

Meu parecer diz o seguinte: se devemos continuar puros das blasfêmias dos judeus e não nos tornar parte delas, então temos de estar separados e eles [têm de ser] expulsos de nossa terra. Eles deveriam pensar em voltar para sua terra natal. Então não poderiam mais vociferar e mentir sobre nós perante Deus que nós os aprisionamos; nós também não [poderíamos] nos queixar que eles nos importunam com suas blasfêmias e sua usura. Este é o melhor e mais óbvio conselho, que garante ambas as partes neste caso.⁶¹

⁵⁹ Lê-se no original: “Luther sah Juden als gottlos an, lehnten diese doch die Erlösungslehre Christi ab; sie galten ihm gar als dessen größte Feinde”. PFAHL-TRAUGHBER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 34.

⁶⁰ Lê-se no original: “Luther hegte vielmehr die Hoffnung, die Juden zu Christen bekehren zu können. Indessen verzeichneten die Missionierungsversuche keine Erfolge. Bald wandelte sich mit zunehmender Enttäuschung das Wohlwollen in Ablehnung”. *Ibidem*, p. 35.

⁶¹ Lê-se no original: “Meines Gutdünckens [*sic.*] will’s doch da hinaus: sollen wir (von) der Juden Lästerung rein bleiben und nicht teilhaftig werden, so müssen wir geschieden sein und sie aus unserem Lande vertrieben

A proposta drástica de expulsar os judeus da Alemanha tornava Lutero uma figura ímpar entre os primeiros teólogos protestantes, mas estes compartilhavam a mesma repulsa aos judeus, seja por aspectos religiosos como “mundanos”, relacionados ao dinheiro e ao trabalho, por exemplo. Esta crítica ao suposto comportamento típico dos judeus em relação ao dinheiro e ao trabalho foi o ponto principal do anti-semitismo de Lutero retomado posteriormente pelos nacional-socialistas. Um trecho deste livro (“Sobre os judeus e suas mentiras”), é citado em um panfleto de propaganda forma a tomar a autoridade do teólogo quando diz que *“eles [os judeus] mantêm a nós, cristãos, cativos em nossa própria terra. Eles tomaram nossos bens pela sua maldita usura, eles zombam de nós e nos insultam porque trabalhamos. Eles são nossos senhores, e nós e nossos bens pertencemos a eles”*⁶².

Com o processo de secularização das sociedades européias que marcou a transição da Idade Média à Idade Moderna, as questões religiosas como o deicídio perderam importância. O ódio aos judeus passou a ser fundamentado em questões ligadas a fatores sociais, econômicos e políticos, e eles deixaram de ser vistos prioritariamente como membros de uma religião alheia ao cristianismo, sendo vistos como membros de um grupo específico: os “semitas”, um conceito que teve suas origens na teoria dos troncos lingüísticos. Assim, o antijudaísmo se torna propriamente anti-semitismo, mas os preconceitos, estereótipos pejorativos e representações de raízes religiosas se mantêm mais ou menos inalterados.

O movimento iluminista no século XVIII contribuiu com esse processo de secularização da sociedade, mas também fomentou uma tentativa importante de eliminação da

werden. Sie mögen daran denken, in ihr Vaterland (zu kommen). Dann dürfen sie nicht mehr von Gott über uns schreien und lügen, daß wir sie gefangenhalten; wir auch nicht klagen, daß sie uns mit ihrem Lästern und Wuchern beschweren”. BIENERT. *Martin Luther und die Juden, ein Quellenbuch mit zeitgenössischen Illustrationen, mit Einführung und Erläuterung*, Frankfurt am Main, 1982, p. 154 *apud* PFAHL-TRAUGHER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 35.

⁶² Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “They hold we Christians captive in our own land. They have seized our goods by their cursed usury, they mock and insult us because we work. They are our lords, and we and our goods belong to them”. In: *Why the aryan law?*

dicotomia entre judeus e cristãos. Sabe-se que o Iluminismo era contrário às religiões, consideradas responsáveis por impedir que o ser humano se desprendesse de misticismos e alcançasse o verdadeiro conhecimento racional, já que, em última instância, as religiões se baseavam em dogmas que não podem ser defendidos racionalmente, mas apenas pela fé. Todas as religiões se equivaleriam, e suas diferenças seriam fruto da maneira prática de vivê-las. Assim, como a religião passou a ser cada vez mais considerada como um aspecto da vida privada, ela perdeu parte do seu poder de identificação: uma pessoa é uma cidadã antes de ser cristã, judia ou muçulmana. Desta maneira, faria pouco sentido que uma questão particular e individual fosse definidora da posse de direitos civis.

Apelos para a tolerância religiosa e convivência salutar entre os membros das várias religiões emanaram de alguns autores iluministas. O poeta alemão Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) é um bom exemplo desta filosofia de tolerância, e chegou a conclusões filosóficas importantes no que se refere à legitimidade e ao direito de existência das várias religiões. Ele aborda a questão judaica em duas de suas peças: “Os judeus” [*Die Juden*], de 1749, e “Natan, o sábio” [*Nathan der Weise*], de 1779. Lessing não chegou à raiz do problema, entretanto, pois não circunscreve a hostilidade aos judeus à questão religiosa sem se perguntar por que os judeus são tratados na Alemanha como seres à parte. Ele sugere apenas que, “*para que reinem entre cristãos e judeus a probidade e autenticidade, cada nação deve dar sua colaboração*”⁶³. Com o processo de secularização, a oposição entre cristãos e judeus diminuiu graças aos desenvolvimentos econômicos e sociais, de um lado, e aos iluministas burgueses, de outro, que agiram de modo a enfraquecer a influência da Igreja sobre a sociedade. A secularização de todas as esferas da vida tornava necessária a igualdade legal entre todos.

⁶³ SORLIN. O anti-semitismo alemão, p. 103.

A segregação despiu-se das formas brutais que possuía na Idade Média, mas continua existindo. Os judeus são afastados dos postos influentes, endereçados às profissões liberais, ao jornalismo e à política, ao comércio e às agências financeiras – profissões tidas pelos alemães em pouca consideração⁶⁴.

Durante séculos os judeus viveram em guetos, sofrendo várias restrições a direitos básicos a liberdades individuais, gozando de períodos de relativa calma ou enfrentando *pogroms*, mas neste contexto a solução da chamada “questão judaica” tornou-se a ordem do dia na política dos países europeus, pois constituía um entrave incômodo ao seu desenvolvimento econômico e político. Assim, pode-se dizer que “*a emancipação dos judeus não foi o resultado de pura teoria, mas o produto da transformação social de uma velha para uma nova sociedade, que acelerava-se desde o final do século XVIII*”⁶⁵.

Um dos grandes defensores da emancipação dos judeus na Alemanha foi o diplomata e escritor prussiano Christian Wilhelm Dohm (1751-1820), autor do livro “Sobre a melhoria cívica dos judeus” [*Über die bürgerliche Verbesserung der Juden*], publicado em Berlim no ano de 1781. Nesta obra que marcou época, o autor argumenta que o Estado deveria conceder a igualdade cívica aos judeus, o que incluiria a permissão para que eles trabalhassem em todas as profissões e atividades econômicas, o que lhes era mormente restrito, a menos que tivessem o privilégio⁶⁶ para tal.

Dohm argumentava que a suposta perversidade dos judeus era a expressão da discriminação secular a que foram submetidos. Para mudar os judeus, seria necessária uma mudança na sua condição social, retirando-os dos guetos e inserindo-os com igualdade de

⁶⁴ SORLIN. O anti-semitismo alemão, p. 39.

⁶⁵ Lê-se no original: “Die Judenemanzipation war kein Kind der reinen Theorie, sondern ein Produkt des sich seit dem späten 18. Jahrhundert beschleunigenden sozialen Wandels von der alten zur neuen Gesellschaft”. RÜRUP. *Judenemanzipation und bürgerliche Gesellschaft in Deutschland*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 120. Tradução do autor.

⁶⁶ Deve-se notar que, neste contexto, o termo “privilégio” (em alemão, *Privileg*) não tem o sentido de vantagem, mas sim de permissão especial não-hereditária concedida a alguns judeus para que residissem em certo lugar ou exercessem certa profissão restrita àqueles que não possuísssem o privilégio para tal.

direitos na sociedade alemã. “A emancipação judaica é portanto um componente da transição do sistema estático de privilégios para uma sociedade de classes dinâmica”⁶⁷. Este foi um processo relativamente lento, já que

A emancipação dos judeus, e portanto sua libertação das restrições sociais e legais, não foi um ato revolucionário na Alemanha e na Áustria como na França de 1791, mas o resultado de um longo debate que se estendeu do início do século XIX até o final dos seus anos 60.⁶⁸

A necessidade da discussão sobre a emancipação não veio da teoria, mas da prática. Como no início do século XIX não havia ainda um Estado alemão unificado, cada estado publicou suas leis específicas isoladamente. Pode-se identificar duas fases deste processo: a primeira compreende o período entre 1782 a 1815, cujo início foi marcado por um decreto emancipatório de autoria de Joseph II da Áustria. A segunda fase iniciou-se em 1815 por ocasião do Congresso de Viena e a discussão sobre a manutenção ou não da emancipação dos judeus decretada na França em 13 de novembro de 1791 e que atingia os territórios alemães ocupados pelo exército napoleônico. Apenas ao final deste período, exatamente em dezembro de 1848, houve uma solução legal de caráter nacional na Alemanha, que foi a Constituição federal do povo alemão [*Grundrechte des deutschen Volkes*], formulada pela Assembléia Nacional de Frankfurt. Seu artigo V decretava que “o gozo dos direitos civis não será nem condicionado nem limitado pela confissão religiosa”⁶⁹.

⁶⁷ Lê-se no original: “Die jüdische Emanzipation ist daher ein integrativer Bestandteil des Übergangs vom statischen Privilegiensystem zur dynamischen Klassengesellschaft”. GRAB. *Der deutsche Weg der Judenemanzipation 1789 bis 1938*, Munique, 1991, p. 13 *apud* PFAHL-TRAUGHBER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 44. Tradução do autor.

⁶⁸ Lê-se no original: “Die Emanzipation der Juden, also ihre Befreiung aus den sozialen und rechtlichen Einschränkungen, war in Deutschland und Österreich kein revolutionärer Akt wie in Frankreich 1791, sondern Ergebnis einer langwierigen Debatte, die sich vom Beginn des 19. Jahrhunderts bis Ende der 60er-Jahre hinzog”. BENZ. *Was ist Antisemitismus?*, p. 80. Tradução do autor.

⁶⁹ Lê-se no original: “Durch das religiöse Bekenntnis wird der Genuß der bürgerlichen und staatsbürgerlichen Rechte weder bedingt noch beschränkt.” RÜRUP. *Judenemanzipation und bürgerliche Gesellschaft in Deutschland*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 144. Tradução do autor.

É preciso dizer que a emancipação dos judeus não representou sua imediata assimilação na sociedade, sendo um processo distinto cujas vicissitudes não fazem parte do escopo do presente estudo. Seria mais importante notar que esse processo de emancipação trouxe como consequência um movimento oposto, de motivações sociais e econômicas, marcado por novas manifestações de anti-semitismo. Vários camponeses, comerciantes, artesãos e empresários, antes protegidos da concorrência pelo sistema de privilégios, passaram a temer a concorrência dos judeus, que a partir de então tinham o direito de atuar nesses setores econômicos. Esses grupos passaram a se articular e a formar uma militância política, motivados por temores de origem social e econômica mas ainda sob forte influência religiosa, já que conservavam o estereótipo pejorativo medieval dos judeus. Assim, de alguma maneira, era uma forma tardia de antijudaísmo, que só tornou-se efetivamente anti-semitismo quando esses referidos estereótipos pejorativos foram transportados para o campo social, econômico e principalmente científico, com a inclusão do elemento racial elaborado a partir do século XIX.

2.2 – O ANTI-SEMITISMO RACIALISTA

A inclusão do racismo ao anti-semitismo não foi uma mudança de natureza, e sim, uma contribuição de grau ao estereótipo do judeu. Quando se fala em doutrinas racialistas científicas, não se deve pensar em um conceito científico *stricto sensu*, claramente definido. A palavra raça vem do latim *ratio*, que significa razão ou inteligência, argumento, prova⁷⁰. A cunhagem dessa nova palavra sobre sua matriz latina, que expressa uma forte idéia de certeza, mostra que o racismo seria o próprio uso da razão humana para reconhecer e distinguir os variados grupos humanos determinados pela sua natureza e características hereditárias. A

⁷⁰ KOEHLER. Dicionário escolar latino-português, p.720.

partir do momento em que o racionalismo passa a incluir juízos de valor, estabelecendo uma hierarquia para os diferentes tipos humanos que interfere nos padrões de comportamento, tornando-se, assim, propriamente racismo.

Um dos primeiros autores a iniciar o desenvolvimento do pensamento racista foi o naturalista Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), que acreditava que fatores ambientais como o clima eram fatores determinantes para criar as diferenças entre a aparência, formato do crânio e a cor da pele das pessoas. O estudo das diferenças entre os grupos humanos, especialmente no que diz respeito ao estudo do formato dos crânios, trouxe uma série de juízos de valor e de considerações estéticas, além de fundamentar conclusões precipitadas sobre a personalidade e o caráter baseadas nas medições cranianas, formalizadas no estudo da fisiognomonia e em suas aplicações posteriores à criminalística.

Os desenvolvimentos no campo da antropologia, lingüística e história do século XVIII e no início do século XIX deram ao diplomata e escritor Conde Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) as bases para que ele construísse sua doutrina racista no seu “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” [*Essai sur l'inégalité des races humaines*], publicado em quatro volumes entre 1853 e 1855. Foi decisiva em seu pensamento a certeza “*de que a questão racial domina todos os outros problemas da história, oculta a solução para eles e que a desigualdade entre as raças pode esclarecer toda a corrente dos destinos dos povos*”⁷¹.

Segundo Gobineau, haveria três raças principais, a branca, a amarela e a negra. A desigualdade natural entre as raças humanas manifestava-se no direito ao poder dos brancos, que dispunham desde os primórdios “*dos dois elementos principais de toda civilização: uma*

⁷¹ Lê-se no original: “daß die Rassenfrage alle anderen Probleme der Geschichte beherrscht, den Schlüssel dazu birgt, und daß die Ungleichheit der Rassen [...] die ganze Kette der Völkergeschichte erklären kann”. GOBINEAU. *Versuch über die Ungleichheit der Menschenrassen*, Stuttgart, 1939, p. XVIII, *apud* LOSEMANN. *Rassenideologien und antisemitische Publizistik in Deutschland im 19. und 20. Jahrhundert*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 306. Tradução do autor.

religião, uma história”⁷². O povo ariano teria sido um povo conquistador que, com poucas exceções, teria fundado também todas as culturas não-européias. Através desse contato com outros povos e da conseqüente miscigenação, a pureza do sangue ariano teria sido afetada, o que teria conduzido à sua inevitável decadência. Gobineau descreve o que chama de abastardamento “*sem propor (ao contrário do que se pensa habitualmente) exceção em favor dos alemães*”⁷³. Os germanos teriam mantido uma parte do sangue ariano puro e, por isso, teriam contribuído com “frutos tardios” de cultura durante a Idade Média, mas depois ter-se-iam exaurido.

Haveria um ponto, entretanto, dentro de cerca de três ou quatro milênios, no qual o processo de miscigenação seria completado. Neste estado de completa fusão racial haveria uma raça mista incapaz de produzir grandes realizações culturais, “*último termo da mediocridade em todos os gêneros, mediocridade de força física, mediocridade de beleza, mediocridade de aptidões intelectuais, pode-se dizer, quase um nada*”⁷⁴. Nota-se uma grande dose de pessimismo em sua visão histórica baseada no racismo científico, “*cuja regressividade parece baseada no desejo de reconduzir a história dos homens a seu ponto de partida*”⁷⁵, marcada pela inevitabilidade e o fatalismo deste processo que culminaria em um mundo extinto, tal qual como antes do surgimento da humanidade.

Gobineau ainda transportou as características das três raças identificadas por ele para a sociedade de sua época, identificando a aristocracia francesa à raça branca, a burguesia à raça amarela e o proletariado à raça negra. A distinção se dava por uma quantidade maior ou menor de sangue ariano. Esta idéia explica sua simpatia pela revolução de 1848 na Alemanha,

⁷² POLIAKOV. *O mito ariano*, p. 218.

⁷³ *Ibidem*, p. 220.

⁷⁴ GOBINEAU. *Essai sur l'inégalité des races humaines*, Paris, 1967, p. 870 apud POLIAKOV, *op. cit.*, p.221.

⁷⁵ *Ibidem*.

uma vez que entendia que a nobreza tinha um direito natural ao poder e à coerção, já que seria uma raça mais valorosa.

O conde nunca imaginaria que sua doutrina teria tanta influência na Alemanha, tornando-se um clássico. Este destino fora previsto, entretanto, por Tocqueville.

A possibilidade de sua obra é voltar para a França do estrangeiro, sobretudo pela Alemanha. Os alemães [...] são os únicos na Europa a ter a particularidade de se apaixonarem pelo que acham ser a verdade abstrata, sem cuidar das conseqüências práticas.⁷⁶

Em resumo, “*como características essenciais da teoria racial de Gobineau podem-se enfatizar os seguintes pontos: a convicção sobre a desigualdade das raças humanas, a interpretação das classes sociais como diferenças raciais e um profundo pessimismo*”⁷⁷. Sua “contribuição” ao anti-semitismo racial deve-se à sua distinção entre os “arianos” e “semitas”, vistos, até então, como apenas dois grupos lingüísticos distintos.

Gobineau não deu aos judeus uma valoração negativa, apesar de colocar os semitas e judeus abaixo dos arianos, atribuindo sua força enquanto povo na pureza de seu sangue pouco adulterado. Seriam “*um povo hábil em tudo o que empreendeu, um povo livre, um povo forte, um povo inteligente, e que, antes de perder valorosamente, de armas na mão, o título de nação independente, fornecera ao mundo quase tantos doutores quanto comerciantes*”⁷⁸.

Porém, a afirmação da diferença foi crucial para angariar muitos seguidores.

É assim que Gobineau, que não defende a escravidão, assim como não recomenda o extermínio das raças inferiores, contribuiu, com sua obra, para o fortalecimento dessas causas – porque teve a ingenuidade de crer que se poderia apaixonar pelo que via como sendo a verdade, sem se preocupar com os efeitos políticos e morais dessa paixão.⁷⁹

⁷⁶ TOCQUEVILLE. *Oeuvres complètes*, Paris, 1951, t. X, p. 267 apud TODOROV. *Nós e os outros*, p. 141.

⁷⁷ Lê-se no original: “Als wesentliche Merkmale der Rassenlehre Gobineaus lassen sich damit die folgenden Punkte hervorheben: die Überzeugung von der Ungleichheit der Menschenrassen, die Interpretation der sozialen Schichtung als Rassenunterschied und ein tiefsitzender Pessimismus”. LOSEMANN. “*Rassenideologien und antisemitische Publizistik in Deutschland im 19. und 20. Jahrhundert*”, p. 307. Tradução do autor.

⁷⁸ POLIAKOV. *O mito ariano*, p. 219.

⁷⁹ TODOROV. *Op. cit.*, p. 141.

A maior influência para o desenvolvimento da teoria racial veio ao final do século XIX, com a obra do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882), *A origem das espécies* [*On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*], publicada em 1859. A tese central de sua biologia é o conceito de seleção natural, que afirma que aqueles mais adaptados ao seu meio são os mais aptos à vida e, portanto, sobreviverão à “luta pela vida” [*struggle for life*].

Sua teoria e conceitos foram amplamente disseminados na área política das idéias liberais, uma adaptação chamada “social-darwinismo”, cujo fundador foi o filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903). Ele aplicou as leis da seleção natural à estrutura social e moral, assim como às ciências humanas, e suas idéias passaram a ser incorporadas abundantemente na história e na política, assim como na literatura. O darwinismo social passou a aplicar à realidade humana as mesmas leis às quais estão sujeitas todos os outros organismos vivos, identificando na realidade humana a luta pela sobrevivência do mais apto.

O mundo pertence ao mais forte: trata-se de uma lei natural estabelecida cientificamente, a qual fornece, conseqüentemente, uma justificativa universal. Desta maneira, muito rapidamente, o darwinismo político passou a identificar evolução e progresso, confundindo os fisicamente mais aptos com os melhores. Aplicadas à sociedade, as hipóteses de Darwin deixam de constituir uma teoria científica para se tornarem uma filosofia, quase uma religião.⁸⁰

Existe, então, uma diferença importantíssima entre a teoria biológica de Darwin e sua adaptação política, realizada fora do âmbito científico e sem obedecer o mesmo rigor e imparcialidade: “*enquanto Darwin considerava a influência do ambiente na seleção natural*

⁸⁰ Lê-se no original: “Le monde appartient au plus fort: il s’agit là d’une loi naturelle scientifiquement établie, ce qui lui fournit, par conséquent, une justification absolue. C’est ainsi que, très rapidement, le darwinisme politique en vient à identifier évolution et progrès, c’est-à-dire à confondre les plus aptes physiquement avec les meilleurs. Appliquées à la société, les hypothèses de Darwin cessent de constituer une théorie scientifique pour devenir une philosophie, presque une religion”. STERNHELL. *La droite révolutionnaire*, p. 147. Tradução do autor.

como decisiva, mais tarde o papel da hereditariedade seria enfatizado”⁸¹. Essas novas teorias políticas e sociais baseadas na hereditariedade rejeitavam completamente a concepção tradicional de que o comportamento humano é comandado pela escolha racional, reduzindo-o a uma espécie de determinismo.

As características biológicas naturais e hereditárias, vistas por este ângulo, seriam absolutamente inefáveis e condicionantes tanto da ação individual como da coletiva. Assim, a idéia de raça, além de representar uma tipologia hierarquizada dos grupos humanos, passou a incorporar também uma prognose generalizante do comportamento humano, “*enriquecendo-se com juízos de valor: há raças fortes, criadoras, e raças menos dotadas, o que equivale a dizer, inferiores*”⁸².

O darwinismo social impregnou-se amplamente na intelectualidade da segunda metade do século XIX, época marcada por uma “tendência à ‘cientificização’ das doutrinas” [“*Tendenz zur Verwissenschaftlichung der Doktrinen*”⁸³], uma vez que tanto as doutrinas racialistas como o anti-semitismo passaram a se amparar nas descobertas científicas de Darwin. Os judeus passaram a ser vistos como um grupo distinto que não poderia nem deveria ser integrado à sociedade por serem supostamente determinados por características raciais e biológicas inatas e hereditárias e, portanto, inalteráveis.

O que afirma, na maior parte do tempo, não é apenas a coexistência das duas divisões, [físico e moral] mas a relação causal entre elas: as diferenças físicas *determinam* as diferenças culturais. Todos podemos observar ao nosso redor essas duas séries de variáveis, físicas e mentais; cada uma pode receber uma explicação particular, sem que essas explicações entrem em relação umas com as outras; ou ainda, podem ser observadas, sem exigir, com isso, uma explicação. Ora, o racialista faz como se essas duas séries

⁸¹ Lê-se no original: “Hatte Darwin den Einfluß der Umwelt auf die natürliche Auslese sehr hoch veranschlagt, so wurde später die Rolle der Vererbung betont”. LOSEMANN. *Rassenideologien und antisemitische Publizistik in Deutschland im 19. und 20. Jahrhundert*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 309. Tradução do autor.

⁸² SORLIN. *O anti-semitismo alemão*, p. 68.

⁸³ VON ZUR MÜHLEN. *Rassenideologien. Geschichte und Hintergründe*, Berlin, 1979, p. 113 *apud* LOSEMANN. *Op. cit.*, p. 310.

fossem apenas as causas e os efeitos de uma única e mesma série. Esta primeira afirmação implica, por sua vez, a transmissão hereditária do mental e a impossibilidade de modificar o mental pela educação.⁸⁴

A deturpação da teoria de Darwin em uma doutrina da hereditariedade, combinada com o pessimismo de Gobineau no que diz respeito ao medo da degeneração racial, “alimentou formas bastante diversas de nacionalismo e imperialismo; mas que se caracterizam por sua brutalidade e agressividade, seu culto à vitalidade, seu gosto pela força e, obviamente, sua profunda aversão à democracia”⁸⁵. Se as explicações de Herder, Gobineau e Spencer tentaram recobrir o anti-semitismo já existente com um verniz de legitimidade científica, as reflexões do filósofo e economista alemão Eugen Dühring (1833-1921) já são muito mais radicais e ofensivas, deixando de lado o racialismo pseudo-cientificista em favor de um racismo mais agressivo. “Dühring cria um rígido sistema materialista, julgado por alguns ridiculamente míope, mas que apresenta a vantagem de ser claro: as coisas são o que são e nada mais; devem ser aceitas como se manifestam”⁸⁶. Em sua obra de 1881, “A questão judaica como questão racial, comportamental e cultural” [*Die Judenfrage als Racen-, Sitten- und Culturfrage*], Dühring afirma que seria um erro encarar a “questão judaica” como um problema religioso, passível de ser resolvido através do batismo. Já que esta questão passava agora a ser encarada como uma questão “racial”, analisada através de um “ponto de vista científico” [*“naturwissenschaftlichen Betrachtungsart”*], seria tolice, segundo ele, tentar usar uma cerimônia religiosa como forma de conversão de características que eram consideradas inatas. Esta possibilidade abriria um caminho para a assimilação dos judeus na sociedade que, segundo a opinião de Dühring, apenas pioraria o problema, pois favoreceria a entrada e a

⁸⁴ TODOROV, *Nós e os outros*, p. 109.

⁸⁵ Lê-se no original: “[...] elle nourrit des formes de nationalisme et d’imperialisme très diverses, mais qui se caractérisent toutes par leur brutalité et leur agressivité, leur culte de la vitalité, leurs goût de la force et, cela va de soi, leur profonde aversion pour la démocratie. STERNHELL. *La droite révolutionnaire*, p.147. Tradução do autor.

⁸⁶ SORLIN. *O anti-semitismo alemão*, p. 58.

permanência de judeus na sociedade, o que para ele era “*incompatível com nossos melhores desejos*”⁸⁷.

Dürring foi ainda o responsável por levantar uma série de questões que alimentaram o anti-semitismo, muitas das quais estão presentes no ideário anti-semita nacional-socialista, como o “egoísmo inveterado” [*“eingefleischte Selbstsucht”*] dos judeus, seu caráter de “parasitas” incapazes de criação e o fato de que seriam “*os mais baixos e mais malsucedidos produtos da natureza*”⁸⁸. Dürring descreve ainda o que acredita ser o caráter internacional da “questão judaica” e do anti-semitismo, cujo foco seria a Alemanha, além de estabelecer a paranóia da dominação mundial judaica motivada por suas características raciais.

Não podemos esquecer que os judeus estão empenhados na luta pela sua expansão e pelo aniquilamento, pela diminuição dos membros das melhores nações, com uma audácia notória e com o recurso a todos os artifícios que decorrem da má constituição moral de sua raça. Se lhes fosse possível, há muito tempo teriam os judeus feito com que as outras nações deixassem de existir; ou, quem sabe, tê-las-iam poupado, para que pudessem seus membros servir-lhes de servos, para aproveitar-se de seu trabalho. Um Estado semelhante a este é o único ídolo que o povo judeu, de ordinário desprovido de ideal, quis cultivar desde suas origens.⁸⁹

O argumento do parasitismo, como veremos adiante, foi bastante utilizado pelos nacional-socialistas, e parte de uma premissa biológica mais desarrazoada do que a tentativa de tipificar e classificar os grupos humanos: se existem raças boas e más, consideradas em uma hierarquia de valores e capacidades, agora, no argumento do parasitismo, a idéia da raça inferior passa então a incluir uma predestinação à destruição da mais forte. Segundo Dürring, “*os judeus constituem uma raça má; semelhantes aos micróbios, semeiam a corrupção onde*

⁸⁷ Lê-se no original: “[...] unverträglich mit unseren besten Trieben”. DÜRRING. *Die Judenfrage als Racen-, Sitten- und Culturfrage*, Karlsruhe, 1881, p. 4 *apud* LOSEMANN. *Rassenideologien und antisemitische Publizistik in Deutschland im 19. und 20. Jahrhundert*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 313. Tradução do autor.

⁸⁸ Lê-se no original: “niedrigsten und mißlungensten Erzeugnisse der Natur”. LOSEMANN. *Op. cit.*, p. 314. Tradução do autor.

⁸⁹ DÜRRING. *Die Judenfrage als Frage des Racenschaedlichkeit für Existenz, Sitte und Cultur der Voelker*, 1886, p. 119-120 *apud* SORLIN. *O anti-semitismo alemão*, p.107-108.

*quer que se infiltrem. Esta é a tragédia do povo alemão: o melhor povo da terra está sendo corroído por dentro*⁹⁰. O “parasitismo social” é, portanto, mais radical que o parasitismo biológico, uma vez que existe a possibilidade da convivência entre parasita e hospedeiro na biologia, mas não na sociedade. A mera existência dos judeus no corpo social alemão já representaria a possibilidade de sua destruição, daí a urgência de medidas que fossem capazes de afastá-los em definitivo da Alemanha, o que explica o radicalismo de Dühring e sua preocupação com as “meias medidas” para resolver a “questão judaica”.

Algumas ações estatais vistas por ele como soluções parciais foram efetivamente transformadas em leis durante a ditadura hitlerista, especialmente no que diz respeito ao controle da influência dos judeus na vida pública, na educação e na imprensa; ao controle estatal de seus bens e ao banimento do casamento com alemães. A ligação entre o ódio de Dühring e o Terceiro *Reich* foi realizada através da ação política e jornalística do “velho mestre” do anti-semitismo nacional-socialista, Theodor Fritsch (1853-1933). Autor do “Catecismo anti-semita” [*Antisemiten-Katechismus*] de 1887 e do “Manual da questão judaica” [*Handbuch der Judenfrage*]. Atuando como publicista, Fritsch divulgou suas idéias através de “uma coleção de pequenas brochuras que simplificam ao máximo a demonstração: o alemão é bom, e seus infortúnios ocorrem porque tolera a presença do judeu, que é mau; suprimido o judeu, reinará a felicidade”⁹¹. Sua influência editorial foi considerável, já que seu *Manual* chegara à 31^a edição em 1932, e suas idéias possivelmente ajudaram a formar um bom número de anti-semitas, especialmente depois da derrota na Primeira Guerra Mundial.

Parte significativa da disseminação do anti-semitismo racista na Alemanha proveio, além de Dühring e seus seguidores, da recepção do pensamento de Gobineau, especialmente

⁹⁰ SORLIN. *Op. cit*, p. 70.

⁹¹ *Ibidem*.

no chamado Círculo de Bayreuth [*Bayreuther Kreis*]. Um personagem central deste círculo foi o compositor Richard Wagner (1813-1883), uma figura histórica bastante conhecida ainda hoje graças a sua criação artística. Durante as últimas décadas de sua vida, ele teve contato pessoal intenso com importantes doutrinários do racismo, como Houston Stewart Chamberlain e Gobineau, mas diferenciava-se destes por ter fundado uma variante da hostilidade aos judeus que pode ser chamada de anti-semitismo cultural.

Em uma de suas primeiras publicações, intitulada “A judiaria na música” [*Das Judentum in der Musik*], publicada em setembro de 1950 no “Novo Jornal da Música” [*Neuen Zeitschrift für Musik*], Wagner fez uma crítica à produção musical de seu tempo. Seu principal ataque volta-se contra o conhecido e respeitado compositor Giacomo Meyerbeer (1791-1864), a quem chama de “causador e beneficiário da decadência artística”⁹². Crítica, ainda, a ascensão econômica e a suposta influência dos judeus na cultura, processo que chama de “judaização” [“*Verjudung*”]. Os compositores criticados “são considerados ruins por Wagner não por causa de características específicas de sua música, mas por causa de sua origem judaica”⁹³. Desta maneira, seu preconceito vai além do âmbito cultural, ampliando-se a todos os judeus.

O judeu [...] domina, e dominará enquanto o dinheiro for poder, diante do qual toda nossa conduta perde sua força. [...] Nós não precisamos confirmar a judaização da arte moderna; ela salta aos olhos [...] O mais necessário nos parece, entretanto, a emancipação da opressão da judiaria, então devemos considerar a avaliação das nossas forças para esta luta de libertação como o mais importante de tudo.⁹⁴

⁹² Lê-se no original: “[...] Verursacher und Nutznießer dieses künstlerischen Niedergangs [...]”. PFAHL-TRAUGHBER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 53. Tradução do autor.

⁹³ Lê-se no original: “Sie galten Wagner als schlecht nicht aufgrund spezifischer Eigenschaften ihrer Musik, sondern wegen ihrer jüdischen Herkunft”. *Ibidem*, p. 54. Tradução do autor.

⁹⁴ Lê-se no original: “Der Jude [...] herrscht, und wird so lange herrschen, als das Geld die Macht bleibt, vor welcher all unser Tun und Treiben seine Kraft verliert. [...] Wir haben nicht erst nötig, die Verjuden der modernen Kunst zu bestätigen; sie springt in die Augen. [...] Dünkt uns aber das Notwendigste die Emancipation von dem Drucke des Judentums, so müssen wir es vor allem für wichtig erachten, unsere Kräfte zu diesem Befreiungskampfe zu prüfen”. WAGNER. *Das Judentum in der Musik apud FISCHER, Richard Wagners “Das Judentum in der Musik”. Eine kritische Dokumentation als Beitrag zur Geschichte des Antisemitismus*, Frankfurt am Main, 2000, p. 145 apud PFAHL-TRAUGHBER. *Op. cit.*, p. 53. Tradução do autor.

Hitler e outros nacional-socialistas consideravam-no como um precursor não apenas no âmbito cultural, graças ao seu arianismo e ao seu trabalho de popularização das lendas germânicas através de toda a Europa⁹⁵, mas também político, uma vez que foi um dos primeiros a elaborar uma crítica à pretensa dominação da vida cultural alemã pelos judeus.

Outro importante divulgador do pensamento de Gobineau foi o bibliotecário e intelectual autônomo Ludwig Schemann (1852-1938), que teve seu primeiro contato com a obra do escritor francês através de Wagner. Ele fundou em 1894 a Sociedade Gobineau [*Gobineau-Gesellschaft*], responsável por difundir as idéias do escritor francês na Alemanha, além de traduzir e publicar a versão em alemão de sua obra. Schemann transpôs as pretensas características negativas das raças amarela e negra para os judeus, contribuindo para criar uma representação com ainda mais traços negativos. A visão pessimista da história formulada por Gobineau recebeu um ponto a mais, marcado, desta vez, pela determinação e pelo otimismo: a decadência racial poderia e deveria ser evitada através do cultivo da raça pura. Assim, ao mesmo tempo em que mantinha a paranóia da decadência total da humanidade que seria causada através da miscigenação, que agora funcionaria como uma “motivação”, Schemann apresentava uma possível solução para o problema apelando ao cultivo, seleção e melhoramento⁹⁶ da raça ariana. Assim, havia agora duas possibilidades radicalmente opostas para a visão fatalista do destino da humanidade: ou o mundo seria povoado pela melhor das raças ou, citando Gobineau, “*o globo, extinto, continuará, mas sem nós, a descrever no espaço suas órbitas impassíveis...*”⁹⁷.

⁹⁵ Cf. POLIAKOV, *O mito ariano*, p. 307-310.

⁹⁶ Na falta de um termo em português mais claro que “cultivo”, equivalente ao alemão *Züchtung*, adotou-se uma tradução mais prolixa.

⁹⁷ POLIAKOV, *Op. cit.*, p. 221.

Outro personagem importante do Círculo de Bayreuth foi o escritor inglês Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), genro de Wagner e alemão por opção. Sua obra mais importante, “A gênese do século XIX” [*Grundlagen des 19. Jahrhunderts*], foi publicada em 1899 e logo tornou-se o mais influente dos trabalhos dedicados ao anti-semitismo racista e, graças ao seu estilo brilhante, tornou-se parte da biblioteca de um grande número de intelectuais alemães do início do século XX, tendo chegado à 24ª edição em 1938. O autor chegou a trocar correspondências por mais de vinte anos com o *Kaiser* Guilherme II, um dos primeiros e mais fanáticos leitores de sua obra, de cujas mãos recebeu a Cruz de Ferro.

Suas teorias também foram aceitas pelos nacional-socialistas como as palavras de um profeta. O capítulo mais extenso de seu livro, “Os judeus na história ocidental”, forneceu as bases “filosóficas” do anti-semitismo nacional-socialista, que tem elementos culturais além dos raciais. “*Chamberlain argumenta não apenas do ponto de vista biológico, mas também filosófico-cultural: ele entendia que a raça não era prioritariamente a manifestação de pertença étnica, ele indicou também sua dimensão intelectual e espiritual*”⁹⁸.

Chamberlain traduziu sua visão da História em termos biológicos, considerando a ação de duas forças: os arianos e germanos, que estariam relacionados à grandeza e à cultura, e os judeus e semitas, relacionados às qualidades inferiores e danosas. Segundo ele, só os alemães mereciam herdar o legado da Antigüidade, a saber, a filosofia e arte gregas, o direito romano e a personalidade de Jesus Cristo. Sua primeira discussão é sobre Jesus. Argumentando que ele nascera em Belém, na Galiléia, e que não conseguia pronunciar corretamente os sons guturais da língua aramaica, Chamberlain conclui categoricamente que Jesus não era judeu, e sim,

⁹⁸ Lê-se no original: “Allerdings argumentierte Chamberlain nicht nur biologistisch, sondern auch kulturphilosophisch: Rasse verstand er nicht in erster Linie als Erscheinung von ethnischer Zugehörigkeit, er wies auch auf deren geistige und seelische Dimension hin”. PFAHL-TRAUGHER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 80. Tradução do autor.

ariano. Apesar do seu sangue não ser puramente teutônico, diz, sua virtude e suas doutrinas morais e religiosas eram opostas ao materialismo e ao abstrato formalismo do Judaísmo, fato que reforçaria sua tese. Em seguida, o autor traça o que considera ser a história da raça judaica, a raça “negativa” e “abastardada”, que “*saíra de uma mestiçagem antinatural entre beduínos do deserto semitas, hititas, sírios e amorreus arianos*”⁹⁹. Segundo ele, o sangue ariano teria vindo demasiado tarde para melhorar a linhagem hebraica que, consciente do pecado que teria cometido contra as supostas leis da vida, teria passado a dedicar-se ao cultivo de uma raça pura artificial. Esta decisão, cristalizada sob a forma de uma “consciência racial” [*Rassenbewußtsein*], seguida rigorosamente durante milênios, teria sido a causa de sua força e grandeza.

Os judeus merecem nossa admiração, pois agiram com uma certeza absoluta segundo a lógica e a verdade de seu ser e jamais o palavrório humanitarista fez que esquecessem, por um momento sequer, a santidade das leis físicas. Saibamos reconhecer com quanta maestria sabem utilizar-se da *lei do sangue* para estender sua dominação: o tronco principal perdura sem mácula, nenhuma gota de sangue estrangeiro mescla-se a ele; mas, simultaneamente, milhares de ramos secundários separam-se do tronco, para impregnar de sangue judeu os indo-europeus. [...] O casamento de uma jovem judia com um estrangeiro não altera a pureza do tronco judeu; mas o casamento de um jovem judeu com uma estrangeira contamina a semente da raça santa, mesclando-o com o sangue de outros povos... É assim que foi conservada e que está sendo conservada até o presente a pureza da raça judia.¹⁰⁰

Com estas observações, o autor deixa de ligar-se aos fundamentos da ciências biológicas, constituindo um certo misticismo racial com traços religiosos. Atribuindo aos judeus características negativas e nocivas, porém uma força racial enorme devido à manutenção da pureza racial, chega a uma escatologia semelhante àquela de Schemann, na qual haveria uma espécie de armagedon entre os arianos e judeus, uma luta racial de vida ou morte. Segundo ele, “*a vitória definitiva do espírito racial será conquistada através da força*

⁹⁹ POLIAKOV. *O mito ariano*, p. 314.

¹⁰⁰ CHAMBERLAIN, *Les fondements du XIXe siècle*, Payot, 1913, p. 437-447 *apud* SORLIN, *O anti-semitismo alemão*, p.108-109. Grifo no original.

*de uma cultura recém erguida, a qual, marcada pelo ideal de Shakespeare e Beethoven, poderia superar a degeneração do presente*¹⁰¹. Esta vitória reveste-se de um significado político importante:

Uma de suas afirmações diz que o “ariano” teria, graças ao seu valor cultural, o direito moral à dominação mundial, à qual os “semitas” concorreriam. Com isso foi usada não apenas uma concepção difusa sobre uma conspiração judaica, mas também a ambição em relação a uma “política mundial” alemã ideologicamente legitimada.¹⁰²

A influência de Chamberlain, em suma, foi enorme no início do século XX alemão, atingindo intelectuais e políticos. Ele foi considerado pelos nacional-socialistas como um precursor e um pioneiro, e suas concepções foram usadas fartamente na propaganda racista anti-semita.

Fazendo um balanço sobre os desenvolvimentos do anti-semitismo moderno sob a influência das teorias raciais do século XIX, pode-se destacar a formulação de bases teóricas para um anti-semitismo que, até então, era animado por questões sócio-econômicas com resquícios de antijudaísmo. Ou seja, a partir deste momento, a questão racial passou a representar um determinismo que abarca, de uma só vez, caracteres sociais, econômicos, biológicos e religiosos, todos considerados como fruto da constituição racial e, portanto, inalteráveis.

O fundamento para a classificação valorativa das raças foi estabelecida por Gobineau. As doutrinas darwinistas abriram a possibilidade de uma política racial consciente. A partir destas pressuposições os tradicionais preconceitos contra os judeus foram embasados pelas “leis da natureza”. Uma “melhora” dos judeus através do batismo não era mais possível. Como consequência da posição de Dühring, a eliminação e a internação foram apontadas como duas

¹⁰¹ Lê-se no original: “Der endliche Sieg der Rassenseele werde mit der Kraft einer neu entstandenen Kultur errungen, die, von den Vorbildern Shakespeares und Beethovens geprägt, dann die Degeneration der Gegenwart überwinden könne”. LOSEMANN. *Rassenideologien und antisemitische Publizistik in Deutschland im 19. und 20. Jahrhundert*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 318. Tradução do autor.

¹⁰² Lê-se no original: “Eine der Aussagen lautete, der “Arier” habe aufgrund seiner kulturellen Wertigkeit das moralische Recht auf die Weltherrschaft, welche die “Semiten” ihnen streitig machen wollten. Damit wurde nicht nur die diffuse Vorstellung von einer jüdischen Verschwörung bedient, sondern auch der Anspruch einer deutschen “Weltpolitik” ideologisch legitimiert”. PFAHL-TRAUGHER. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*, p. 80. Tradução do autor.

possibilidades de solução para a questão judaica. Mesmo no misticismo racial de Chamberlain, o apelo à luta de vida ou morte contra os judeus era imanente. Portanto, a “solução final” da questão judaica já estava pré-formulada no final do século XIX.¹⁰³

2.3 – O ANTI-SEMITISMO HITLERISTA

Ao se investigar sobre como Adolf Hitler tornou-se um anti-semita, o primeiro momento que deve ser analisado é a sua estadia em Viena, entre 1907 e 1913, o que ele próprio relata no segundo capítulo do primeiro volume de seu livro programa, “Minha Luta” [*Mein Kampf*]. Neste período, Hitler teve contato com idéias anti-semitas, como as do prefeito socialista-cristão Karl Lueger (1844-1910), do pangermanista Georg Ritter von Schönerer (1842-1921) e do ex-monge cisterciense Adolf Lanz (1874-1954).

Somente ao final da Primeira Guerra Mundial, entretanto, é que o pensamento anti-semita de Hitler começou a ganhar a forma de um programa. A situação política da cidade de Munique propiciava a reunião de forças anti-semitas, já que a Revolução de Novembro de 1918 “propiciou um modelo para a tese de uma revolução e uma conspiração mundial judaico-bolchevistas, que se espalharia pela Alemanha”¹⁰⁴, além de consolidar um estereótipo do revolucionário judeu-bolchevista, que foi amplamente divulgado pela propaganda da direita da época e que posteriormente foi recuperado pela propaganda nacional-socialista.

Logo no início de 1919, Hitler teve a oportunidade de envolver-se na “questão judaica”, sendo encarregado de ajudar a elaborar um relatório destinado ao oficial responsável

¹⁰³ Lê-se no original: “Ein breites Fundament für die wertende Klassifizierung der Rassen hatte Gobineau gelegt. Darwinistische Lehren eröffneten die Möglichkeit einer bewußten Rassenpolitik. Von diesen Voraussetzungen her wurden die traditionellen Vorurteile gegen die Juden durch die Taufe war nicht mehr möglich. In Konsequenz der Position Dührings waren Vernichtung oder Internierung als zwei Möglichkeiten der Lösung der Judenfrage angedeutet. Auch dem Rassenmystizismus Chamberlains war der Aufruf zum Kampf auf Leben und Tod gegen das Judentum immanent. Am Ende des 19. Jahrhunderts war somit die “Endlösung” der Judenfrage bereits vorformuliert worden”. LOSEMANN. *Op. cit.*, p. 319.

¹⁰⁴ Lê-se no original: “[...] lieferte eine Vorlage für die über Deutschland hinaus verbreitete These von einer jüdisch-bolschewistischen Revolution bzw. Weltverschwörung”. LOSEMANN. *Op. cit.*, p. 314. Tradução do autor.

pelo Departamento de Notícias e Esclarecimento da *Reichswehr*, capitão Karl Mayr, no qual deveria analisar a relação entre o regime social-democracia e os judeus. A carta, datada de 16 de setembro de 1919, é considerada o primeiro escrito político da carreira de Hitler, no qual apresenta uma retórica moderada, bem diferente do estilo inflamado dos anos posteriores. Para combater o que ele chama de “tuberculose racial das nações”, ele conclui que

um anti-semitismo de bases puramente emocionais encontrará sua última expressão sob a forma de *progroms*. Um anti-semitismo baseado na razão, entretanto, deverá levar ao combate legal planejado e a eliminação dos privilégios dos judeus [...]. Seu objetivo ulterior deve ser a irrevogável remoção dos judeus em geral.¹⁰⁵

O que Hitler quis dizer exatamente com remoção [*Entfernung*] é um ponto em aberto, possivelmente relacionado ou à expulsão ou à emigração, e não à eliminação que seria feita depois. É um argumento plausível, se considerarmos as medidas segregatórias tomadas no início de seu governo como um conjunto de ações legais e governamentais que seriam a execução prática desse programa, e se entendermos que a eliminação *de facto* [*Vernichtung*] seria uma radicalização deste programa motivada pela guerra¹⁰⁶.

A argumentação anti-semita de Hitler, nesse ponto, ganhou contornos claros, sendo notável a influência de autores já mencionados, como Gobineau, Dühring, Chamberlain e Fritsch. Durante sua estadia em Munique, Hitler continuou a ter contato com outros anti-semitas e ampliando seu ideário político racista. Do economista e político Gottfried Feder (1883-1941), herdou o lema anticapitalista “ruptura com a servidão sob o jugo dos juros” [*Brechung der Zinsknechtschaft*], que volta ao velho argumento anti-semita que relaciona os

¹⁰⁵ Lê-se no original: “Der Antisemitismus aus rein gefühlsmäßigen Gründen wird seinen letzten Ausdruck finden in der Form von Progromen. Der Antisemitismus der Vernunft jedoch muß führen zur planmäßigen gesetzlichen Bekämpfung und Beseitigung der Vorrechte des Juden [...] Sein letztes Ziel aber muß unverrückbar die Entfernung der Juden überhaupt sein”. Citado por DEUERLEIN. *Hitlers Eintritt in die Politik und die Reichweite*. In: Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte 7, 1959, *apud* LOSEMANN. *Op. cit.*, p. 322. Tradução do autor.

¹⁰⁶ Cf. GELLATELY. *Hingeschaut und weggesehen*.

judeus aos bancos, ao sistema monetário e à usura. O publicista e propagandista Dietrich Eckart (1868-1923), autor do livro “O bolchevismo de Moisés a Lenin” [*Der Bolschewismus von Moses bis Lenin*], contribuiu com a idéia (recorrente, como veremos na análise das fontes textuais) da conspiração mundial judaico-bolchevista. Alfred Rosenberg (1893-1946), um dos mais influentes ideólogos do NSDAP e dono do pomposo cargo de “encarregado do *Führer* para a supervisão do treinamento e educação intelectual e ideológica do NSDAP” [*Beauftragte des Führers für die Überwachung der gesamten geistigen und weltanschaulichen Schulung und Erziehung der NSDAP*], estabeleceu a relação entre o regime soviético e o governo dos judeus.

Por intermédio de Eckart e Rosenberg, Hitler recebeu boa parte do arsenal de argumentos anti-semitas de seu tempo, o que inclui o conhecimento de uma publicação entre as mais importantes para a conformação do seu próprio ideário anti-semita: os “Protocolos dos sábios de Sião”, uma falsificação elaborada entre 1894 e 1899 com a colaboração da polícia secreta russa no contexto do caso Dreyfuss, de modo a parecer que fora elaborado durante os trabalhos do primeiro Congresso Sionista ocorrido em Basel em 1897. Ele contém uma série de reflexões maquiavélicas sobre a condução do Estado, a maçonaria e supostos planos de judeus para a dominação mundial, que incluiria o controle da imprensa, do movimento operário, e até a manipulação da política internacional rumo à eclosão de guerras entre países rivais ou, caso estes se aliassem contra os judeus, ao desencadeamento de uma guerra mundial. Hitler acentua que as revelações apresentadas nesse texto revelam “*com uma segurança impressionante, a natureza e a atividade do povo judeu nas suas relações íntimas, assim como nas suas finalidades*”¹⁰⁷. Mesmo que não se avalie aqui a veracidade dos

¹⁰⁷ HITLER. *Minha luta*, p. 199. Lê-se no original: “[...] daß sie mit geradezu grauenregender Sicherheit das Wesen und die Tätigkeit des Judentums aufdecken und in ihren inneren Zusammenhängen sowie den letzten Schlußzielen darlegen”. HITLER. *Mein Kampf*, p. 337.

protocolos, o que importa é mostrar que sua influência sobre o anti-semitismo hitlerista foi decisiva. “*Os protocolos representam o ponto alto e a síntese de antigas teorias conspiratórias, que se orientam, em parte, a partir da imagem do eterno judeu errante*”¹⁰⁸, estabelecendo uma relação entre os antigos mitos anti-semitas e os judeus modernos.

Como foi dito, Hitler teve contato com as doutrinas anti-semitas racialistas do século XIX, restando agora mostrar de que maneira ele combinou, desenvolveu e radicalizou essas teorias de forma a estabelecer as bases ideológicas para a “solução final” [*Endlösung*] da questão judaica. A característica principal de seu anti-semitismo é, de maneira semelhante ao modelo tríplice de Gobineau (raça branca, amarela e negra), a divisão da humanidade entre três categorias: “*fundadores, depositários e destruidores de Cultura*”¹⁰⁹.

A radicalização de seu anti-semitismo, segundo Eberhard Jäckel¹¹⁰, foi realizada em quatro pontos fundamentais. Primeiro, a questão judaica tornou-se o motivo central de sua missão política. Ao falar sobre a Revolução de Novembro, Hitler diz que “*com os judeus não se pode pactuar. Só há um pró ou um contra*”, completando em seguida: “*eu, porém, resolvi tornar-me político*”¹¹¹.

O segundo ponto é o caráter missionário universal de seu anti-semitismo, já que ele acreditava que não lutaria apenas pela solução de uma causa nacional, uma vez que “*se a Alemanha conseguir libertar-se das garras do judaísmo, estará afastado, para felicidade do*

¹⁰⁸ Lê-se no original: “Die Protokolle stellen den Höhepunkt und die Synthese älterer Verschwörungstheorien dar, die sich z. T. an dem Bild des ewig wandernden Juden orientierten”. LOSEMANN. *Rassenideologien und antisemitische Publizistik in Deutschland im 19. und 20. Jahrhundert*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 326. Tradução do autor.

¹⁰⁹ HITLER. *Minha luta*, p. 189. Lê-se no original: “Kulturbegründer, Kulturträger und Kulturzerstörer”. HITLER. *Mein Kampf*, p. 318.

¹¹⁰ JÄCKEL. *Hitlers Weltanschauung. Entwurf einer Herrschaft*, Stuttgart, 1981, apud LOSEMANN. *Op. cit.*, p. 332-333.

¹¹¹ HITLER. *Minha luta*, p. 136. Lê-se no original: “Mit dem Juden gibt es kein Paktieren, sondern nur das harte Entweder-Oder. Ich aber beschloß, Politiker zu werden”. HITLER. *Mein Kampf*, p. 225.

mundo, esse formidável perigo que representa a dominação judaica”¹¹². O terceiro ponto é discurso sobre o suposto internacionalismo judaico e sua busca por aliados em vários países, como a Rússia soviética e a Inglaterra, seja através da imprensa ou do capital internacional. O quarto e último ponto refere-se à opinião de que a questão judaica estaria sendo até então tratada de maneira muito branda, devendo ser empregados meios mais contundentes. Ele estava convencido “*que esta é uma questão vital não apenas para o nosso povo, mas para todos os povos, já que os judeus são a peste mundial*”¹¹³.

Termos como “parasita”, “larva” e “peste”, usados na propaganda, remontam ao anti-semitismo de Dühring. Uma última referência mais radical que dá a entender que Hitler empregaria a violência como ferramenta política ao tratar da questão judaica e que, portanto, consiste em um embrião do projeto de eliminação física dos judeus, é apresentada no final do segundo volume do *Mein Kampf*:

*Não são mais os príncipes e amantes de príncipes que mercadejam e negociam as fronteiras do Estado e sim o implacável judeu internacional que luta pelo domínio sobre os povos. Não há povo que consiga afastar esse punho de sua garganta, a não ser pela espada. Somente a força unida e concentrada de uma paixão nacional em ebulição consegue fazer frente à escravização internacional dos povos. Uma tal solução é e terá de ser sempre por meio da violência.*¹¹⁴

“Com essa indicação final não se pretende depositar toda a responsabilidade sobre Hitler, já que o desenvolvimento e a consumação de seu programa ideológico-racial foi, e

¹¹² HITLER. *Minha luta*, p. 388. Lê-se no original: “[...] befreit sich Deutschland aus dieser Umklammerung, so darf diese größte Völkergefahr als für die gesamte Welt gebrochen gelten”. HITLER. *Mein Kampf*, p. 703. Pode-se arriscar uma tradução mais literal desta passagem: “Se a Alemanha se libertar dessas garras, então pode-se considerar que essa grande ameaça aos povos estará derrotada em todo o mundo”. Tradução do autor.

¹¹³ Lê-se no original: “[...] daß nicht nur für unser Volk, sondern für alle Völker dies eine Lebensfrage ist. Denn Juda ist die Weltpest”. JÄCKEL (org.) *Hitler. Sämtliche Aufzeichnungen 1905-1924*, Stuttgart, 1980, p. 1242, *apud* LOSEMANN. *Op. cit.*, p. 333. Tradução do autor.

¹¹⁴ HITLER. *Minha luta*, p. 405. Lê-se no original: “Kein Volk entfernt diese Faust anders von seiner Gurgel als durch das Schwert. Nur die gesammelte konzentrierte Stärke einer kraftvoll sich aufbäumenden nationalen Leidenschaft vermag der internationalen Völkerversklavung zu trotzen. Ein solcher Vorgang ist und bleibt aber ein blutiger”. HITLER. *Mein Kampf*, p. 738.

*isto deve ficar claro, facilitado por correntes anti-semitas amplamente divulgadas*¹¹⁵. Hitler foi mais um compilador de ideologias que propriamente um ideólogo, sendo responsável pela elaboração de um programa político que agrupou, condensou e radicalizou uma série de estereótipos pejorativos dos judeus e acrescentou um elemento específico: a proposta eliminacionista.

Sem a ambiência política e ideológica especificamente alemã, o nacional-socialismo não teria, talvez, logrado o sucesso que teve, uma vez que *“aquilo que pode ser dito sobre os alemães não é válido para nenhuma outra nacionalidade, ou nacionalidades combinadas, isto é: sem alemães não haveria Holocausto”*¹¹⁶. Este argumento polêmico de Goldhagen deve ser matizado, de modo a evitar que a análise do anti-semitismo racista nacional-socialista se transforme, ela própria, em um argumento racista anti-alemão.

Quando um estudo se propõe a analisar a ideologia nacional-socialista, há de se levar em conta o conjunto de idéias e propostas políticas, o regime instaurado para a implantação deste projeto político, os mecanismos de disseminação persuasiva de idéias a partir do governo em direção à população e, por último mas não menos importante, a própria população e sua faculdade de ponderar esses estímulos políticos para decidir racionalmente se os aceitam ou não. A perspectiva de análise de Goldhagen é fundada na cultura política, e busca a explicação do comportamento coletivo nacional através do entendimento do pensamento político nacional, segundo o autor, “anti-semita por excelência”.

Eu afirmo que qualquer explicação que deixe de levar em conta a capacidade dos agentes envolvidos de saber e julgar, ou seja, de compreender e possuir opiniões sobre o significado e a moralidade de suas ações, que omita seus valores e crenças como fatos essenciais, que não enfatize a motivação

¹¹⁵ Lê-se no original: “Mit diesem abschließenden Hinweis soll nicht alle Verantwortung auf Hitler abgeladen werden, denn die Entwicklung und Vollendung seines rassenideologischen Programms wurden, dies sollte hier deutlich werden, durch weitverbreitete antisemitische Strömungen begünstigt”. LOSEMANN. *Rassenideologien und antisemitische Publizistik in Deutschland im 19. und 20. Jahrhundert*. In: BENZ; BERGMANN. *Vorurteil und Völkermord*, p. 335. Tradução do autor.

¹¹⁶ GOLDHAGEN. *Carrascos voluntários de Hitler*, p. 14.

autônoma da ideologia nazista, particularmente o anti-semitismo como seu componente central, não logrará nos explicar os motivos pelos quais os perpetradores agiram da forma como o fizeram.¹¹⁷

Sua crítica às caracterizações ingênuas de “obedecer ordens” ou de “agir sob ordens” é bastante pertinente, uma vez que estas tentativas de explicação afastam as ações e os agentes políticos de seu contexto social, político e institucional. A cultura política apresenta uma perspectiva corretiva desse tipo de distorção de análise, pois *“tenta uma explicação dos comportamentos políticos por uma fração do patrimônio cultural adquirido por um indivíduo durante sua existência”*¹¹⁸.

Ou seja, ao se empreender a busca pela compreensão do fenômeno do nacional-socialismo, não se pode perder de vista nem seus agentes, nem suas motivações, do contrário chegar-se-ia a explicações impessoais que lograriam apenas chegar à conclusão de que a ditadura hitlerista foi responsável por tantas milhões de mortes executadas em tanto campos de concentração com tais e tais requintes de crueldade, ou enxergariam um membro do NSDAP, SA ou SS como *“um ser humano num estado de exaltação em que responde sem refletir”*¹¹⁹.

Goldhagen desenvolve sua análise levando em consideração o *“caldo de cultura política gerador dos perpetradores e de suas ações”*¹²⁰, mas talvez tem como falha principal o fato de não dar ênfase ao processo de doutrinação e de disseminação da cultura política nacional-socialista, considerando que o anti-semitismo já estava de tal maneira presente na sociedade alemã que Hitler e os nacional-socialistas não fizeram mais que libertar e ativar o anti-semitismo existente e acumulado. O objetivo do presente estudo é justamente

¹¹⁷ GOLDHAGEN. *Carrascos voluntários de Hitler*, p. 21.

¹¹⁸ BERSTEIN. *A cultura política*, p.359.

¹¹⁹ DOMENACH. *La propagande politique*, Paris, 1950 *apud* TCHAKHOTINE. *A mistificação das massas pela propaganda política*, p. 370.

¹²⁰ GOLDHAGEN. *Carrascos voluntários de Hitler*, p. 15.

compreender, através da análise dos cartazes de propaganda política, como este anti-semitismo foi reavivado, ressignificado e recontextualizado para a realidade política da Alemanha nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX.

A interpretação de Goldhagen sobre o papel político de Hitler e sobre a aceitação da maioria da população alemã é criticada por Gellately, que a considera monocausal e frágil a um exame mais profundo, uma vez que “*existiam muitas causas para o apoio ou apenas para a tolerância da população alemã a Hitler e à ditadura, sendo que algumas das mais importantes tinham pouco ou nada a ver com a perseguição aos judeus*”¹²¹. Segundo ele, a maioria dos alemães não tinha sentimentos tão violentos e negativos contra os judeus como Hitler e os nacional-socialistas. Os primeiros ataques teriam sido dirigidos não aos judeus, mas sim contra grupos considerados contrários à “ordem social”, especialmente os comunistas. Sua análise leva em consideração a eficiente manipulação da opinião pública, que agia para convencer os alemães das vantagens e do “lado positivo” da ditadura hitlerista, adotando gradual e vagarosamente uma postura estritamente anti-semita ao longo dos anos. Durante a ditadura hitlerista, os argumentos dos quais a propaganda se utilizava variaram, adequando-se às circunstâncias e à realidade política de cada momento.

A propaganda nacional-socialista não deveria nem poderia forçar o povo alemão de maneira primitiva. Ao contrário, deveria corresponder e justificar a mentalidade alemã. Pode-se conceber o conteúdo desta propaganda, que deveria ser atrativa e convincente, de maneira diferente, como um “indicador daquilo de cuja verdade o povo queria ser convencido”¹²².

¹²¹ Lê-se no original: “daß es für das Einverständnis der deutschen Gesellschaft mit Hitler und der Diktatur, oder auch nur für deren Duldung durch das Volk, viele Gründe gab, deren wichtigste wenig oder nichts mit der Judenverfolgung zu tun hatten”. GELLATELY. *Hingeschaut und wegesehen*, p. 17. Tradução do autor.

¹²² Lê-se no original: “Die nationalsozialistische Propaganda sollte und konnte dem deutschen Volk nicht auf primitive Weise aufgezungen werden. Im Gegenteil, sie sollte es ansprechen und deutschen Denkweisen gerecht werden. Man könnte den Inhalt dieser Propaganda, die ansprechend und überzeugend sein sollte, auch anders konzipieren, nämlich als “Indikator für alles, von dessen Wahrheit das Volk überzeugt zu sein wünschte”. GELLATELY. *Op. cit.*, p. 359. Tradução do autor.

Isto posto, fica mais claro o fato de que os nazistas remanejaram e ressignificaram elementos presentes na cultura alemã de modo a construir um discurso único e próprio, mas que não continha nenhum elemento radicalmente novo; apenas o arranjo político destes elementos e suas propostas de ação, além das respectivas justificativas que as acompanhavam, eram novos. Parte da força deste discurso vinha do fato de que o anti-semitismo nacional-socialista tinha raízes seculares na Alemanha, sendo chave de leitura do real por várias gerações de alemães. Afinal, “*a habituação do espírito à sua utilização como grelha de análise acaba por torná-la [a cultura política] um fenômeno profundamente interiorizado e que, como tal, é impermeável à crítica racional*”¹²³. O que não quer dizer, como se tentou argumentar, que a cultura política nacional-socialista não precisasse esforçar-se em disseminar seus argumento àquela parcela da população que não compartilhasse (ou apenas de maneira muito fraca) deste anti-semitismo.

Considerar que o anti-semitismo já estava de tal maneira disseminado na sociedade alemã que processos de doutrinação ou persuasão seriam dispensáveis seria corroborar a idéia nacional-socialista de uma sociedade homogênea estritamente alemã, definida pela raça e pelo sangue¹²⁴. Assim, faz-se necessária a análise da propaganda com o objetivo de entender como o discurso ideológico foi tornado palatável e inteligível para a população em geral com o objetivo de seduzi-la politicamente.

¹²³ BERSTEIN. *A cultura política*, p. 360.

¹²⁴ Cf. NORTH. *A critical review of Daniel Goldhagen's 'Hitler's Willing Executioners*.

CAPÍTULO 3

OS CARTAZES DE PROPAGANDA ANTI-SEMITA

A análise iconológica dos cartazes de conteúdo anti-semita será dividida em três temas principais, a saber: a propaganda antibolchevista, a propaganda anti-semita empenhada na construção do estereótipo físico pejorativo do judeu e, por último, o mito da coalisão mundial plutocrato-judaico-bolchevista. Dentro de cada tema, os cartazes que usam de representações semelhantes serão agrupados em pares e apresentados, sempre que possível, em ordem cronológica. O objetivo principal desta forma de organização é ressaltar as variações sobre um mesmo tema propagandístico, de modo a mostrar como os cartazistas tentaram evitar a repetição dos mesmos argumentos e recursos discursivos sem, no entanto, se afastarem da “linha mestra” estabelecida para cada grande campanha de propaganda.

O primeiro grande inimigo contra o qual se voltaram os cartazes de propaganda política era o bolchevismo. A revolução de novembro de 1918 mostrara a influência dos partidos de esquerda sobre os operários e soldados, e o *élan* revolucionário das massas era visto por olhos conservadores como uma ameaça à estabilidade política e à “ordem”. O NSDAP apresentava-se inicialmente como uma alternativa aos partidos de esquerda. Suas campanhas enfocavam a resolução de problemas sociais como o desemprego e a crise econômica, sem negligenciar os valores nacionalistas e conservadores, em uma tentativa de agradar tanto ao povo quanto às elites. Ao longo dos anos, a imagem do bolchevista foi sendo associada ao judeu, que passou a ser o “inimigo público número um”. Neste período, a propaganda se concentrou no estabelecimento de um estereótipo físico de valorização negativa do que seria um judeu típico, imagem esta inspirada no judeu do gueto.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, tornou-se necessária a criação de uma explicação que tentasse eximir o governo alemão de qualquer culpa pela eclosão da guerra.

Era preciso argumentar que a Alemanha estava apenas se defendendo da ameaça internacional supostamente organizada pela “judiaria mundial”, que teria agido nos bastidores da política dos países aliados e os levado à guerra contra o Terceiro *Reich*. Neste contexto, há também um retorno do antibolchevismo como tema recorrente na propaganda motivado pela guerra contra a União Soviética e a necessidade de estimular a população alemã à chamada “guerra total” [*Totaler Krieg*] contra os russos.

3.1 – A PROPAGANDA ANTIBOLCHEVISTA

Hitler soube perceber que a maioria das pessoas queria uma série de medidas radicais para superar a crise que atingia a Alemanha durante o que Gellately¹²⁵ chama de “laboratório experimental de democracia” [*Versuchslaboratorium der Demokratie*] de Weimar. A população estava pronta para dar confiança e compreensão a alguém que devolvesse à Alemanha o que eram, a seus olhos, elementos saudáveis da tradição alemã. E Hitler sabia manipular e manejar para si essa carência de confiança e compreensão.

Em geral, tinha-se um sentimento de que havia uma decadência de valores morais e culturais. Os suicídios eram quatro vezes maiores que na Grã-Bretanha e duas vezes maiores que nos EUA. Aumentava a prostituição, desvios sexuais e doenças venéreas. A crise era aumentada ainda pelo desemprego geral. Estima-se que 40% da população estava desempregada. A violência política nas ruas era literalmente uma experiência cotidiana. Geralmente, morriam inocentes em passeatas e manifestações nas ruas quando estes entravam no fogo cruzado. A polícia aparecia para conter o tumulto, mas às vezes ela entrava na briga em favor dos militantes nacional-socialistas e atiravam para matar os manifestantes comunistas do outro lado. A tendência antibolchevista na polícia alemã era bem conhecida.

¹²⁵ Cf. GELLATELY. *Hingeschaut und weggesehen*.

Os burgueses alemães temiam o avanço do comunismo. O KPD [*Komunistische Partei Deutschlands* – Partido Comunista Alemão] era o terceiro partido mais votado, e o SPD [*Sozialdemokratische Partei Deutschlands* – Partido Social-democrata Alemão] o segundo. Assim, a maioria dos votos ia para partidos marxistas, e a imprensa conservadora se perguntava sobre quem poderia combater de maneira efetiva o perigo marxista. Entre outros fatores, pode-se apontar a simpatia crescente da significativa imprensa de direita que ajudou Hitler a subir ao poder, já que ele e seu partido eram, na época de sua nomeação para o cargo de chanceler, a única opção aparentemente aceitável para os eleitores não-marxistas e não-católicos.

O primeiro cartaz apresentado (figura 01) apresenta uma série de perguntas que levam o eleitor a pensar sobre em quem deveriam votar, devendo refletir sobre vários valores estabelecidos como diametralmente opostos. Ele sintetiza grande parte dos argumentos antibolchevistas do nacional-socialismo. Nele, lê-se o seguinte: “*A guerra vermelha. Mãe ou camarada? Homem ou máquina? Deus ou Diabo? Sangue ou ouro? Raça ou mestiçagem? Música folclórica ou jazz? nacional-socialismo ou Bolchevismo?*”.

Através destas perguntas, o cartaz tenta pôr o seu receptor a refletir sobre uma série de substantivos colocados sob a forma de uma oposição, um recurso argumentativo que não necessita de adjetivações, uma vez que a sua própria colocação na pergunta já estabelece uma dicotomia entre o “bem” e o “mal”. As primeiras palavras representam os valores desejáveis atribuídos à cultura política nacional-socialista, como tenta argumentar o cartaz, e as últimas seriam atribuídos aos partidos de esquerda, inimigos dos nacional-socialistas que foram sintetizados sob o rótulo de “bolchevismo” no cartaz.



Figura 01 – “Der rote Krieg. Mutter oder Genossin? Mensch oder Maschine? Gott oder Teufel? Blut oder Gold? Rasse oder Mischling? Volkslied oder Jazz? National-sozialismus oder Bolschewismus?”. (1930?)

A oposição é intensificada pelo título “a guerra vermelha”, que faz referência ao uso da cor vermelha como símbolo tanto pelos nacional-socialistas como pelos comunistas. Em seu livro, Hitler comenta que “em princípio, a cor vermelha foi escolhida porque é a mais provocativa e deveria indignar e provocar nossos adversários e mais ou menos levar-nos,

através deles, ao conhecimento e à lembrança”¹²⁶. Ou seja, sua intenção era captar e redirecionar o significado evocado pela cor vermelha na propaganda comunista para o nacional-socialismo, que passou a usar a mesma cor em uma estratégia de substituição de estímulos. Não por coincidência, o próprio nome do partido é um agregado de dois termos relativamente distantes politicamente: o nacionalismo, típico da direita, e o socialismo, um movimento de esquerda. A idéia era, portanto, criar uma opção intermediária que pudesse atrair o maior número possível de simpatizantes das outras tendências políticas através da adoção ou, no mínimo, da menção superficial às idéias dos movimentos adversários.

A primeira pergunta, “mãe ou camarada?”, estabelece o contraste entre os valores da família, evocados freqüentemente no discurso nacional-socialista, e a idéia de igualdade e ausência de classes proposta pelo bolchevismo. Segundo um texto de 1943 sobre a política racial,

O marxismo ensina que só existem duas classes: os proprietários e os sem propriedade. Ambos devem ser destruídos e todas as diferenças entre os povos devem ser abolidas; uma única sopa humana deve resultar. Aquilo que antes era sagrado é depreciado. Toda a ligação à família, clã e povo foi dissolvida. O marxismo apela aos impulsos mais básicos da humanidade; é um apelo aos sub-homens¹²⁷.

A ênfase do argumento recai contra a substituição do valor da família, estreitamente ligada à doutrina racial, já que a família seria a instituição responsável por preservar a pureza

¹²⁶ Lê-se no original: “Als Farbe wurde grundsätzlich Rot gewählt, sie ist die aufpeitschendste und mußte unsere Gegner am meisten empören und aufreizen und uns ihnen dadurch so oder so zur Kenntnis und in Erinnerung bringen”. HITLER. *Mein Kampf*, p. 402. Tradução do autor. Note que a edição brasileira traz uma tradução insatisfatória: “A cor que escolhemos foi a vermelha, não só porque chama mais atenção como porque, provavelmente, irritaria os nosso adversários e faria com que eles se impressionassem conosco.” HITLER. *Minha luta*, p. 230.

¹²⁷ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Marxism teaches that there are only two classes: the owners and the property-less. Each must be destroyed and all differences between people must be abolished; a single human soup must result. That which formerly was holy is held in contempt. Every connection to family, clan and people was dissolved. Marxism appeals to humanity's basest drives; it is an appeal to subhumans”. In: *Racial policy*. Tradução do autor.

do sangue, pela idéia de uma sociedade sem distinção de classes e sem vínculos familiares, idéia considerada inaceitável no discurso nacional-socialista.

A segunda pergunta, “homem ou máquina?”, faz referência ao trabalho e à produção. O nacional-socialismo valorizava o trabalho manual, em um apelo saudosista às guildas e às corporações de ofício medievais, identificadas com a “potência criativa do ariano”. A industrialização não foi amplamente usada como ferramenta política, uma vez que este sistema produtivo não tinha o mesmo *glamour* ideológico do artesão medieval, além de estar relacionado a idéias “detestáveis” como capitalistas judeus e sindicalistas comunistas.

A terceira pergunta (“Deus ou Diabo?”) é literalmente maniqueísta, uma vez que se refere à dicotomia entre o bem e o mal. Em princípio, poder-se-ia pensar que o nacional-socialismo apresentava-se como uma doutrina política relacionada à religião, criticando o ateísmo comunista e identificando-o ao diabo. Desde o *Mein Kampf* já havia uma identificação entre o bolchevismo e o judeu¹²⁸, que seria “*um produto de seus instintos, e obedece à sua lei natural. O Führer chama isto de ‘a tragédia de Lúcifer’*”¹²⁹. Porém, este não deve ser encarado como um argumento de natureza religiosa, mas sim como o uso de um conceito religioso no discurso político¹³⁰. Algumas fontes criticam a Igreja Católica e sua idéia de que todos os homens são iguais, como um texto sobre a política racial¹³¹ que argumenta que a idéia de igualdade baseada na fé seria um mero estratagema para conquistar

¹²⁸ Cf. o capítulo 9 da segunda parte do *Mein Kampf*, em que Hitler fala sobre os “instigadores judeus” [*die jüdischen Drahtzieher*] por trás da revolução de Novembro de 1918.

¹²⁹ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “The Jew is also a product of his drives, and obeys his natural law. The Führer calls this ‘Lucifer’s tragedy’”. In: *The pestilential miasma of the world*. Tradução do autor.

¹³⁰ A discussão sobre as relações entre o Terceiro *Reich* e as religiões católica e protestante é bastante ampla, e não é objeto de análise neste estudo porque as referências religiosas nos cartazes de propaganda levantados durante a pesquisa são encontradas, ainda que de maneira muito discreta, em apenas dois cartazes: o primeiro refere-se ao Programa de Apoio de Inverno (*Winterhilfswerk*), e tenta estimular as doações dizendo: “Não doe – sacrifique-se” [*Nicht spenden – opfern*]. O cartaz traz o desenho de uma mão que segura uma moeda, mas parece o cravo na mão de Cristo. O segundo cartaz traz a legenda “A Alemanha vive” [*Es lebe Deutschland*] e traz a imagem de Hitler à frente de uma multidão segurando uma bandeira nazista. Acima dele, voa a águia nazista em frente ao sol, do qual emanam vários raios de luz, parecendo a pomba do Espírito Santo.

¹³¹ Cf. o texto *Racial policy*.

fiéis concebida pelo apóstolo judeu Paulo, e seria contrária à lei “divina” e “natural” da diferenciação racial.

A quarta pergunta (“sangue ou ouro?”) relaciona-se, como a segunda, também à valorização do trabalho manual, mas de uma maneira um pouco diferente, uma vez que não enfoca os meios de produção, mas sim a função social do trabalho, um valor identificado com o idealismo, visto como racialmente inerente ao povo alemão. Este é um valor considerado oposto ao materialismo e visto como inerente ao marxismo e, por consequência, aos judeus. Ainda, deve-se lembrar que a associação entre o judeu e a usura é parte do antijudaísmo medieval, fundado sobre o conceito do justo preço e sobre a tese de que os juros são um pecado porque não se pode vender o tempo, que é de Deus.

Um “bom alemão” trabalha duro e alegremente para servir seu povo. Para ele, “fazer algo” sempre foi um resultado mais importante de sua força criativa do que “fazer dinheiro”. O bom alemão valoriza cada criação, cada descoberta, como um serviço para a comunidade do povo alemão, que é muito mais valiosa para ele do que a possibilidade de ganhar dinheiro. O melhor alemão não é aquele que ganha mais dinheiro, mas aquele que é de maior préstimo para seu povo. Eu duvido que alguém pode traduzir essa frase para o hebraico, já que isto vai muito além do entendimento judaico¹³².

Uma outra fonte diz que “o judeu não é um espírito criativo, mas um espírito destrutivo. [...] O trabalho dos povos arianos mostra seu verdadeiro espírito criativo. O judeu é mormente um mercador, assim como ele o foi por milênios no passado”¹³³. Assim, pode-se concluir a doutrina nacional-socialista apresentava uma explicação racista para a divisão social do trabalho, ignorando raízes históricas como o sistema de privilégios mencionado

¹³² Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “A “good German” works hard and joyfully to serve his people. For him, “making something” has always been a more important result of his creative strength than “making money.” The good German values each creation, each discovery, as a service to the German people’s community that is more valuable to him than the possibility of making money. The best German is not he who makes the most money, but rather he who is of greatest service to his people. I doubt that one can translate this sentence into Hebrew, since it goes far beyond any Jewish understanding”. In: *The “decent” jew*. Tradução do autor.

¹³³ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “He is not a creative spirit. The Jew is mostly a merchant, as he was for millennia in the past.” In: *The German national catechism*. Tradução do autor.

anteriormente, que era um impedimento legal ao acesso dos judeus às profissões ditas criativas, como a agricultura e o artesanato.

A quinta pergunta (“raça ou mestiçagem?”) faz referência à proposta do nacional-socialismo de purificação e manutenção da “raça ariana” e à suposta ameaça representada pela mestiçagem, que faria com que o nível intelectual e cultural do povo alemão decaísse. “*Em poucas palavras, o resultado do cruzamento de raças é, portanto, sempre o seguinte: a) rebaixamento do nível da raça mais forte; b) regresso físico e intelectual e, com isso, o começo de uma enfermidade, que progride devagar, mas seguramente*”¹³⁴.

A penúltima pergunta (“música folclórica ou jazz?”), aparentemente apenas indício de um puritanismo cultural, esconde elementos anti-semitas¹³⁵. O jazz era um estilo musical tocado principalmente por negros, mas que seriam agenciados por empresários judeus, que ganhariam dinheiro às custas do sucesso dos artistas explorados. Assim, serviriam de intermediários no suposto projeto de degeneração da cultura europeia perpetrado pelos judeus. “*A dominação judaica na vida cultural e intelectual nas últimas décadas tem mostrado a todos os alemães a natureza destrutiva e corruptora desse povo*”¹³⁶.

O alvo desses supostos ataques seriam as manifestações culturais populares [*völkisch*], igualmente consideradas pelos nacional-socialistas como parte integrante da constituição racial dos arianos, uma vez “*que a sociedade, governo, economia e cultura humanas vêm da harmonia entre o mesmo sangue e a mesma raça, e que o antípoda da humanidade é o judeu,*

¹³⁴ HITLER. *Minha luta*, p. 186-187. Lê-se no original: “Das Ergebnis jeder Rassenkreuzung ist also, ganz kurz gesagt, immer folgendes: a) Niedersenkung des Niveaus der höheren Rasse, b) körperlicher und geistiger Rückgang und damit der Beginn eines, wenn auch langsam, so doch sicher fort schreitenden Siechtums”. In: HITLER. *Mein Kampf*, p. 314.

¹³⁵ A capa da brochura de divulgação exposição “*Entartete Musik*” [Arte degenerada], de 1938, traz a figura de um músico negro tocando saxofone com um grande broche branco na lapela, o qual estampa uma estrela de David. Cf. a imagem na URL http://www.dhm.de/lemo/objekte/pict/643_2/index.html.

¹³⁶ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “The Jewish dominance in culture and intellectual life over the last decades has shown all Germans the destructive and corrupting nature of this people”. In: *On the German people and its territory*. Tradução do autor.

que incorpora a raça adversária”¹³⁷. Assim, mais do que prestigiar uma manifestação cultural estrangeira, ouvir jazz seria aceitar o suposto ataque do judeu à cultura e à dita unidade nacional e racial alemã.

Por último, a pergunta fundamental que levaria à formulação de uma opção política, (“nacional-socialismo ou Bolchevismo?”), é responsável por dar sentido aos pares de opostos apresentados, uma vez que recupera a ordem retórica usada nas seis perguntas anteriores. Não se pode atribuir muita capacidade persuasiva simplesmente ao discurso imagético, uma vez que sua argumentação baseia-se no texto. Como elemento reforçador, o artista usou o contraste entre a cor preta do fundo e a cor branca do suporte do texto, que tem um formato pouco expressivo e que não parece representar coisa alguma, além da superposição do vermelho e da suástica colocada no canto superior esquerdo. Porém, como vimos, o recurso retórico de elencar uma série de perguntas dicotômicas, maniqueístas e reducionistas provoca um diálogo solitário na mente do receptor do cartaz, que é colocado a pensar sobre vários fatores políticos, econômicos, sociais e culturais para tomar uma decisão final, escolhendo entre o nacional-socialismo e o bolchevismo.

Os seguintes cartazes começam a estabelecer uma característica importante da propaganda antibolchevista: o recurso a representações zoomórficas. O primeiro cartaz (figura 02) é da fase eleitoral, e faz uso do discurso imagético, lançando mão de uma representação zoomórfica. Ao representar o marxismo e as altas finanças como uma grande cobra cinza, o cartaz apela para um elemento externo (o animal) como elemento evocador de sensações. Os sentimentos negativos como medo, ojeriza ou repulsa provocados pela visão de um animal tão

¹³⁷ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “We maintain that human society, government, economics, and culture come from the harmony of common blood and a common race, and that the antipole of humanity is the Jew, who embodies the competing race”. In: *The pestilential miasma of the world*. Tradução do autor.

repugnante, ameaçador e perigoso, são transferidos pelo texto a dois grupos políticos distintos.

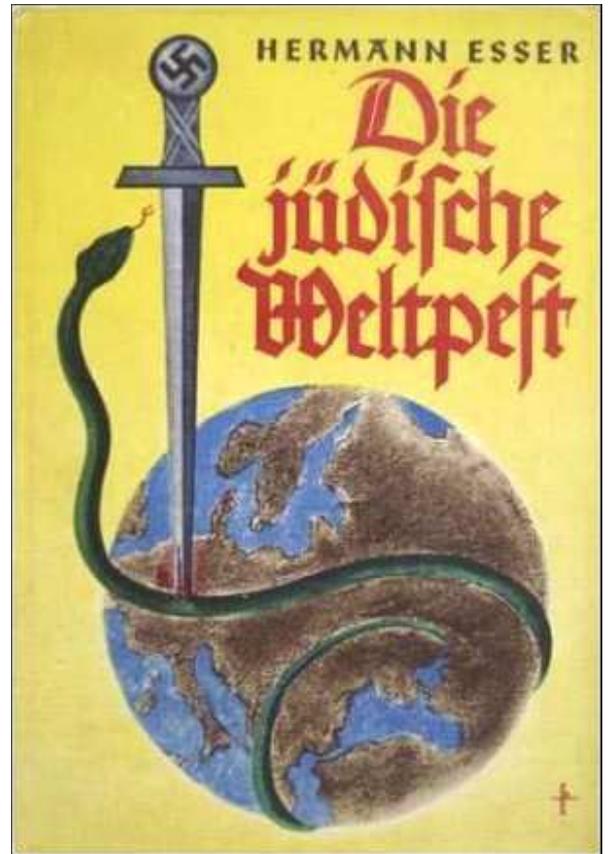
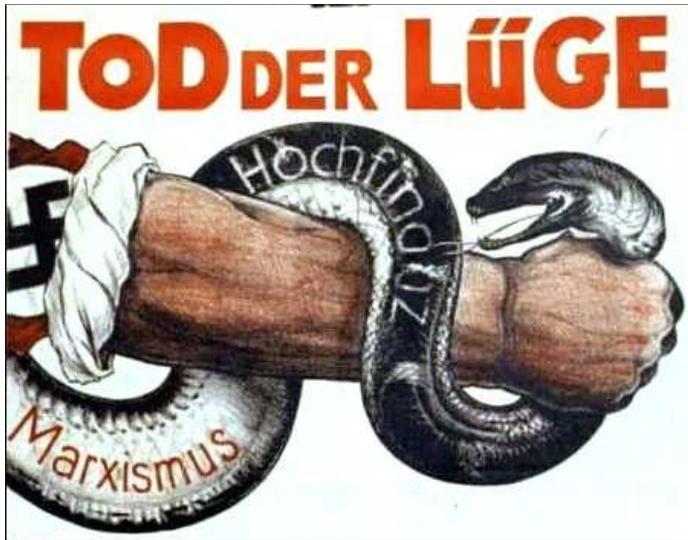


Figura 02 – “*Tod der Lüge / Marxismus, Hochfinanz*” [Morte às mentiras – Marxismo, altas finanças] (1930?)

Figura 03 – Capa do livro “*Die jüdische Weltpest*” [A peste mundial judaica], de Hermann Esser. (1939)

Os marxistas e os capitalistas são identificados à mesma figura maléfica através da superposição das palavras sobre o corpo da serpente, conhecido símbolo bíblico para o mal, amaldiçoado por ter tentado Adão e Eva a comer do fruto da árvore da sabedoria. No primeiro livro da Bíblia lê-se: “*Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás tu dentre todos os animais domésticos, e dentre todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida*” (Gn, 3:14). A identificação praticamente paradoxal entre marxistas e capitalistas é construída através da associação de ambos os grupos com os judeus.

Um panfleto de 1934 apresenta de maneira resumida a legislação que visava a “arianização” do serviço público¹³⁸ através da proibição do trabalho de judeus em vários setores, como universidades, banco central, companhia ferroviária, organizações culturais e imprensa. Pode-se dizer que esta lei, apelidada de “Parágrafo Ariano” [*Arierparagraph*], representou um retrocesso legal, no que toca a questão da emancipação e assimilação dos judeus à sociedade alemã, ao século XVIII, tempo dos “privilégios” legais concedidos a alguns judeus. Essas medidas se faziam necessárias, porque, segundo seus autores, E. H. Schulz e R. Frercks,

Antigamente, a questão judaica, da forma como era vista pelo Estado, era uma questão de completa igualdade e de imigração sem obstáculos de judeus vindos do leste. Esta é a melhor prova de que o sentimento e a consciência raciais foram perdidos. Nosso tom não foi puramente negativo nem foi a simples rejeição dos outros, ao contrário, a ênfase foi sobre os valores positivos de nosso próprio povo. Faz-se necessário notar que **a judiaria, através do seu papel de liderança na luta de classes marxista e suas medidas financeiras internacionais dirigidas contra a Alemanha, apoia todo tipo de ação antinacional** nas áreas cultural e política. A judiaria não pode reclamar se suas atividades antialemãs, que não têm equivalente em nenhum outro país, exijam do povo a reação defensiva do anti-semitismo.¹³⁹

Assim, o judeu é visto como o denominador comum das atividades dos comunistas e dos capitalistas, atividades bastante distintas e teoricamente voltadas uma contra a outra, mas que objetivavam destruir a Alemanha. Portanto, seria necessário que os alemães tomassem medidas “defensivas” contra estes ataques, da mesma maneira como uma pessoa que mata uma serpente que o ameaça age por legítima defesa.

¹³⁸ Cf. Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums (07.04.1933). In: documentArchiv.de [org], URL <http://www.documentArchiv.de/ns/beamteneges.html>.

¹³⁹ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “Formerly, the Jewish question, as seen by the state, was a matter of complete equality and the unhindered immigration of Jews from the East. This is the best proof of how racial feeling and consciousness had been lost. Our tone was not purely negative or the simple rejection of others, rather the emphasis was on the positive values of our own people. This does require noting that Jewry through its Marxist class struggle leadership role and its international financial measures aimed at Germany supported every kind of anti-national action in the cultural and political fields. Jewry should not complain if its anti-German activities, which have no counterpart in any other country, call forth from the people the defensive reaction of anti-Semitism”. In: *Why the aryan law?*. Tradução e grifo do autor.

Na capa do livro “A peste mundial judaica” [*Die jüdische Weltpest*] (figura 03), a imagem da serpente também foi usada para representar os judeus. O animal representa o movimento migratório dos judeus, estendendo-se dos Bálcãs à Palestina, Ásia Menor, Rússia chegando à Europa através da Polônia em direção à Alemanha. Seu corpo dá a idéia de um movimento ininterrupto, de uma “imigração sem obstáculos”, como dito anteriormente. Porém, ao chegar sobre o território alemão, ela é golpeada por uma longa espada. O efeito dramático da imagem é aumentado com o sangue que jorra do corpo da serpente sobre o território alemão.

É curioso observar que, dentre os 42 cartazes de conteúdo especificamente anti-semita levantados na pesquisa, nenhum deles faz qualquer referência ao emprego de violência física contra os judeus. O cartaz de propaganda, lembrando a descrição sobre sua natureza feita no capítulo anterior, é “*intransportável [...] ao encontro do qual vamos, em lugar de o termos em nossas mãos. É talvez esta situação respectiva do ser e do estímulo que define melhor o cartaz de publicidade ou propaganda*”¹⁴⁰. Assim, era uma estratégia política importante evitar qualquer tipo de discurso excessivamente agressivo, especialmente que envolvesse alusão à violência ou à eliminação física dos judeus, de modo a não chocar uma significativa parcela da população de receptores da propaganda sobre os quais a menção de violência teria um efeito negativo.

O livro, ao contrário, é adquirido pelo leitor que tem algum interesse no assunto, servindo sua capa como um atrativo para a atenção e como um estímulo à sua compra. Desta maneira, poderia fazer uso de um discurso mais contundente, que foi apropriado, neste exemplo, de maneira discreta, uma vez que a espada não perfura uma figura humana, mas sim

¹⁴⁰ MOLES. *O cartaz*, p. 19.

uma representação zoomórfica. Isto de certa forma atenua a violência usada pela imagem, sem deixar de indicar a intencionalidade do discurso contido no livro.

O discurso propagandístico, nos anos seguintes, canalizou o sentimento antibolchevista para transformá-lo em mais um componente do anti-semitismo, alegando que

é surpreendente que poucos tenham reparado que as doutrinas de Karl Marx-Mordechai¹⁴¹ eram judaicas por natureza. Ele acredita que poderia tomar a visão materialista da história e a natureza exploradora do povo judeu e aplica-las a todos os outros povos.¹⁴²

No dia seguinte a sua nomeação à chancelaria, em 30 de janeiro de 1933, seguiu-se a dissolução do parlamento, e Hermann Göring, seu “ministro sem pasta” [*Minister ohne Geschäftsbereich*], tomou medidas para a imposição de medidas policiais de emergência. Em princípio, o terror instituído que isto representou era seletivo, voltado principalmente contra os comunistas. Nas eleições de 11 de março de 1933, o NSDAP recebeu 43,9% dos votos, o que lhe deu uma maioria sem grandes vantagens no parlamento. O que fica claro nesta eleição é que a maioria dos alemães apoiavam os nacional-socialistas.

Hitler conseguiu a mudança na constituição em 23 de março, quando os parlamentares lhe fizeram a vontade, aprovando a “lei de autorização” [*Ermächtigungsgesetz*]. Antes da votação, Hitler manifestou seu programa de governo, que incluía a luta contra o bolchevismo, a recuperação dos postos de trabalho e a restauração do reconhecimento da Alemanha na Europa. Ainda, fazia parte de seu programa o estabelecimento de “uma verdadeira comunidade popular” [*eine wirkliche Volksgemeinschaft*], e o “saneamento moral drástico do corpo social” [*eine durchgreifende moralische Sanierung des Volkskörpers*]¹⁴³.

¹⁴¹ Karl Marx era filho de Herschel Mordechai, um judeu que converteu-se ao luteranismo e mudou seu nome para Heinrich Marx depois que as autoridades prussianas proibiram que judeus exercessem o direito. Os textos nacional-socialistas sempre citam seu antigo nome de família para lembrar o leitor das origens judaicas de Marx.

¹⁴² Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “It is surprising that few have noticed that Karl Marx-Mordechai's doctrines were Jewish in nature. He believed that he could take the materialist view of history and the exploitive nature of the Jewish people and apply them to all the other peoples”. In: *Zionism*. Tradução do autor.

¹⁴³ GELLATELY. *Hingeschaut und weggesehen*, p. 27.

Segundo Gellately, a combinação do “Decreto do presidente do *Reich* para a proteção do povo e do Estado”¹⁴⁴, motivado pelo caso do incêndio do edifício do Parlamento alemão, e a “lei para a eliminação das necessidades do povo e do *Reich*”¹⁴⁵ deram um verniz de legalidade à revolução nacional-socialista, e facilitou a aceitação de parte da população para a ditadura.

O destino de Hitler dependia, então, da solução que daria ao problema do bolchevismo e do desemprego. A primeira parte seria relativamente fácil, visto o potencial de forças repressivas que o governo poderia mobilizar, a extensão do antibolchevismo popular e o número limitado de militantes comunistas. Em todo o país ocorreu uma caça aos comunistas, ordenada primeiramente à Polícia Política da Prússia, que daria origem à Gestapo [*Geheime Staatspolizei* – Polícia Secreta de Estado]. Não foi necessária uma “limpeza” nos quadros da polícia, uma vez que este era um tradicional reduto de antibolchevismo.

A imprensa nacional-socialista ou mesmo independente dava notícias sobre as prisões sem nenhum pudor de esconder que membros do KPD eram presos aos milhares por toda a Alemanha e enviados sem julgamento a campos de concentração.

A maioria dos alemães, especialmente aqueles que se posicionavam próximos ao NSDAP, acreditavam na versão oficial dos acontecimentos, segundo a qual [o incêndio do Parlamento alemão] se tratara de uma tentativa comunista de golpe de Estado e que medidas radicais eram necessárias.¹⁴⁶

Segundo Gellately, o manejo da violência e a repressão contra o comunistas tiveram um efeito “benéfico”, sendo um fator fundamental para a conquista do apoio de boa parte da

¹⁴⁴ Cf. Verordnung des Reichspräsidenten zum Schutz von Volk und Staat (28.02.1933). In: documentArchiv.de [org], URL <http://www.documentArchiv.de/ns/rtbrand.html>.

¹⁴⁵ Cf. Gesetz zur Behebung der Not von Volk und Reich (24.03.1933). In: documentArchiv.de [org], URL <http://www.documentArchiv.de/ns/ermaecht.html>.

¹⁴⁶ Lê-se no original: “Die meisten Deutschen, namentlich jene, die der NSDAP nahestanden, glaubten an die offizielle Version der Ereignisse, wonach es sich um einen kommunistischen Umsturzversuch gehandelt hatte und radikale Maßnahmen notwendig gewesen waren”. GELLATELY. *Hingeschaut und weggesehen*, p.35. Tradução do autor.

população e, assim, para a consolidação da ditadura hitlerista. O autor comenta que o Ministério da Justiça recebeu, durante o mês de março de 1933, mais de duzentas cartas de pessoas comuns pedindo a pena de morte aos supostos incendiários do Parlamento, e muitos deles se ofereceram voluntariamente para o cargo de carrasco. Enquanto isso, “*o governo insistia que respondia a uma ameaça revolucionária, que tornava necessárias medidas de emergência imediatas*”¹⁴⁷.

Considerando esse contexto histórico, pode-se afirmar que a propaganda antibolchevista foi, nesse primeiro momento, mais importante do que a propaganda anti-semita, desempenhando um fator fundamental na guerra ideológica pelo poder político.

Os próximos quatro cartazes são exemplos de propaganda antibolchevista publicada já no período do regime hitlerista. Os primeiros dois cartazes recorrem a representações zoomórficas, enquanto os dois seguintes usam imagens antropomórficas que evocam a morte. Isto leva à constatação de que o recurso a imagens de seres repugnantes foi uma estratégia bem estabelecida para representar o inimigo bolchevista, ao contrário do que aconteceu com as representações do judeu. Em nenhum dos 42 cartazes de conteúdo especificamente anti-semita levantados pela pesquisa o judeu foi representado na forma de um animal ou inseto, mas sempre por figuras humanas que usavam a fealdade como recurso discursivo, como veremos adiante.

O primeiro cartaz desta série (figura 04) traz a figura de uma colossal aranha cuja cabeça é um crânio humano dotado de olhos esbugalhados e ameaçadores que fitam o espectador do cartaz como se estivesse pronto para dar o bote, além de um chapéu azul estampado com a estrela soviética. Escorre sangue de sua boca, talvez como vestígio de sua

¹⁴⁷ Lê-se no original: “Die Regierung beharrte darauf, daß sie auf eine revolutionäre Bedrohung antworte, die unverzüglich Notstandsmaßnahmen erforderlich mache”. GELLATELY. *Hingeschaut und wegesehen*, p. 36.

última refeição de carne humana, elemento discreto por causa da falta de contraste em relação ao corpo igualmente vermelho do monstruoso inseto. Suas patas agarram os continentes, como se pudesse arrastá-los para junto de si.



Figura 04 – “Der Bolschewismus – Große anti-bolschewistische Schau / Karlsruhe” [O bolchevismo – grande exposição anti-bolchevista / Karlsruhe]. (1936)

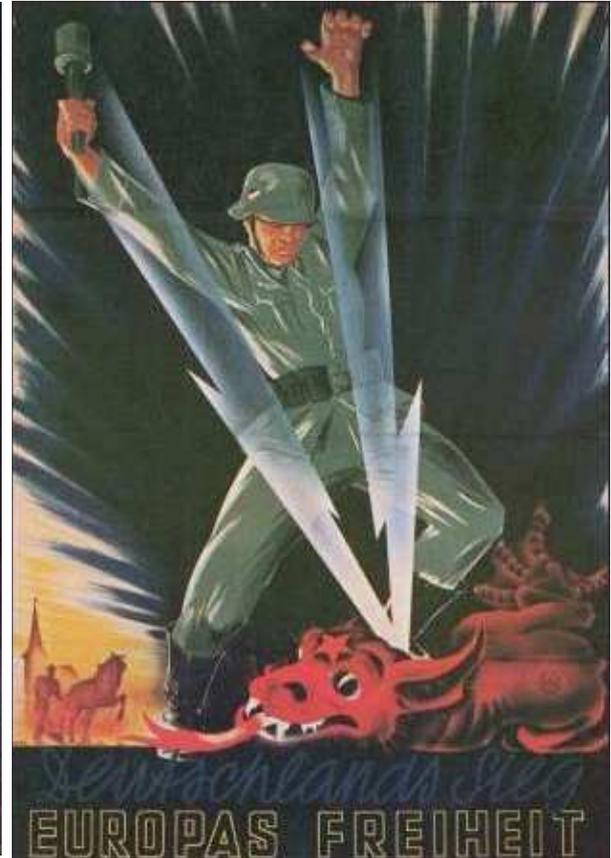


Figura 05 – “Deutschlands Sieg – Europas Freiheit” [Vitória da Alemanha – Liberdade da Europa]. (1943?)

A mensagem do cartaz refere-se à proposta do bolchevismo de revolução mundial, temida pelos nacional-socialistas como uma ameaça iminente vinda da Rússia soviética que se espalharia pela Europa e, posteriormente, por todo o mundo. Essa ameaça começou a tornar-se realidade depois da derrota alemã em Estalingrado, no início de 1943. Imediatamente o Escritório Central de Propaganda [*Reichspropagandaleitung*] do NSDAP, chefiado por Joseph Goebbels, lançou uma série de diretivas para o reavivamento da propaganda

antibolchevista. Entre um dos vários tópicos que deveriam ser enfatizados, encontra-se um que afirma que a batalha contra o bolchevismo seria uma guerra defensiva.

O objetivo do bolchevismo é a conquista mundial e a revolução global como o cerne de seu programa político, e ele tem perseguido este objetivo sistematicamente desde o início. Uma parte fundamental do programa bolchevista é conduzir o mundo ao tumulto e à revolução com o intuito de enfraquecer os povos e torná-los presas fáceis da dominação judaico-bolchevista. Stalin queria usar esta tática na guerra. Somente porque o *Führer* entendeu nitidamente o objetivo do bolchevismo e agiu pouco antes dos líderes bolchevistas é que a Alemanha, e mesmo toda a Europa, vem sendo protegida da ameaça de um ataque bolchevista. Estamos lutando uma guerra defensiva pela vida e pela liberdade do povo alemão e, em última instância, também pelos outros povos da Europa.¹⁴⁸

Novamente observa-se o argumento de legítima defesa, que representa uma série de aspectos políticos significativos. O primeiro deles refere-se à causa do conflito entre alemães e judeus e/ou bolchevistas. Se os últimos são os responsáveis por elaborar uma série de planos que visam destruir a política, a economia e a cultura da Alemanha, logo eles podem e devem ser eliminados. Este raciocínio traz uma idéia de justiça, já que argumenta pela legítima defesa, o que abriria margem para uma maior adesão popular, uma vez que retira um possível sentimento de culpa do espectador do cartaz em usar ou permitir o uso de violência contra comunistas e, por extensão, judeus. Ainda, argumenta em favor da legitimidade da luta contra o bolchevismo desde os primeiros anos do regime hitlerista, como vimos, até a Segunda Guerra Mundial, já que é uma luta pela herança cultural de toda a Europa. Este argumento busca eximir o governo alemão de sua responsabilidade na deflagração da “caça aos comunistas”, do conflito mundial e do genocídio dos judeus, já que teria apenas reagido a uma

¹⁴⁸ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Bolshevism's goal is world conquest and world revolution as the core of its political program, and it has pursued this goal consistently from the beginning. A fundamental part of the Bolshevik program is to lead the world into tumult and revolution in order to weaken the peoples and make them easy victims of Jewish-Bolshevist domination. Stalin wanted to use the tactic in this war too. Only because the Führer clearly saw Bolshevism's goal and acted just before the Bolshevik leaders did has Germany, and indeed all of Europe, been protected from the threat of Bolshevik attack. We are fighting a defensive war for the life and freedom of the German people, and ultimately for the other peoples of Europe as well”. In: *Directive for the Anti-Bolshevist Propaganda Action*. Tradução do autor.

ameaça e posteriormente a um ataque deliberado de seus inimigos. Em última instância, a paranóia contra a dominação mundial comunista justificaria a dominação mundial alemã, uma vez que a Alemanha era representada como defensora dos valores da civilização e deveria, portanto, zelar pela manutenção da humanidade e de sua mais alta produção cultural.

O cartaz seguinte (figura 05) representa o papel que o Exército alemão [*Wehrmacht*] teria de defender seu país e toda a Europa contra a ameaça do bolchevismo. A data exata do cartaz é desconhecida, mas só pode ser do período pós-1939, uma vez que refere-se à “vitória da Alemanha” [*Deutschlands Sieg*], e só pode haver vitória se houver conflito. Pode-se supor que o cartaz é posterior ao ano de 1943, já que foi um momento importante de intensificação da propaganda antibolchevista, como dito anteriormente.

Nesse cartaz, o bolchevismo é representado através da figura de um dragão vermelho abatido por dois raios que saem das mãos de um soldado alemão. Na mão direita, ele segura uma granada, enquanto que na esquerda não carrega nada, apenas movimenta-a para lançar o raio. Este raio possivelmente não representa nenhum poder mágico ou sobre-humano do soldado alemão, sendo mais provável que simbolize as iniciais das SS [*Schutzstaffeln*]¹⁴⁹, a guarda pretoriana de Hitler, que posteriormente teve sua versão militar internacional, as *Waffen-SS*, que recrutavam voluntários de vários países ocupados pela Alemanha para lutar contra o bolchevismo. A *Wehrmacht* teria um papel fundamental de liderança, como mostra a já mencionada diretiva para a ação de propaganda antibolchevista publicada pelo Escritório Central de Propaganda em 1943:

Nós devemos mostrar de maneira clara que somente o exército alemão está a postos para resistir com sucesso à gigantesca máquina de guerra bolchevista, e que somente ele tem a força para derrotar o inimigo bolchevista. Nem a Inglaterra ou os Estados Unidos, nem nenhuma outra potência, poderia

¹⁴⁹ Em alemão, “tropas de proteção”. Desde 1923, Hitler tinha a seu comando as “tropas de choque de Hitler”, uma falange pretoriana encarregada de manter sua segurança. Essas tropas foram transformadas nas S.S. em 1927, passando para o comando de Heinrich Himmler.

impedir a Europa de cair sob controle bolchevista se o exército alemão for derrotado.¹⁵⁰

Para lutar contra o que os nacional-socialistas chamavam de “exército judaico-bolchevista de sub-homens” [*Untermenschen*], os “camaradas europeus” se uniriam “sob o signo das SS”¹⁵¹ para defender sua herança cultural comum de matriz “greco-ariana”. Este foi um tema usado na Itália e em vários países ocupados, como França, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Croácia, Noruega, Finlândia e o território soviético ocupado (atual Ucrânia)¹⁵². Deve-se levar em consideração que idéias sobre a suposta superioridade da raça ariana não seriam convincentes em países onde o pensamento racista não tinha grande importância e cujas populações tinham origens étnicas e “raciais” distintas.

O dragão vermelho representa o bolchevismo. “*O imaginário comunista, como já tivemos ocasião de mostrar, de maneira recorrente associava o bolchevismo a figuras animais, notadamente à serpente*”¹⁵³. O monstro tem uma estrela vermelha na frente assim como a aranha do cartaz anterior (figura 04), e “*parece referir-se a um dos símbolos mais fortes do imaginário cristão, o monstro do Apocalipse, descrito na visão de S. João*”¹⁵⁴, apesar de ter apenas uma cabeça, ao passo que o monstro bíblico tinha “*sete cabeças e dez chifres, e sobre suas cabeças sete diademas*” (Ap, 12:3). O apóstolo João descreve a luta entre o arcanjo Miguel e “*o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com*

¹⁵⁰ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “We must show clearly that only the German military is in a position to successfully resist the gigantic Bolshevik war machine, and that only it has the strength to defeat the Bolshevik enemy. Neither England nor America, nor any other power, can stop Europe from falling under Bolshevik control if the German military is defeated. In: *Directive for the anti-bolshevist propaganda action*. Tradução do autor.

¹⁵¹ Estas são citações de um cartaz de recrutamento das *Waffen-SS* na França que diz que “com seus camaradas europeus sob o signo das SS você vencerá!” [*Avec tes camarades européens sous le signe SS tu vaincras!*].

¹⁵² A pesquisa levantou 56 cartazes de recrutamento das *Waffen-SS* publicados nesses oito países.

¹⁵³ MOTTA. Em guarda contra o “Perigo Vermelho”, p. 100.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 100-101.

ele” (Ap, 12:9). O recurso à conhecida imagem do dragão pode não ter um conteúdo religioso tão significativo no contexto do nacional-socialismo como teve em outros contextos, como no Brasil, por exemplo¹⁵⁵, mas é uma estratégica propagandística eficiente, já que uso de uma figura mítica como o dragão, tão comum no imaginário medieval alemão, tem maiores chances de evitar a ambigüidade discursiva ou a incompreensão por parte do receptor.

Uma outra figura repulsiva amplamente conhecida é a caveira, símbolo da morte. Esta imagem foi usada nos dois cartazes antibolchevistas que vemos a seguir. O primeiro cartaz (figura 06) é do período eleitoral que, como já vimos, foi um importante momento de produção de propaganda antibolchevista. Ele traz a imagem de um homem vestido com o sobretudo do exército russo cuja cabeça é uma caveira dotada de olhos que fitam o receptor com um olhar ameaçador de baixo para cima. O comunista usa a boina bolchevique com um broche da estrela soviética que contém a foice e o martelo, símbolo que decora também a fivela de seu cinto. A postura do homem é ameaçadora, e parece estar prestes a agarrar o receptor com suas mãos, tendo a sua disposição uma faca. A arma está embainhada e pendurada na parte de trás do cinto, sendo apenas visível por causa do ângulo em que a figura é vista, já que, se fosse vista de frente, a faca ficaria oculta atrás de suas costas.

A perspectiva com a qual o homem foi representado é, obviamente, intencional, e pretende argumentar que o comunista parece estar desarmado, mas traz uma arma escondida para atacar seu inimigo de surpresa. Esta pode ser uma referência ao já mencionado mito da “punhalada nas costas” [*Dolchstoß*], muito divulgado pela direita alemã depois da derrota na Primeira Guerra Mundial.

¹⁵⁵ O anticomunismo no Brasil é estudado no trabalho de Rodrigo Patto Sá Motta (*Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*, São Paulo, Perspectiva, 2002), e aparece como questão subsidiária nos trabalhos de Eliana Dutra (*O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos anos 30*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997) e Heloísa Starling (*Os Senhores das Gerais: Os Novos Inconfidentes e o Golpe Militar de 1964*, Petrópolis, Vozes, 1986).



Figura 06 – “Bravo Herr von Papen! Nur weiter so, mit Notverordnungen. Lohn und Runterkürzung und Beseitigung des Tarifrechtes, Sie geben uns Kommunisten die letzte Chance. – Soll das Wahrheit werden? Nein! Nur einer rettet uns vom Bolschewismus: Adolf Hitler! Liste 1 National-Sozialisten”. Desenho por Felix Albrecht. (1932)



Figura 07 – “Bolschewismus ohne Maske” [Bolchevismo sem máscara]. (1937) Cartaz de divulgação da exposição de mesmo nome ocorrida no edifício do Reichstag, em Berlim, entre 6 de novembro de 1937 a 9 de janeiro de 1938. A exposição também deu origem a um livro homônimo, de autoria de Franz Meffert, cuja capa é idêntica.

O punhal “é instrumento típico de bandidos, malfeitores e piratas, enquanto a arma dos nobres e puros é a espada”¹⁵⁶. Ele simboliza um ataque traiçoeiro, já que perfura as costas do inimigo quando ele está distraído. Na Idade Média, o punhal era considerado uma arma traiçoeira, já que penetrava o corpo do adversário através das juntas das placas de metal que compunham as armaduras. Este golpe era desonroso, uma vez que evitava o confronto justo e direto usando a espada.

¹⁵⁶ MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho*, p. 102.

A longa legenda do cartaz é escrita em primeira pessoa como se fossem as palavras do personagem representado, e diz o seguinte:

“Bravo senhor von Papen! Continuando assim, com medidas de emergência, empréstimos, redução e eliminação dos direitos trabalhistas, o senhor dá a nós, comunistas, a última chance. – Isto deve se tornar realidade? Não! Apenas um nos salvará do bolchevismo: Adolf Hitler! Lista 1 Nacional-socialistas.”

Franz von Papen (1879-1969) foi nomeado chanceler da Alemanha pelo presidente Hindenburg no dia primeiro de junho de 1933, permanecendo no cargo até 2 de dezembro do mesmo ano. Membro do Partido do Centro Católico [*Deutsche Zentrumspartei*], Papen não tinha praticamente nenhum apoio político no Parlamento, uma vez que nunca fora eleito para o corpo legislativo. Contando apenas com a colaboração do Partido Nacional do Povo Alemão [*Deutschnationale Volkspartei*, DNVP], ele precisava de aliados políticos. Em uma tentativa de conquistar a simpatia dos políticos nacional-socialistas, von Papen cedeu às suas pressões e suspendeu a interdição feita às S.A. [*Sturmabteilung*]¹⁵⁷ por seu antecessor, o chanceler Heinrich Brüning.

Em relação ao pagamento das reparações ele chegou a negociar um reescalonamento, mas proclamava publicamente que a Alemanha não pagaria nem mais um centavo. Também batalhou para reduzir ainda mais as pensões e ajudas aos desempregados, afirmando que o Estado se havia transformado em organização filantrópica.¹⁵⁸

As eleições realizadas em julho de 1932, às quais se refere o cartaz da figura 06, significaram um aumento significativo dos votos do NSDAP, um crescimento moderado dos votos dos comunistas e diminuição dos da social-democracia. Mas os resultados não deram

¹⁵⁷ Em alemão, “seções de assalto”. As S.A. eram originalmente chamadas de *Sportabteilung* (“seções de esporte”), uma estratégia para burlar as restrições a grupos militares impostas pelo Tratado de Versailles, e foram estabelecidas oficialmente em outubro 1921. Eram tropas de choque formadas por veteranos de guerra com o objetivo de manter a ordem nas reuniões do NSDAP. Logo as S.A. passaram a dissolver reuniões de outros partidos e a enfrentar grupos adversários nas ruas. Quando Hitler chegou ao poder em 1933, as S.A., compostas por mais de 1 milhão de membros, passaram a ter poder de polícia. Em junho de 1934, sob o pretexto de organizar um golpe contra o governo, o líder das S.A., Röhm, foi assassinado por ordem de Hitler e as S.A. foram dissolvidas.

¹⁵⁸ ALMEIDA. A República de Weimar e a ascensão do nazismo, p. 110.

uma maioria parlamentar a von Papen, que continuou governando por decretos, o que causou profundos resultados negativos.

A invocação contínua dos poderes de exceção os brindavam [ao Parlamento e aos partidos políticos] com uma cômoda fuga das responsabilidades políticas, ao mesmo tempo em que foi acostumando a opinião pública a uma concepção autoritária de Estado propaganda com crescente intensidade pela imprensa e pela ciência.¹⁵⁹

Este regime de resoluções de emergência era praticado completamente à margem dos organismos representativos, o que era feito através da reiterada dissolução do parlamento. De alguma maneira, os nacional-socialistas criticavam a postura débil de von Papen, praticamente isolado e com pouco apoio político para governar, como se ele representasse um vazio de poder e, portanto, pudesse ser derrubado pelos comunistas em sua “última chance” para tal. Expondo a fraqueza do chanceler através do pequeno texto em primeira pessoa, o cartaz apresenta o que seria a intenção dos comunistas de tomar o poder, e a figura monstruosa do comunista tenta criar uma idéia de repulsa a essa possibilidade. Como solução ao problema apresentado, o cartaz sugere que apenas uma pessoa seria capaz de salvar a Alemanha do bolchevismo: Hitler. “*O próprio von Papen passou a articular junto a Hindenburg um governo que tivesse Hitler como primeiro-ministro e ele como vice-primeiro-ministro*”¹⁶⁰. O ex-chanceler, que fora substituído pelo general Kurt von Schleicher em 2 de dezembro do mesmo ano, acreditava que poderia controlar Hitler estando próximo a ele na chancelaria. Isto se mostrou, como sabemos, um grave erro de avaliação política.

O cartaz da figura 07 é uma releitura do anterior, mas com uma intensificação das características que compõem os recursos argumentativos do primeiro. Os traços básicos são

¹⁵⁹ Lê-se no original: “La continua invocación de los poderes de excepción les brindaban una cómoda huida de las responsabilidades políticas, al mismo tiempo que fue acostumbrando a la opinión pública a una concepción autoritaria del Estado propagada com creciente intensidad por la prensa y la ciencia”. BRACHER. *La dictadura alemana*, p. 261. Tradução do autor.

¹⁶⁰ ALMEIDA. *República de Weimar e a ascensão do nazismo*, p. 114.

bastante parecidos: o mesmo sobretudo e um capacete ao invés da boina, igualmente decorado com a estrela vermelha; a cabeça é também uma caveira como na figura 06, mas não possui olhos. O corpo tem forma humana, mas não tem carne, sendo apenas um esqueleto.

Seu arsenal, entretanto, melhorou bastante nos cinco anos que separam os dois cartazes. Ao invés de uma simples faca ou punhal, esta personagem carrega um rifle com uma longa baioneta na mão direita e uma metralhadora pesada na esquerda. Possivelmente, ela é uma Ckm wz.30, uma arma de fabricação polonesa. Ela é uma cópia da original americana Browning M1917, e foi a metralhadora padrão do exército polonês.. Pode-se inferir que a escolha da arma não foi feita ao acaso, já que a Alemanha perdera parte de seu território para a Polônia através do Tratado de Versalhes e foi justamente esta contenda o estopim da Segunda Guerra Mundial.

A personagem gigantesca projeta-se sobre a Terra pisando com o pé direito sobre a península Ibérica. Considerando que o cartaz refere-se à exposição “Bolchevismo sem máscara” [*Bolschewismus ohne Maske*], ocorrida no final de 1937, esta pode ser uma discreta menção à Guerra Civil Espanhola, conflito iniciado em 1936 que foi um prelúdio da guerra mundial no qual comunistas, fascistas, anarquistas e republicanos se enfrentaram.

O título da exposição provavelmente foi inspirado em um discurso do ministro da propaganda, Joseph Goebbels, proferido no encontro do NSDAP em Nuremberg em 13 de setembro de 1935, intitulado “Comunismo sem máscara” [*Kommunismus ohne Maske*]. Neste discurso, Goebbels tenta analisar os elementos básicos do bolchevismo, analisando questões como a oposição entre o materialismo e internacionalismo comunistas e o idealismo e nacionalismo nacional-socialistas. Segundo ele, “o bolchevismo não é meramente

antiburguês; ele é contrário à própria civilização humana”¹⁶¹, promovendo uma campanha de destruição da cultura europeia sob a suposta direção dos judeus. Em uma longa digressão sobre a relação entre o bolchevismo e o judeu, que foi inclusive transformada em um cartaz¹⁶², ele diz que

Foram os judeus que inventaram o marxismo, são os judeus que há décadas tentam revolucionar o mundo com ele. São os judeus que comandam o marxismo em todos os países do mundo. Somente no cérebro de um nômade que não tem nação, raça e país que esse satanismo poderia ter sido chocado. E somente alguém possuído por uma malevolência satânica poderia lançar esse ataque revolucionário.¹⁶³

Sua retórica carregada e sua menção ao satanismo certamente inspirou a radicalização da figura do bolchevista que vemos na figura 07. Assim, além de simbolizar a morte, a personagem do cartaz é uma entidade demoníaca.

As próximas duas figuras são os últimos exemplos de propaganda antibolchevista a serem analisados. Estas duas obras de propaganda são de um período tardio do regime hitlerista, tendo sido produzidas respectivamente em 1942 e 1943. Nesta época, a propaganda anti-semita já estava bem estabelecida e, como veremos, usava exclusivamente representações humanas do judeu. Desta forma, podemos apontar o abandono das representações zoomórficas do bolchevismo e a adoção de um estilo antropomórfico.

A exposição intitulada “O paraíso soviético”, a qual se refere a figura 08, aconteceu em Berlim durante o auge da batalha entre Alemanha e União Soviética. A *Wehrmacht*

¹⁶¹ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Bolshevism is not merely anti-bourgeois; it is against human civilisation itself”. In: *Communism with the mask off*. Tradução do autor.

¹⁶² Cf. o cartaz da “Frase da semana” [Wochenspruch der NSDAP] de 28 de setembro a 4 de outubro de 1941 que traz esta citação original de Goebbels: Juden waren es, die den Marxismus erfanden, Juden sind es, die mit ihm seit Jahrzehnten die Welt zu revolutionieren versuchen.
URL <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/images/ws/ws07.jpg>.

¹⁶³ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “It was the Jew who discovered Marxism. It is the Jew who for decades past has endeavoured to stir up world revolutions through the medium of Marxism. It is the Jew who is today at the head of Marxism in all the countries of the world. Only in the brain of a nomad who is without nation, race and country could this satanism have been hatched. And only one possessed of a satanic malevolence could launch this revolutionary attack”. In: *Communism with the mask off*. Tradução do autor.

invadira a URSS no ano anterior, em 1941, e conseguira avançar centenas de quilômetros, estacionando a poucos quilômetros de Leningrado e Estalingrado. A “Operação Barbarossa” recomeçou na primavera de 1942, e as tropas alemãs alcançaram a cidade de Estalingrado em agosto. Hitler pensava que Moscou cairia facilmente depois de tomadas dessas cidades símbolo do bolchevismo.

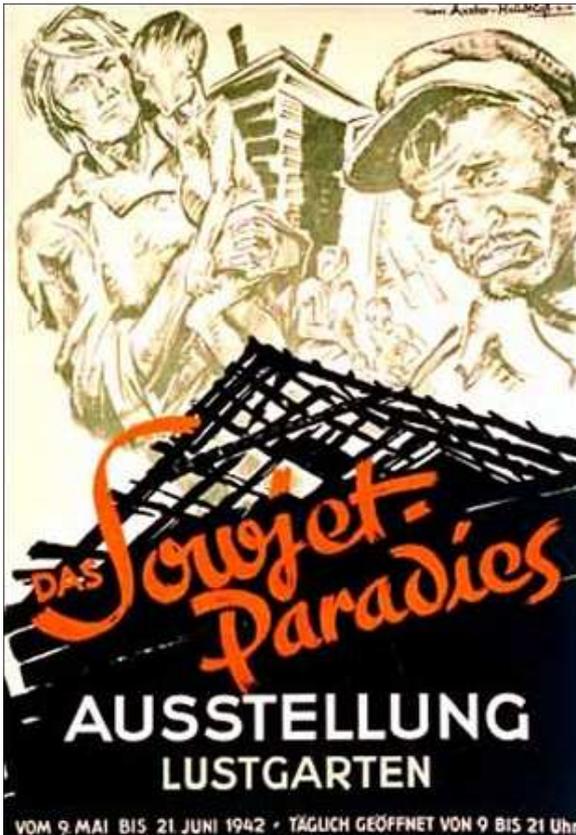


Figura 08 – Panfleto da exposição “Das sowjet Paradies” [O paraíso soviético]. Desenho por Axter Heudtlass. (1942)



Figura 09 – “Sieg oder Bolschewismus” [Vitória ou bolchevismo]. Desenho por Hans Herbert Schweitzer, o “Mjöltnir”. (1943)

A exposição visava, portanto, o reforço do moral dos berlinenses para a prolongada batalha que se seguiria. O panfleto¹⁶⁴ entregue aos visitantes da exposição trazia em sua capa

¹⁶⁴ A informação de que a imagem é a capa do panfleto da exposição provém do Museu Histórico Alemão. Não é de todo improvável, entretanto, que tenha havido também uma edição da mesma imagem sob a forma de um cartaz de divulgação de grandes dimensões. As informações sobre local e data são importantes para levar os visitantes à exposição, sendo mais necessárias fora do que dentro dela.

a figura do que seria uma típica família soviética: uma mulher de olhos assimétricos, com fisionomia séria e sofrida, carrega um bebê bastante magro e com a barriga inchada por verminose. Ele abraça sua mãe desconsoladamente com o braço direito, e o braço esquerdo está caído em um gesto de fraqueza causada pela longa inanição. À esquerda, vê-se a figura de um homem de barba rala que olha de soslaio para o chão, com a testa franzida de preocupação. Seu cabelo despenteado é coberto por uma boina bolchevique. Os traços de sua fisionomia são exagerados, marcados pelas linhas de expressão na testa, as olheiras fundas, as rugas na bochecha e pela boca entreaberta, além da assimetria da altura das sobrancelhas. O perfil de seu rosto é, portanto, bastante irregular e tem linhas arredondadas, em uma tentativa de representar uma figura feia mas não muito repulsiva.

Ao fundo, vemos mais duas pessoas, possivelmente um jovem à esquerda e uma criança à direita, talvez os outros membros da família. Eles estão sentados em frente a uma casa bastante simples construída toscamente com tábuas de madeira. A fachada esquerda da frágil construção é apoiada por outras duas tábuas que tentam evitar que tudo desmorone. Em primeiro plano, atrás do título, vemos a silhueta da armação do telhado de uma casa destelhada, igualmente assimétrica e malfeita.

Todo este conjunto, marcado pela composição de elementos que apelam à fealdade, seja na fisionomia dos personagens ou na arquitetura do cenário, é ironicamente chamado de “paraíso soviético”, em uma tentativa de revelar o que seria a real situação econômica e social do país inimigo através dos relatos dos soldados alemães que voltavam do *front* oriental. O panfleto apresenta brevemente o que os visitantes encontrariam na exposição:

Pobreza, miséria, decadência, fome e necessidade por toda parte que se olhe: este é o paraíso soviético que nossos soldados viveram todos os dias e com o qual os milhões de visitantes da exposição se depararam em várias instalações originais que lhes dão um panorama verídico das tão elogiadas conquistas sociais do Estado judaico-soviético. Aquele que viu isto compreende o conflito histórico no qual estamos engajados, um conflito no qual não pode haver nenhuma concessão. Existem apenas dois resultados

possíveis: ou o povo alemão vencerá e garantirá a sobrevivência do mundo e de sua cultura, ou perecerá e todos os povos do mundo sucumbirão à barbárie do Estado soviético que tem reduzido milhões a escravos famintos e impotentes.¹⁶⁵

A intenção propagandística da exposição era, portanto, apresentar um panorama geral da vida na União Soviética para mostrar ao público, através de elementos verídicos recolhidos por soldados alemães, quais seriam as conseqüências do domínio bolchevista sobre a Europa. Em última instância, este domínio seria exercido pelo judeu, já que

O atual Estado soviético não é nada mais que a realização daquela invenção judaica (o bolchevismo) [...] Os judeus exterminaram os melhores elementos do leste para tornarem-se os dominadores absolutos de uma área a partir da qual esperavam estabelecer a revolução mundial. [...] Mais de 21 milhões de pessoas perderam suas vidas através dessa revolução incitada pelos judeus e suas conseqüências.¹⁶⁶

A relação estabelecida entre o judeu e o bolchevismo é retomada a partir de dois pontos principais: o criador do bolchevismo é o judeu Karl Marx-Mordechai e, portanto, a revolução de 1917 era a realização dessas idéias. A utopia da sociedade sem classes era vista pelos nacional-socialistas de forma matizada, já que existiriam três estágios de escravidão, a saber: *“a classe dominante judaica e seus lacaios estão no topo, seguidas das massas de trabalhadores industriais nas cidades. Um grande abismo separa-os dos agricultores coletivos totalmente empobrecidos”*¹⁶⁷. Além destas, duas outras classes existiriam neste

¹⁶⁵ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Poverty, misery, decay, hunger, and need wherever one looks: That is the Soviet paradise that our soldiers experience every day and that millions of exhibition visitors encountered in many original displays that give them a genuine picture of the so loudly praised social accomplishments of the Jewish-Soviet state. He who has seen this understands the historic conflict in which we are now engaged, a conflict in which there can be no compromise. There are only two possible outcomes: Either the German people will win and ensure the survival of the world and its culture, or it will perish and all the peoples of the world will fall into the barbarism of the Soviet state that has reduced millions to powerless starving slaves”. In: *The Soviet paradise*. Tradução do autor.

¹⁶⁶ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “The present Soviet state is nothing other than the realization of that Jewish invention. [...] The Jews exterminated the best elements of the East to make themselves the absolute rulers of an area from which they hoped to establish world domination. [...] Over 21 million people lost their lives though this Jew-incited revolution and its consequences”. In: *The Soviet paradise*. Tradução do autor.

¹⁶⁷ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “The Jewish ruling class and its lackeys are at the top, then the masses of factory workers in the cities. A deep chasm separates them from the totally impoverished collective farmers”. In: *The Soviet paradise*. Tradução do autor.

abismo e não teriam quaisquer direitos políticos e sociais, a saber, os membros da antiga *intelligentsia* e a classe média, composta por aqueles que não têm ascendência proletária.

O panfleto argumenta que essas diferenças sociais foram criadas intencionalmente pelo bolchevismo por duas razões: para seduzir as massas urbanas a apoiar o programa bolchevista de armamentos e fazer-las acreditar que sua vida “*primitiva e miserável é maravilhosa em comparação àquela dos fazendeiros coletivos*”¹⁶⁸. Esta ilusão seria propiciada pelo fato de que os trabalhadores estariam isolados do resto do mundo, já que não teriam acesso a informações por causa da censura imposta pelo governo.

Se alguém procura pelos responsáveis por essas condições miseráveis, sempre encontra judeus. Não é interessante que a palavra “anti-semita” é a pior coisa da qual alguém pode ser acusado no Estado soviético, pela qual muito facilmente se é condenado ao trabalho forçado ou à morte?¹⁶⁹

A capa do panfleto não traz elementos anti-semitas explícitos, ficando eles expressos apenas no texto que somente um visitante mais politizado da exposição teria interesse de ler. A família não é identificada nem ao judeu nem ao bolchevismo, sendo representada num estado de miséria intensificada pela fealdade, ao qual não se atribui qualquer intencionalidade. Em outras palavras, os russos seriam vítimas da dominação judaico-bolchevista assim como qualquer europeu poderia sucumbir ao “*Genghis Khan em forma moderna [que] ataca com seus exércitos de escravos contra o ocidente, procurando destruir permanentemente este centro da cultura humana*”¹⁷⁰. Este trágico destino é representado na figura 09, que apresenta

¹⁶⁸ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “[...] primitive and miserable life is wonderful in comparison to that of the collective farmers”. In: *The Soviet paradise*. Tradução do autor.

¹⁶⁹ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “If one looks for those responsible for these miserable conditions, one always finds Jews. Is it not interesting that the word “anti-Semite” is the worst thing one can be accused of in the Soviet state, for which one all too easily is sentenced to forced labor or death?”. In: *The Soviet paradise*. Tradução do autor.

¹⁷⁰ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “A Genghis Khan in modern form today rages with his slave armies against the Occident, seeking to forever destroy this center of human culture”. In: *Never!* Tradução do autor.

ao receptor do cartaz dois possíveis resultados da guerra, a saber, a vitória ou o bolchevismo, colocado como sinônimo de derrota.

O receio da derrota não era injustificado. Hitler previra que a União Soviética seria facilmente ocupada pelas forças alemãs como uma prova da pertinência de sua teoria racial, uma vez que o mais fraco naturalmente sucumbiria ao mais forte. O ataque, iniciado em 1941 e retomado na primavera de 1942, foi contido. Durante três meses, os russos defenderam ferozmente a cidade de Estalingrado, e a situação se inverteu. A iniciativa do ataque passou da *Wehrmacht* para o Exército Vermelho. Os soviéticos conseguiram reunir recursos e lançaram uma ofensiva em novembro, em pleno inverno, surpreendendo Hitler e cercando o VI Exército alemão. Em dez semanas de batalhas, 160.000 soldados alemães foram massacrados, e os 90.000 restantes se renderam em 31 de janeiro de 1943. Em julho, o Exército Vermelho avançou novamente em Kursk e desestruturou por completo a ofensiva alemã. A derrota alemã em Estalingrado teve nítidos efeitos sobre a campanha de propaganda nacional-socialista, já que pela primeira vez ela teve de levar a sério o fato de que alguns alemães já estavam começando a imaginar se a Alemanha perderia a guerra. O Escritório Central de Propaganda [*Reichspropagandaleitung*] lançou uma série de diretivas que deveriam ser seguidas pelo pessoal envolvido em sua organização e produção. O plano foi publicado em 20 de fevereiro de 1943, apenas dois dias depois do famoso discurso de Goebbels sobre a “guerra total”, que definiu o tom para a propaganda antibolchevista pós-Estalingrado.

As linhas gerais do plano de propaganda eram compostas por seis pontos básicos que deveriam servir de referência para as criações dos propagandistas. Eles deveriam enfatizar que a Alemanha lutava uma batalha defensiva contra o bolchevismo, uma idéia destrutiva judaica que levaria o mundo ao tumulto e à revolução com o intuito de enfraquecer os povos do mundo e torna-los vítimas fáceis da dominação judaico-bolchevista. A propaganda deveria dizer que apenas a Alemanha poderia salvar a Europa, e que tanto os alemães como os

européus sofreriam das atrocidades que os russos supostamente já sofreriam. Para os nacional-socialistas, “*a vida desgraçada de milhões de trabalhadores na União Soviética, o cruel sistema de trabalho forçado e as horríveis condições nos campos de trabalhos forçados falam nitidamente e tornam brutalmente claro qual seria o destino dos nossos trabalhadores*”¹⁷¹.

Para conter essa ameaça, a Alemanha deveria mobilizar todos os recursos disponíveis e lutar uma guerra total sob a liderança de Hitler, que “*criou o exército alemão, o único que é capaz de derrotar sozinho o bolchevismo*”¹⁷².

O cartaz apresentado na figura 09 foi criado exclusivamente para esta campanha de propaganda. As diretivas de propaganda dão instruções claras para a afixação do cartaz, o que mostra que havia técnicas pré-estabelecidas a serem seguidas.

As *Gaue* [divisões administrativas de âmbito municipal] receberam um cartaz criado por Mjöltnir com o tema “Vitória ou Bolchevismo”. Ao pendurar os cartazes, certifique-se que sua eficácia não seja reduzida por outros cartazes. O Escritório Central para Ações de Cartazes Politicamente Importantes foi informado, e recomendou que se reservasse áreas para estes cartazes.¹⁷³

A necessidade de que este cartaz fosse apresentado isoladamente dos outros é um dos fatores que mostra que a propaganda antibolchevista tornou a ser um tema de suma importância política, apesar de jamais perder seu caráter anti-semítico. A situação militar no *front* oriental tornou-o ainda mais importante do que o ocidental, dada a maior mobilização de recursos e contingente, além do próprio caráter ideológico do qual a batalha se revestia.

¹⁷¹ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “The wretched existence of millions of working people in the Soviet Union, the ruthless system of forced labor, and the horrible conditions in the forced labor camps speak clearly and make brutally clear what the fate of our working people would be”. In: *Directive for the anti-bolshevist propaganda action*. Tradução do autor.

¹⁷² Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “The Führer created the German military, the sword that alone is able to defeat Bolshevism”. In: *Directive for the anti-bolshevist propaganda action*. Tradução do autor.

¹⁷³ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “The Gaue will first receive a poster by Mjöltnir with the theme “Victory or Bolshevism.” Further posters are in preparation and will be send to the Gaue when available. When hanging the posters, be sure that their effectiveness is not reduced by other posters. The Central Office for Politically Important Poster Actions has been informed, and instructed to reserve areas for these posters”. In: *Directive for the anti-bolshevist propaganda action*. Tradução do autor.

“Todos percebem hoje em dia que em última análise esta é uma batalha histórica entre o nacional-socialismo e o bolchevismo”¹⁷⁴. Assim, da mesma maneira como o judeu era visto como o antípoda humano do ariano, o bolchevismo era visto como o antípoda ideológico do nacional-socialismo, daí a ênfase dada ao antibolchevismo no discurso propagandístico desde a década de 1920.

Os dois únicos resultados possíveis para a guerra seriam, como já foi dito, a vitória ou o “caos bolchevista”. Estas duas possibilidades são representadas graficamente através do uso de figuras humana, e a dicotomia representada por elas é acentuada pela divisão do cartaz em dois planos, sendo um primeiro, à esquerda, de fundo branco, e um segundo, à direita, de fundo preto. A leitura da legenda do cartaz se faz de cima para baixo, seguindo as palavras “vitória” [*Sieg*], escrita em vermelho sobre o fundo branco, “ou” [*oder*], escrita em branco sobre o fundo preto e “bolchevismo” [*Bolschewismus*], escrita em preto sobre o fundo branco. Nota-se, portanto, o recurso ao intenso contraste entre as cores de forma a valorizar as palavras e aumentar a visibilidade do cartaz em maiores distâncias.

No primeiro quadro, vemos a figura de uma mulher loira de olhos verdes que levanta sua filha sobre o ombro esquerdo. Ambas sorriem e a menina olha em direção ao receptor do cartaz com os braços levantados como se quisesse abraça-lo. A mãe traja um vestido vermelho, talvez simbolizando a pureza do sangue e, por conseqüência, a própria Alemanha, enquanto que a criança usa um vestido dourado como se representasse a prosperidade do futuro abençoado pela vitória. A menina atrai o olhar do receptor, logo desviado pela palavra “ou”, colocada ao lado de seu rosto, que conduz à contemplação da outra possibilidade, a derrota.

¹⁷⁴ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “Everyone today realizes that in the final analysis this is an historic struggle between National Socialism and Bolshevism”. In: *Directive for the anti-bolshevist propaganda action*. Tradução do autor.

Ao lado direito existe a figura de um homem trajando roupas escuras e simples e uma boina bolchevista estampada por uma grande estrela vermelha. Seus olhos azuis também se voltam ao receptor do cartaz, mas sua expressão não parece ameaçadora. Seu rosto foi desenhado para passar uma idéia de fealdade, com várias rugas, um nariz longo e pontudo, além de grossas sobrancelhas pretas. Em sua boca torta nota-se a falta de um dente incisivo, como se lhe faltasse saúde ou higiene. Abaixo dele, vemos um grupo de seis pessoas cuja expressão corporal denota desolação e desespero. Nenhuma delas veste roupas coloridas, sendo o preto e o branco as cores predominantes no conjunto. Uma mulher loira tem um vestido branco rasgado na manga e leva a mão esquerda à boca e a mão direita ao peito, em sinal de desespero. Ao seu lado, um homem de paletó preto está apoiado sobre as mãos e fita o chão, onde duas pessoas bastante magras estão deitadas. As duas têm os cabelos curtos, os braços finos e as bochechas dão a impressão de que passaram fome por bastante tempo. À esquerda, um homem de franja também olha para o chão em sinal de fraqueza. Ao fundo, à direita, um homem ergue as mãos como se gritasse desconsoladamente aos céus. Abaixo dele, vemos apenas as duas pernas de um personagem deitado no chão atrás das pessoas do primeiro plano.

O cartaz é, portanto, um dos mais expressivos de toda a produção propagandística nacional-socialista. Faz uso de vários elementos visuais, como o recurso à beleza e à fealdade humanas, ao contraste de cores enquanto elemento discursivo e simbólico, à divisão do painel em dois e à superposição harmônica do texto sobre a imagem. Este talvez foi uma das obras-primas de Hans Herbert Schweitzer, o *Mjölnir*¹⁷⁵, um dos cartazistas¹⁷⁶ preferidos do ministro da propaganda Joseph Goebbels.

¹⁷⁵ A palavra *Mjölnir*, também grafada como *Mjöllnir* ou *Mjolinir*, é o martelo mágico do deus germânico Thor.

¹⁷⁶ No jargão nazista, o cargo de Schweitzer tinha o complicado nome de “encarregado do *Reich* pela configuração artística” [*Reichsbeauftragten für künstlerische Formgebung*].

3.2 – A PROPAGANDA ANTI-SEMITA E O ESTEREÓTIPO PEJORATIVO DO JUDEU

Em suas campanhas eleitorais, o NSDAP concentrou-se em buscar apoio entre os setores de base, como proletários e soldados. Sua propaganda voltou-se principalmente se contra o “sistema de Weimar” e os partidos que teriam sido os responsáveis pela suposta traição ao *Reich* e seu esforço militar. Este fato teria provocado a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, e foi chamado pelos nacional-socialistas de “punhalada nas costas” [*Dolchstoß*]. Apelando a temas como “trabalho e pão” [*Arbeit und Brot*], ao papel de Hitler como soldado na defesa do *Reich*, as perdas territoriais e os vários planos econômicos impostos pelo Tratado de Versalhes, o NSDAP tentou conquistar eleitores entre os setores de base, mais expostos às ideologias marxistas. Desta maneira, adotou uma postura política que se fazia passar por uma esquerda diferenciada, mas de forte cunho nacionalista e conservador, de modo a atrair também as elites e a burguesia. O anti-semitismo não foi um tema recorrente nas campanhas eleitorais promovidas pelos nacional-socialistas. Apenas seis entre 124 cartazes mostram o judeu como o maior inimigo¹⁷⁷.

Os nacional-socialistas não precisavam fazer estardalhaço sobre seu anti-semitismo, uma vez que seu ponto de vista já era amplamente conhecido, então poderiam destacar outros aspectos de seu programa partidário para garantirem respeitabilidade e votos.¹⁷⁸

Os próximos dois cartazes são exemplos da propaganda anti-semita na fase eleitoral. O cartaz da figura 10 refere-se às eleições presidenciais de 1932, divide-se em duas partes. A primeira, em cima, mostra 10 fotos de membros do *Reichstag* que votariam em Hindenburg. É

¹⁷⁷ Cf. PAUL. *Aufstand der Bilder: die NS-Propaganda vor 1933*, Bonn, 1992, p. 220, apud GELLATELY. *Hingeschaut und weggesehen*, p. 42.

¹⁷⁸ Lê-se no original: “Die Nationalsozialisten brauchten bei diesen Wahlen nicht viel von ihrem Antisemitismus herzumachen, weil ihr Standpunkt mittlerweile schon allgemein bekannt war, und so konnten sie andere Aspekte ihres Parteiprogramms hervorheben, um sich Respektabilität und Wählerstimmen zu sichern”. *Ibidem*. Tradução do autor.

impossível ler a legenda dos nomes embaixo de cada foto, mas está claro que todos eram judeus que tiveram suas fotos escolhidas porque tinham as feições características do judeu na concepção nacional-socialista, a saber, tinham narizes proeminentes, cabeças arredondadas, muitos eram carecas e usavam óculos. A legenda em cima de suas fotos diz “Nós votamos em Hindenburg!”, e é escrita com letras pseudo-hebraicas, reforçando a idéia de que são judeus.



Figura 10 – “Wir wählen Hindenburg! Wir wählen Hitler! Schau Dir diese Köpfe an, und Du weißt, wohin Du gehörst!”. [Nós votamos em Hindenburg! Nós votamos em Hitler! Olhe para estas cabeças e você saberá entre quais você pertence!]. (1932)



Figura 11 – “Der Drahtzieher – Kopf- und Handarbeiter wählt:” [O titereiro – Trabalhadores intelectuais e braçais votam em:]. O espaço em branco entre as suásticas deveria receber o nome do candidato do NSDAP às eleições parlamentares.

No centro do cartaz está a frase “Nós votamos em Hitler!”, escrita com letras góticas de forma a passar a idéia de que todos os alemães deveriam votar em Hitler. Embaixo, estão 10 fotos de membros do NSDAP, como Herman Göring, Alfred Rosenberg, General Ludendorff, Gregor Strasser, Dr. Goebbels e Dr. Frick. Suas fotos provavelmente foram

escolhidas por representarem a idéia nacional-socialista da raça ariana, com feições retas, narizes e lábios finos, cabelos curtos e bem penteados. Outro fato que chama a atenção é que a primeira fileira é formada por fotos de 4 oficiais do exército, retratados com suas fardas. A única exceção é Alfred Rosenberg (segundo da esquerda para a direita), um dos ideólogos do nacional-socialismo.

A frase embaixo diz: “Olhe para estas cabeças e você saberá entre quais você pertence!”. A tônica do cartaz é ressaltar a oposição entre judeu e alemão, entre o internacional e o nacional, argumentando que Hindenburg representaria os interesses do elemento estrangeiro, enquanto que Hitler representaria os interesses do povo legitimamente alemão e por isso deveria ganhar seu voto. A referência racista é branda, ressaltando apenas o estereótipo físico do judeu e do alemão, sem nenhuma idéia explícita de superioridade ou inferioridade. A própria disposição das fotos no cartaz nega uma possível hierarquia entre as pessoas retratadas, pois coloca as fotos dos prováveis judeus em cima das fotos dos alemães, por força da argumentação construída. Esse cartaz reflete a tendência política predominante na Alemanha: todo movimento “nacional” devia ser obrigatoriamente anti-semita, e Hitler sabia que o anti-semitismo era capaz de seduzir os conservadores e satisfazer as classes média e baixa. Um dos argumentos usados pelos nacional-socialistas para aproxima-los desses setores mais baixos é a crítica ao capitalismo.

A figura 11 é um dos primeiros cartazes a usar um estereótipo pejorativo do judeu como recurso discursivo, de forma a atribuir a essa imagem toda uma carga ideológica negativa, além de servir para sintetizar em apenas uma imagem os judeus como grupo. A personagem representada é um judeu gordo, resultado de uma vida farta, trajando terno e chapéu, identificado por uma Estrela de Davi pendurada na corrente de seu relógio de bolso. Seu rosto é arredondado e tem um nariz grande, olhos ovalados e uma sobrancelha está mais alta que a outra, como se expressasse desdém e arrogância. No lugar de mãos, vemos um

grande número de cordas vermelhas atadas aos “trabalhadores intelectuais e braçais”, de forma a representar o domínio do judeu sobre os milhares de trabalhadores representados no cartaz. No primeiro plano, podemos ver a expressão desolada destes trabalhadores, dominados pelo “titereiro” que controla a todos como se fossem seus títeres.

O judeu deste cartaz está, portanto, associado ao capitalismo e, “como escreveu W. Sombart: “A raça judaica é, por natureza, a encarnação do espírito do capitalismo mercantil”. [...] Muitos outros concordam”¹⁷⁹.

O sociólogo alemão Werner Sombart (1865-1941), que editava uma das maiores revistas da ciência social alemã ao lado de Max Weber, “identificava os judeus com a racionalidade de mercado e a ganância comercial, e os alemães com o trabalho produtivo e a tecnologia”¹⁸⁰, e traduziu aspectos sociais e históricos em termos raciais, justificando o estereótipo do judeu através do determinismo geográfico e explicações pseudo-históricas, focando principalmente a conduta econômica dos judeus. “O resultado foi desviar o protesto cultural contra o capitalismo e o mercado para longe dos ressentimentos antitecnológicos e para cima do liberalismo, do marxismo e dos judeus”¹⁸¹.

Em seu livro “Os judeus e a vida econômica” [*Die Juden und das Wirtschaftsleben*], publicado em 1911, Sombart diz que a transição do feudalismo para o capitalismo teria consistido na mudança da *Gemeinschaft*¹⁸² cristã para a *Gesellschaft*¹⁸³ judaica. O trabalho honesto e o preço justo da Idade Média teriam sido substituídos pelo espírito de ganho e

¹⁷⁹ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “As W. Sombart wrote: “The Jewish race is by nature the incarnation of the capitalism-mercantile spirit”. (*Der moderne Kapitalismus*, Vol. 2, p. 349. Leipzig, 1902). Many others agree”. In: *Why the aryan law?* Tradução do autor.

¹⁸⁰ HERF. O modernismo reacionário, p. 59.

¹⁸¹ *Ibidem*.

¹⁸² Em alemão, “comunidade, coletividade”. Esse termo de origem religiosa tem uma idéia de convivência saudável entre as pessoas, e veio a ser utilizado pelo nacional-socialismo para definir a comunidade alemã sob o governo de Hitler.

¹⁸³ Em alemão, “sociedade”. Essa palavra denota a mera reunião de pessoas em um mesmo Estado, sem o mesmo sentido de união e solidariedade da palavra *Gemeinschaft*.

cálculo, numa espécie de mercantilização da vida econômica. Esse primado da vida econômica sobre a política, cultura, religião e moral seria contribuição do chamado “espírito judaico”, formado pela experiência social e histórica dos judeus na Europa, por sua psicologia e pela natureza do Judaísmo.

Sombart explica que, historicamente, os judeus estão dispersos por diversos países, possuindo conexões internacionais. Segundo ele, os judeus prestariam mais atenção às oportunidades de negócios que às tradições locais. Por terem sido excluídos dos plenos direitos de cidadania até o século XIX ou mesmo até o século XX, isolados nos guetos, teriam deixado de lado a política e se interessado apenas pela economia. Essa construção pseudo-histórica reforçava a associação do judeu a tudo que é internacional, abstrato, sem raízes. O capitalismo, portanto, seria produto da religião judaica, cujas feições fundamentais seriam o racionalismo e o intelectualismo.

A afinidade entre judeus e capitalismo seria também determinado pela geografia. Os supostos instintos nômades adquiridos por anos vagando no deserto teriam prevalecido sobre os traços de caráter associados ao arraigamento ao solo. A luz brilhante do sol e as noites claras e enluzadas do deserto teriam estimulado a abstração e a racionalidade, desestimulando a percepção sensual, daí o suposto fato de que os judeus não teriam uma arte tão desenvolvida como a arte alemã. Ainda, como os rebanhos de ovelhas do deserto podiam crescer ou diminuir em pouco tempo, os judeus teriam passado a preferir a quantidade à qualidade, característica que predomina no capitalismo.

Sombart reformulou, no âmbito do capitalismo moderno, a diferenciação entre o trabalho construtivo alemão e o mercantilismo judaico, um aspecto do anti-semitismo do século XIX já discutido anteriormente. Segundo ele, o empresário é um descobridor, inventor, conquistador e organizador, enquanto que o mercador é indiferente à espécie do objeto produzido, se ocupando simplesmente de especular, calcular e revender. Assim, Sombart

estabeleceu a diferenciação do espírito alemão e o espírito judaico em relação à economia sem desconsiderar o sistema produtivo moderno. Os judeus representariam o valor de troca abstrato, em contraposição ao concreto valor de uso da economia cristã.

Em uma obra posterior, “A vida econômica na era do alto capitalismo” [*Das Wirtschaftsleben im Zeitalter des Hochkapitalismus*], de 1927, Sombart define o capitalismo como uma síntese do caráter alemão com o caráter judaico. Segundo ele,

a “raça germânica” contribuía com o impulso voltado para o futuro, com a vontade faustiana, a perseverança e a tenacidade, enquanto a “raça judaica” oferecia grande diligência, um faro para a especulação, a sólida capacidade para a prática contábil, o discernimento perceptivo da natureza humana e a sede de progresso.¹⁸⁴

Dessa forma, mostrando o predomínio do capitalismo monopolista e oligopolista como predomínio do aspecto judaico da citada síntese, Sombart transformou o ódio anticapitalista em ódio antijudaico. Essa idéia foi absorvida pelos nacional-socialistas e usada em sua propaganda, como vimos, em uma tentativa de divulgar a idéia de que os judeus dominavam a vida econômica, cultural e artística da Alemanha. O já mencionado panfleto sobre a lei de arianização do serviço público instiga o leitor à indignação contra os judeus no plano econômico, aproveitando para atacar o bolchevismo, dizendo que alguns alemães o vêem como uma alternativa de combate à sua miséria:

Devo permitir que pessoas de sangue alemão sejam destruídas para que os judeus possam viver e trabalhar em meio ao luxo enquanto milhões passam fome, tornando-se vítimas do bolchevismo por causa do desespero?¹⁸⁵

Durante os primeiros anos do regime hitlerista, muitos alemães se distanciaram da experiência democrática de Weimar e de movimentos populares de esquerda, e uma

¹⁸⁴ SOMBART. *Das Wirtschaftsleben im Zeitalter des Hochkapitalismus*, Munique, 1927, p. 26, *apud* HERF. *O modernismo reacionário*, p. 164.

¹⁸⁵ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Should I allow thousands of German-blooded people to be destroyed so that the Jews can live and work in luxury while millions starve, falling victim to Bolshevism out of desperation?”. In: *Why the aryan law?* Tradução do autor.

importante parcela desta população passou a apoiar ou aceitar a ditadura do *Führer*. Neste processo, também se abriram à influência das idéias de Hitler, dentre as quais incluía-se o seu virulento ódio aos judeus.

As práticas políticas oficiais exercidas contra essa minoria foram sendo feita aos poucos, uma vez que o combate ao desemprego tinha prioridade. A primeira medida oficial para tornar legal a opressão aos judeus ocorreu em 7 de abril de 1933, quando foi promulgada a “Lei para a recuperação do serviço público”¹⁸⁶, que determinava a aposentadoria forçada de funcionários que não fossem de origem ariana [*arischer Abstammung*], exceto aqueles que já trabalhassem no serviço público desde 1914, se tivessem lutado na Primeira Guerra Mundial ou se tivessem perdido seus pais ou filhos na guerra. Uma das razões principais alegadas para fundamentar a necessidade dessa lei era o fato de que os judeus tinham uma participação em certos setores da economia muitas vezes superior à participação dos alemães. Certas profissões liberais nas áreas de medicina, direito, jornalismo, artes, comércio, entre outras, tinham efetivamente um grande número de judeus, já que, historicamente, o acesso a outras profissões era dificultado aos judeus através do sistema de privilégios já discutido anteriormente.

Ainda, dizia-se que era necessário que os funcionários públicos fossem exclusivamente de origem ariana para garantir uma administração segura do *Reich*, livre do que era considerado “influência estrangeira”. Com esta medida tornava-se claro para todo o funcionalismo público que, a partir de então, um anti-semitismo oficial se tornava política de governo. Segundo Gellately, a lei implicou também conseqüências em outros setores, como na imprensa e nas artes, e até mesmo nas profissões liberais. A imprensa noticiava o

¹⁸⁶ Cf. Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums (07.04.1933). In: documentArchiv.de [org], URL <http://www.documentArchiv.de/ns/beamtenenges.html>.

afastamento de judeus da economia como uma forma de aplacar a “indignação da população de sangue alemão”, já que acreditava-se que muitos jovens alemães não tinham acesso a certas profissões por causa do excesso de judeus.

O primeiro boicote oficial às lojas judaicas ocorrera menos de uma semana antes, no dia primeiro de abril de 1933, e foi amplamente divulgado pela imprensa com menções à ação dos judeus na Alemanha e no exterior no plano econômico. Posteriormente, a mídia exagerou a participação de não-nazistas no boicote que, de fato, não foi tão efetivo como se pretendia. A ação, organizada pelo NSDAP sob o comando de Julius Streicher, tornou claras as intenções do regime. O anti-semitismo tinha agora um significado central, ganhando espaço no meio universitário, médico, escolar e jornalístico. Em grande parte, a recepção do anti-semitismo era incentivada pelo fato de que, com o afastamento de profissionais judeus dessas áreas, profissionais alemães ocupavam vagas de trabalho que antes não conseguiam conquistar, o que contribuiu para a satisfação pessoal de muitos deles e, em alguma medida, para a diminuição do desemprego. Ambos resultados fomentavam uma atitude positiva em relação à ditadura hitlerista.

A “Lei para a revogação da naturalização e cancelamento da cidadania alemã”¹⁸⁷, de 14 de julho de 1933, dava ao governo o direito de revogar as concessões de cidadania “indesejadas” aos judeus orientais que emigraram para a Alemanha entre 9 de novembro de 1918 e 30 de janeiro de 1933, ou seja, durante todo o período da chamada República de Weimar.

¹⁸⁷ Cf. Gesetz über den Widerruf von Einbürgerungen und die Aberkennung der deutschen Staatsangehörigkeit (14.07.1933). In: documentArchiv.de [org], URL http://www.documentarchiv.de/ns/1933/deutsche-staatsangehoerigkeit_ges.html.

O anti-semitismo intensificou-se em 1935 com a proclamação da “Lei para a defesa do sangue alemão e da honra alemã”¹⁸⁸, mais conhecida como “Leis de Nuremberg”, pois foram proclamadas no encontro do NSDAP em Nuremberg, que acontecia no mês de setembro. Hitler acreditava que uma nação que permitisse a “mistura do sangue” estaria fadada à derrota. Assim, foram criminalizadas as relações sexuais entre judeus e não-judeus, e posteriormente foram proibidos também os casamentos mistos. Ainda, era proibido que judeus exibissem a bandeira alemã e contratassem serviços não-judeus com menos de 45 anos. Hitler dizia que era uma chance de vida própria à comunidade, mas na verdade transformava os judeus em marginalizados sociais, e retrocedia seus direitos ao estado anterior à emancipação, além de torná-los objeto de um tabu e de ódio generalizados.

Em 1938, aconteceu a primeira prisão sistemática de 1500 judeus, e cerca de 75% a 80% das lojas pertencentes aos judeus foram fechadas. Os jornais contribuíram para a divulgação das “medidas legais” perpetradas contra eles para quebrar-lhes a influência sobre a sociedade alemã, elogiando a Alemanha por ser um país de vanguarda na luta contra os crimes cometidos por judeus e pelo tratamento da chamada “questão racial”.

A chamada “Noite dos Cristais” [*Reichskristallnacht*], em 1938, na qual várias lojas de judeus foram destruídas e algumas sinagogas foram incendiadas, foi uma retaliação ao assassinato de um funcionário da embaixada alemã em Paris, e marcou o início do último estágio da campanha de eliminação dos judeus. Logo aumentou o número de deportações para campos de concentração, que até então não tinham como foco aprisionar judeus, mas sim comunistas e outros “criminosos políticos”.

¹⁸⁸ Cf. Gesetz zum Schutze des deutschen Blutes und der deutschen Ehre (15.09.1935). In: documentArchiv.de [org], URL <http://www.documentarchiv.de/ns/nbgesetze01.html>

Neste contexto de intensificação da perseguição aos judeus, que além da segregação legal e social agora eram vítimas de violência física, a propaganda incessante através da mídia tentava convencer um grande número de alemães de que havia uma “questão judaica” e que talvez fosse melhor se os judeus deixassem o país. Os cartazes de propaganda também tiveram um papel importante. Tornaram-se um veículo responsável pela elaboração e divulgação de um estereótipo pejorativo dos judeus que pudesse ser um elemento evocador do ódio que os nacional-socialistas se empenhavam em instigar, quando ausente, ou radicalizar, quando já estivesse presente.

Os próximos quatro cartazes são exemplos da constituição de uma representação típica para o judeu concentrada em sua fisionomia. Neles, nota-se um esforço artístico em criar uma imagem repulsiva e ameaçadora, mas ao mesmo tempo humana e verossímil. Ao contrário da propaganda antibolchevista, que usava elementos zoomórficos ou monstruosos para provocar emoções e reações negativas no seu receptor, os cartazes de propaganda não negam a humanidade dos judeus.

Em um artigo de 1936 publicado na revista para propagandistas, “Nossa vontade e caminho” [*Unser Wille und Weg*], o autor, Kurt Hilmar Eitzen, cita um contra-argumento elaborado pelo próprio Goebbels a ser usado pelos nacional-socialistas em discussões com pessoas comuns que se opusessem às medidas anti-semitas do governo que, àquela altura, já eram explícitas e legalmente reconhecidas. Assim, se o interlocutor se manifestasse em favor dos judeus, lembrando que eles também são seres humanos, o propagandista deveria dizer o seguinte:

“É claro que o judeu também é um ser humano. Nenhum de nós jamais duvidou disso. Mas uma pulga também é um animal. E não é um dos mais agradáveis. Já que a pulga não é um animal agradável, não temos nenhuma obrigação de proteger ou defendê-la, de cuidar dela para que ela possa nos

picar e atormentar e torturar. Ao contrário, nós a tornamos inofensiva. É a mesma coisa com os judeus”.¹⁸⁹

A representação do judeu, como veremos, foi construída com a intenção de estabelecer uma fisionomia típica baseada em traços de diferenciação entre judeus e arianos e por traços de identificação entre a representação e o representado. Estes traços são discriminatórios e seletivos, uma vez que adquirem um valor negativo ou pejorativo no contexto da propaganda e da cultura política nacional-socialista. A partir do momento em que os traços de diferenciação que formam a representação típica do judeu intencionam provocar uma reação de repulsa no expectador do cartaz, sendo impregnados, portanto, de valores pejorativos, eles se transformam em traços ideológicos. A partir de tais traços ideológicos, constitui-se o *corredor semântico* ou *isotópico*¹⁹⁰ da fealdade pejorativa, “*uma unidade semântica que permite apreender um discurso como um todo de significação*”¹⁹¹. Em outras palavras, o discurso propagandístico do cartaz, estabelecido através de recursos artísticos e estéticos, usa a fealdade de suas personagens como indicador da inferioridade que se tenta atribuir ideologicamente a elas.

¹⁸⁹ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Of course the Jew is a human being too. None of us has ever doubted it. But a flea is also an animal. But not a very pleasant one. Since a flea is not a pleasant animal, we have no duty to protect and defend it, to take care of it so that it can bite and torment and torture us. Rather, we make it harmless. It is the same with the Jews”. In: *Ten responses to jewish lackeys*. Tradução do autor.

¹⁹⁰ BLIKSTEIN. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*, p. 61.

¹⁹¹ DUBOIS et al. *Dicionário de lingüística*, p. 355.

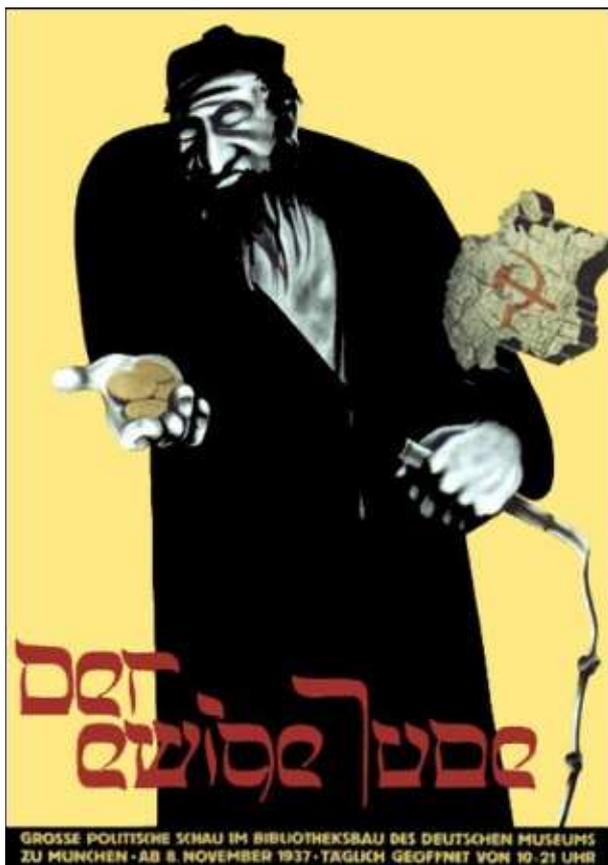


Figura 12 – “Der ewige Jude” [O eterno judeu]. Este cartaz anuncia a exposição no prédio da biblioteca do Deutsches Museum em Munique. (1937)

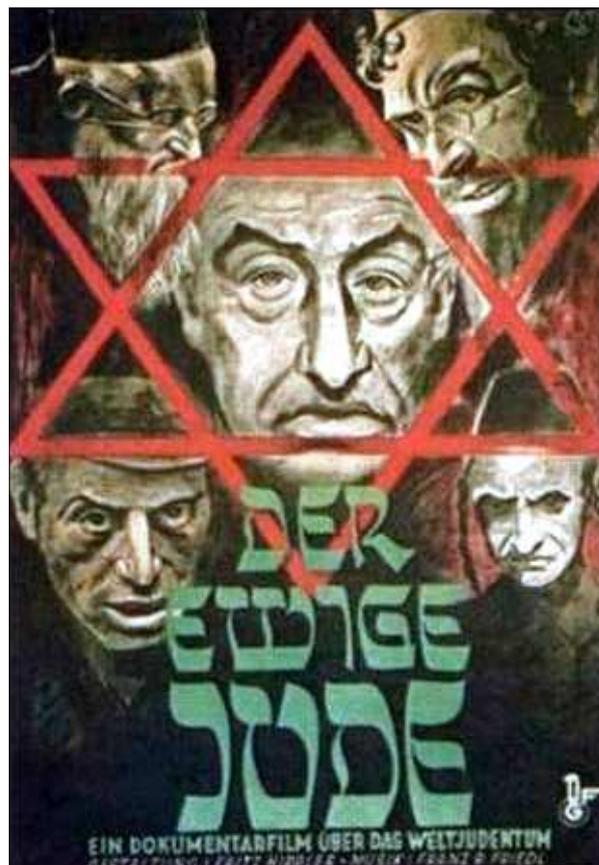


Figura 13 – “Der ewige Jude – ein Dokumentarfilm über das Weltjudentum” [O eterno judeu – um filme documentário sobre a judiaria mundial]. Desenho por Hans Herbert Schweitzer. (1940)

O primeiro cartaz da série (figura 12) refere-se à exposição intitulada “O eterno judeu”¹⁹², e traz a representação de um único judeu ornado por uma série de elementos que ampliam o significado de sua figura. Sobre um fundo amarelo de grande impacto surge uma figura de túnica e chapéu pretos, cabelos desgrenhados, barba comprida e malcuidada. O rosto tem traços marcantes, como nariz grande e com a ponta voltada para baixo, o rosto vincado e cheio e rugas, olhos ovalados, lábios grossos e rudes, pele escurecida. A personagem está numa posição furtiva, com a cabeça abaixada, as costas curvadas, o ombro direito levantado

¹⁹² Este cartaz anuncia a abertura da exposição em Munique em 8 de novembro de 1937. Uma outra versão deste cartaz foi encontrada e refere-se à exposição ocorrida em Viena, aberta em 2 de agosto de 1938. Não foi possível descobrir se a exposição visitou outras cidades.

acima do esquerdo. Suas mãos são exageradamente grandes e tem dedos grossos. As moedas douradas que traz na mão direita dão uma impressão dúbia. Parece estar oferecendo dinheiro em uma de suas supostas “barganhas”, ao mesmo tempo em que parece estar mendigando, dada sua aparência desleixada. Na mão esquerda traz uma espécie de chicote, o que sugere crueldade e o domínio sobre a União Soviética, cujo mapa traz debaixo do braço esquerdo. Para facilitar a identificação do mapa, foi colocada sobre ele um grande símbolo do bolchevismo em vermelho, a foice e o martelo.

O cartaz seguinte (figura 13) anuncia o filme “O eterno judeu” [*Der ewige Jude*], dirigido por Fritz Hippler e lançado no final de novembro de 1940. Segundo a revista do Ministério da Propaganda e Esclarecimento Popular, “Nossa vontade e caminho”¹⁹³ [*Unser Wille und Weg*], esse cartaz teve uma tiragem de 23.000 cópias, um número pequeno se comparado com a tiragem dos outros cartazes que variava entre 300.000 e 1.000.000 de cópias. Um panfleto de autoria do próprio Goebbels era entregue aos espectadores antes da exibição do filme e faz uma referência importante à fisionomia dos judeus.

Os judeus sempre souberam como assemelhar sua aparência externa a de seu hospedeiro. Contrastando com o judeu oriental, com sua túnica, barba e costeletas, temos o bem escanhado judeu da Europa ocidental. Isso demonstra de maneira conclusiva como ele enganou os povos arianos. Sob esta máscara, ele ganhou cada vez mais influência nas nações de cultura ariana e ascendeu a posições sociais cada vez mais altas. Mas ele não pôde modificar sua essência interior.¹⁹⁴

A ênfase do cartaz é apresentar ao espectador um estereótipo criado do judeu oriental.

O título do filme está escrito em verde, em letras pseudo-hebraicas. Embaixo, uma espécie de

¹⁹³ “Die Arbeit der Partei-Propaganda im Krieg”. In: *Unser Wille und Weg*, 11 (1941), pp. 1-12. In: BYTWERK (org.). *German propaganda archive*. URL <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/warprop.htm>

¹⁹⁴ Lê-se no original: “Der Jude hat sich in seinem Äusseren stets an seine Gastvölker anzupassen verstanden. Nebeneinanderstellungen der gleichen Judentypen, zuerst als Ostjude mit Kaftan, Bart und Peies, und dann als glattrasierter westeuropäischer Jude, beweisen schlagend, mit welchen Mitteln er die arischen Völkern getäuscht hat. Unter dieser Maske gewann er immer mehr Einfluss in arischen Kulturnationen und gelangte zu immer höheren Stellungen. Aber sein inneres Wesen konnte er nicht wandeln”. Inhaltsbeschreibung im Programmheft (Illustrierte Filmkurier No. 279/1940, 27 de Novembro de 1940). In: The Holocaust History Project. URL <http://www.holocaust-history.org/der-ewige-jude/program.shtml>. Tradução do autor.

subtítulo que explica ao espectador qual a pretensa natureza do filme: “Um documentário sobre a judiaria mundial”. O termo “documentário” tenta dar uma noção de verdade ao filme, cuja etimologia vem do verbo latino *docere*, que significa “*ensinar alguma coisa a alguém, instruir alguém em alguma coisa*”¹⁹⁵. Assim, a verdadeira intenção dos criadores do filme de usá-lo como propaganda política é mascarada, se passando por uma espécie de aula sobre o que seria o judeu.

Bem no centro do cartaz, existe uma grande estrela de Davi, desenhada em vermelho, talvez evocando sangue e morte. As representações dos quatro homens posicionados em cada uma das quatro pontas da estrela de Davi são inspiradas no estereótipo do judeu. Têm olhos grandes, com olheiras cheias, encaixilhados por sobrancelhas em expressões furtivas e ameaçadoras; nariz comprido e cheio e com a ponta voltada para baixo; o lábio inferior é grosso e arredondado, maior que o lábio superior, e a boca faz uma expressão de desdém e agressividade. As rugas nas bochechas são bastante pronunciadas, acentuando a expressão da boca. Os dois homens de cima usam óculos e barbas bastante compridas. O homem do canto inferior direito tem a tradicional trança comprida nas têmporas. Todos usam roupas e chapéus negros, envolvendo seus rostos em uma atmosfera sombria.

O homem colocado bem no centro da estrela de Davi é diferente dos outros. Não usa óculos, nem chapéu, nem barba. É a única personagem que olha diretamente para o receptor do cartaz, e cuja imagem é maior que os demais. Sua expressão é neutra, mas os traços de sua fisionomia conseguem passar a mesma sensação de desprezo e repulsão. Esse é talvez o judeu bem escanhado citado no panfleto do filme, aquele acusado pelos nacional-socialistas de enganar o povo ariano.

¹⁹⁵ KOHLER. Dicionário escolar latino-português, p. 258.

O cartaz é desenhado de forma que o espectador dirija o olhar para aquela figura que lhe é mais familiar, ou seja, o judeu alemão, e veja com sua visão periférica as figuras tradicionais que se esconderiam por trás daquele rosto tão conhecido. Desta maneira, contribui para a idéia de que o judeu se disfarça para misturar-se na população do “país hospedeiro”. O mundo do gueto mostrado no filme é sintetizado na própria fisionomia dos personagens deste cartaz, mas o discurso do cartaz tenta fazer com que seu leitor realize um movimento de transferência. Ele deve transferir ao judeu alemão o mesmo sentimento de repulsa gerado em relação ao judeu do gueto polonês apresentado no filme, além de fazer o espectador acreditar que aquele mundo mostrado no filme poderia chegar na Alemanha, com a emigração dos judeus poloneses.

Outros dois cartazes foram produzidos no mesmo ano para anunciar este filme, sendo que o primeiro deles (figura 14) é uma exageração da fealdade da fisionomia da personagem anterior. Possivelmente, houve também uma mudança na técnica de impressão do cartaz, já que o uso de apenas duas cores leva a supor que ele era produzido por litografia, e não por ofsete, o que baratearia os custos de produção e possibilitaria uma divulgação mais extensa com um orçamento reduzido. O outro (figura 15), destinado a divulgar o filme na Holanda, representa o rosto de um judeu estereotípico de maneira ainda exagerada, ressaltando sua deformidade e assimetria de uma maneira monstruosa. As rugas são ainda mais fundas e mais numerosas, o rosto é cavo, a boca é torta e deixa os dentes da personagem à mostra, as orelhas são enormes e os olhos totalmente assimétricos. Foi acrescentada uma estrela de Davi na testa da figura, para estimular a associação entre a figura repugnante e o símbolo religioso do Judaísmo.



Figura 14 – “Der ewige Jude – ein Dokumentarfilm über das Weltjudentum” [O eterno judeu – um filme documentário sobre a judiaria mundial]. (1940)

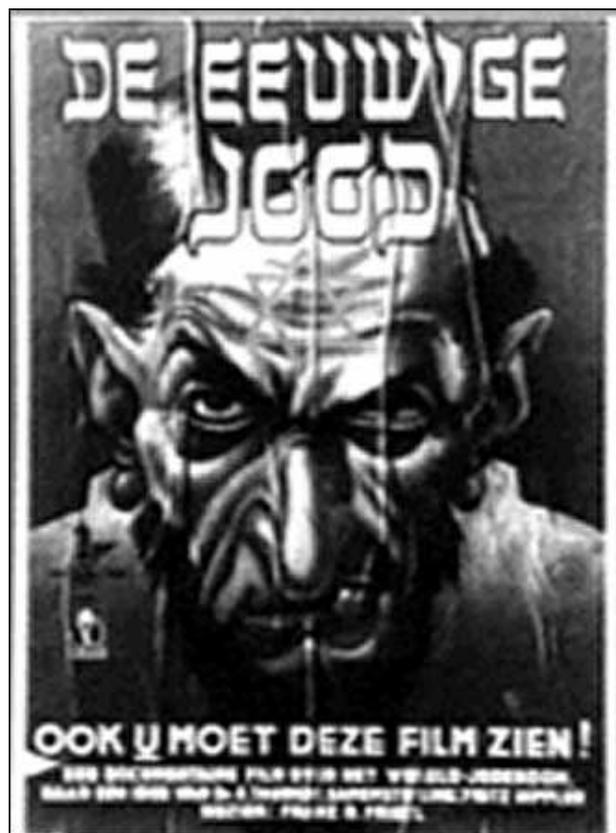


Figura 15 – “De eeuwige jood – ook u moet deze film zien!” [O eterno judeu – você também tem de ver este filme!]. Cartaz de divulgação do filme na Holanda. (1940-1941?)

Pode-se concluir que esta exageração se fazia necessária porque a Holanda, um país recém-ocupado, não tinha uma predisposição política para aceitar de imediato as práticas discriminatórias anti-semitas que já estavam presentes, em maior ou menor intensidade, há séculos na Alemanha. Assim, o cartaz deveria apelar ao bizarro na tentativa de provocar repugnância no seu receptor.

O recurso a figuras consideradas feias também foi feito através da fotografia, o que reforça o efeito de verdade do discurso do cartaz. Seu receptor é confrontado com o que seria praticamente uma “prova documental” da existência de certos tipos físicos mencionados na propaganda. Assim, as representações artísticas também ganham uma maior credibilidade, já que fica “comprovado” que as personagens dos cartazes não eram criações totalmente fantasiosas, mas eram inspiradas em pessoas reais.



Figura 16 – “Die Geißel Gottes – Polnische Juden” [O flagelo de Deus – judeus poloneses]. (1938?)



Figura 17 – “Wenn Juden lachen – Lesen Sie die neueste Ausgabe 11 des Stürmers” [Se os judeus riem... – leia a última edição do *Stürmer*]. (1937)

Esses dois cartazes foram produzidos pelo jornal *Der Stürmer* [“o atacante”], uma gazeta mensal fundada por Julius Streicher em abril de 1923 em Nuremberg. “O jornal era o foro de um antisemitismo que apelava aos instintos mais primitivos”¹⁹⁶. Desde 1927, o lema do jornal, impresso na parte de baixo da primeira página de cada edição, era a frase do historiador e político Heinrich von Treitschke (1834-1896), “os judeus são nossa desgraça” [*Die Juden sind unser Unglück*]. Pode-se dizer que o jornal tinha uma boa aceitação, se considerarmos os números de suas edições. Em 1933, ele tinha uma tiragem de 20.000 exemplares, que chegou a quase 400.000 exemplares em 1944.

¹⁹⁶ Lê-se no original: “Die Zeitschrift war Forum eines Antisemitismus, der an die primitivsten Instinkte appellierte”. BENZ. *Geschichte des Dritten Reiches*, p. 133. Tradução do autor.

O jornal também servia de ferramenta política oficial para a fomentar perseguição de “criminosos políticos”, incentivando denúncias contra judeus e seus “simpatizantes” [*Judenfreunden*]. As divisões regionais e locais da *Gestapo* tinham ordens de passar certas informações aos publicistas do *Der Stürmer* como uma forma de apoiar seu “trabalho de esclarecimento” [*Aufklärungsarbeit*] e dar aos seus redatores a oportunidade de “conhecer material oficial sobre infrações criminais ou de outra natureza cometidas por judeus e usá-lo em suas reportagens”¹⁹⁷.

Apesar do jornal ser bastante conhecido por suas caricaturas anti-semitas, os cartazes das figuras 16 e 17 são colagens de fotos de judeus orientais. O primeiro deles traz a foto de oito homens, todos usando longas barbas, alguns usando óculos e chapéus, enquanto que o segundo traz a foto de dez homens de idades e características físicas variadas e de uma mulher. A principal diferença entre os dois cartazes é a expressão de suas personagens, já que no primeiro todas estão sérias, enquanto que, no outro, todas estão sorridentes. Aqui, tanto a seriedade como a alegria, entretanto, têm significado negativo. Se os judeus têm uma fisionomia séria e olham furtivamente, é porque são “o flagelo de Deus”. “Se os judeus riem”, é porque planejam algum truque ou barganha contra a Alemanha.

O fator determinante do significado discursivo de ambos, portanto, é o uso da fealdade pejorativa, desta vez expressa através da fisionomia exemplar de alguns indivíduos escolhidos. Como já foi mostrado, a propaganda anti-semita raramente usou representações zoomórficas, usando sempre rostos humanos, o que não quer dizer, entretanto, que “todos com um rosto humano são iguais”. Em uma de suas primeiras edições, em 1923, o *Der Stürmer* publicou uma caricatura na qual “*um porco abatido olha de sua pocilga para um*

¹⁹⁷ Lê-se no original: “amtliches Material über kriminelle und sonstige Vergehen von Juden einzusehen und für ihre Berichterstattung zu verwenden”. GELLATELY. *Hingeschaut und wegesehen*, p. 76. Tradução do autor.

majestoso leão. ‘Todos com um rosto animal são iguais!’ Mas o que o leão rugiu em resposta? ‘Isto é o que vocês, porcos, gostariam de pensar!’”¹⁹⁸.

3.3 – O MITO DA CONSPIRAÇÃO MUNDIAL PLUTOCRATO-JUDAICO-BOLCHEVISTA

O último aspecto da propaganda anti-semita a ser analisado refere-se ao estabelecimento de relações entre o judeu e as nações aliadas, de modo a compor um quadro político contrário à Alemanha, colocando-a no papel de vítima de uma conspiração liderada pelo judeu que a teria forçado a lutar uma guerra defensiva pela sua própria existência. O estereótipo usado para representar o judeu plutocrata, infiltrado nas cúpulas de governo por todo o mundo, dono de enormes riquezas no setor industrial, cultural e financeiro, não é, obviamente, a figura do judeu oriental pobre, habitante do gueto, que vive do comércio de pequeno porte por estar isolado da sociedade e dos meios produtivos. A propaganda recupera a figura de um judeu gordo, elegantemente vestido de terno, bem escanhoado, e sem nenhuma característica externa que o identifique como judeu, apenas os traços de sua fisionomia (cf. figura 11). Este judeu, em última instância, não lutaria pela prosperidade do capitalismo e nem pela revolução bolchevista como forma de se conquistar a utopia do comunismo. Ele manipularia os chefes de Estado de várias nações do mundo como uma espécie de “eminência parda” na política internacional, usando de sua riqueza para conquistar influência e realizar, secretamente, seu plano de dominação mundial.

Quaisquer que sejam as reviravoltas na história, o judeu sempre se manteve o mesmo, seja como especulador de grãos na Roma antiga ou como um potentado nos bancos ou nas bolsas de valores da era moderna. Eles sempre foram capazes de controlar a riqueza de nações inteiras. [...] Nos tempos de outrora nós o vimos fazendo seus negócios nos centros comerciais do Mediterrâneo. Na Idade Média, ele provia dinheiro para os nobres e para as

¹⁹⁸ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Thirteen years ago, the “Stürmer” carried a cartoon. In it, a miserable pig looked up from his sty to a royal lion. “Everything with an animal face is equal!” But what did the lion growl in reply? “That’s what you swine would like to think!””. In: *Ten responses to jewish lackeys*. Tradução do autor.

idades livres alemãs. Hoje ele domina os bancos e as bolsas de valores do mundo inteiro, oprimindo as nações sob o jugo do capitalismo financeiro. O poder deste povo de 15 milhões jaz nestas relações internacionais. É desta maneira que eles parecem realizar o mandamento de Jeová – a dominação mundial pelo povo eleito.¹⁹⁹

A propaganda nacional-socialista desenvolve e radicaliza os argumentos dos “Protocolos dos sábios de Sião”, especialmente no que diz respeito à existência de organizações judaicas de âmbito mundial que se organizariam para realizar os planos de sua suposta conspiração.

Existe uma série de notórias organizações judaicas. [...] Todas estas organizações, de alguma maneira, promovem políticas em favor do poder mundial judaico. Como elas se relacionam umas com as outras, quais são as mais importantes, e se existem conexões secretas e uma liderança central, e onde esta liderança poderia estar, são questões secundárias. Se existe ou não um governo judaico organizado reconhecido por todos os judeus é menos importante que o fato de que existe um desejo judaico unificado e consciente de dominação mundial. Isto é provado por uma variedade de eventos políticos que estão acontecendo a olhos vistos hoje em dia.²⁰⁰

Não é difícil notar que o exagero na descrição da escala destes planos tenciona inspirar uma espécie de paranóia coletiva nos alemães, que deveria servir tanto para justificar as políticas anti-semitas do regime hitlerista como para inspirar coragem e motivação em uma tentativa de recrudescer o moral dos alemães para o esforço de guerra. A propaganda nacional-socialista tentava criar uma noção de que os Aliados teriam usado as suas disputas

¹⁹⁹ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Whatever the twists of history, the Jew has always remained the same, whether as a grain speculator in ancient Rome or as a bank or stock exchange potentate in the modern era. They were always able to control the wealth of whole nations. [...] In ancient days we see him carrying on his business in the trading centers of the Mediterranean. In the Middle Ages he provided money for German nobles and free cities. Today he rules the banks and stock exchanges of the whole world, forcing the nations under the yoke of financial capitalism. The power of this people of 15 million rests on these international relations. This is how they seem to fulfill the commandment of Jehovah — the world domination of the chosen people”. In: *Why the aryan law?* Tradução do autor.

²⁰⁰ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “There are a series of familiar international Jewish organizations. [...] All of these organizations promote Jewish world power policies in some way. How they relate to each other, which are the most significant, and whether there are secret connections and a central leadership, and where that leadership might be, are subordinate questions. Whether or not there is an organized Jewish government recognized by all the Jews is less important than the fact that there is a unified and conscious Jewish desire for world power. This is proved by a variety of political events that are taking place in plain sight today”. In: *The Jews in world politics*. Tradução do autor.

territoriais com a Polônia como pretexto para declarar guerra contra a Alemanha. Os próximos cartazes exploram o argumento de que o judeu estaria por trás dos governos das potências inimigas e, portanto, seriam os responsáveis diretos pela deflagração do conflito.

O cartaz da figura 18 traz um grande título escrito em amarelo que diz “A Alemanha deve perecer!”. À esquerda, desenhos do jornalista Theodor N. Kaufman (acima), do primeiro ministro britânico Winston Churchill (abaixo, à esquerda) e do presidente americano Franklin Roosevelt (abaixo, à direita) e do líder soviético Josef Stalin (abaixo). Ao lado de cada um deles, há um círculo vermelho com um pequeno texto que serve como legenda para mostrar quem era o elaborador do suposto programa de eliminação da Alemanha, além de identificar os chefes de Estado, caso o receptor do cartaz não os reconhecesse.

Essas figuras, entretanto, não tem um caráter exclusivamente pictórico, ou seja, não são meras ilustrações, e sim caricaturas bastante discretas. Olhando com atenção, nota-se que líderes aliados tiveram suas fisionomias alteradas de forma a representa-los com as mesmas características fisionômicas que marcam o estereótipo pejorativo do judeu. Os narizes e orelhas são exageradamente longos, seus rostos têm rugas demais, os olhos estão entreabertos e as bocas de Churchill e Roosevelt são tortas, numa tentativa de criar uma expressão de desdém e arrogância ao mesmo tempo em que buscam adequar seus rostos à representação típica do judeu.

Ao lado dos Aliados, vê-se um mapa que mostra uma configuração de fronteiras totalmente diferente, na qual o território alemão foi incorporado aos países vizinhos. Ao fundo, em traços finos, um mapa normal da Alemanha serve de referência para o leitor do cartaz entender a nova divisão geográfica, mostrando as fronteiras da época e as principais cidades em vermelho. Abaixo, em um quadro branco, um resumo do que seria “*o verdadeiro programa de 8 pontos dos inimigos da Alemanha*”.



Figura 18 – “Deutschland muss sterben! Das ist in Wahrheit das 8-Punkte-Programm der Feinde Deutschlands. Deutsches Volk! Du weißt jetzt, was deine ewigen Feinde und Widersacher dir zuge-dacht haben. – Gegen ihre Vernichtungspläne, gibt es nur ein Mittel: Kämpfen, Arbeiten, Siegen!” [A Alemanha deve perecer! Este é o verdadeiro programa de 8 pontos dos inimigos da Alemanha. Povo alemão! Você sabe agora o que os seus inimigos e opositores planejaram. Contra seu plano de eliminação, só existe um meio: lutar, trabalhar, vencer!]. (1941)

Os oito pontos são os seguintes: desarmamento; expropriação; esterilização da *Wehrmacht*; esterilização da população civil; escravidão; divisão do *Reich*; restrições à

residência e proibição da língua alemã²⁰¹. Abaixo, escrito em branco sobre o fundo vermelho, lê-se “*Povo alemão! Você sabe agora o que os seus inimigos e opositores planejaram. Contra seu plano de eliminação, só existe um meio: lutar, trabalhar, vencer!*”.

Quem, afinal, era Theodor Kaufman, e do que se tratava esse programa? Segundo a revista americana *Time* de março de 1941, ele nascera em Manhattan, tinha naquela época 31 anos de idade, e trabalhava no ramo de publicidade, além de ter um posto de venda de ingressos de teatro em Newark, Nova Jersey, onde vivia desde 1930. A partir de 1942, perdeu-se qualquer pista sobre seu paradeiro²⁰². Ele teria sido o responsável por conceber, escrever, publicar e divulgar um livro de 100 páginas intitulado “A Alemanha deve perecer!” [*Germany must perish!*], também em março de 1941.

O “Plano Kaufman” foi descoberto pelos nacional-socialistas quatro meses depois, e um artigo sobre ele foi publicado em 24 de julho do mesmo ano na primeira página do jornal *Völkische Beobachter* [“O observador popular”] sob a manchete que dizia que “Roosevelt exige a esterilização do povo alemão” [“*Roosevelt fordert Sterilisierung des deutschen Volkes*”], e descrevia o que seria “um monstruoso programa judaico de eliminação” [“*ein ungeheuerliches jüdisches Vernichtungsprogramm*”]. No mesmo dia, Goebbels conclui em seu diário que “*ademais, a união de forças entre o bolchevismo e a plutocracia está agora bastante clara e não pode ser discutida nem por Moscou*”²⁰³.

A partir de então, vários jornais publicaram reportagens sobre o assunto (*Frankfurter Zeitung* – 24 de julho; *Das Reich* – 3 de agosto; *Der Stürmer* – 11 de setembro), trazendo traduções de pequenos trechos do programa. Dois meses depois da primeira publicação sobre

²⁰¹ Lê-se no cartaz: Entwaffnung; Enteignung; Sterilisierung der Wehrmacht; Sterilisierung der Zivilbevölkerung; Sklaverei; Abteilung des Reiches; Aufenthaltsbeschränkung; Verbot der deutschen Sprache.

²⁰² Cf. BENZ, “Die ‘jüdische Kriegserklärung’ an Deutschland – Judenvernichtung aus Notwehr?”. In: BENZ & REIF-SPIREK (org.). *Geschichtsmythen: Legenden über den Nationalsozialismus*.

²⁰³ Lê-se no original: “Im übrigen ist das Zusammengehen zwischen Bolschewismus und Plutokratie jetzt ein ganz offenes und selbst von Moskau nicht mehr bestrittenes”. Citado por BENZ, *op.cit.*, p.16. Tradução do autor.

o assunto, a editora central do NSDAP publicou uma brochura escrita por Wolfgang Diewerge, membro do conselho do Ministério da Propaganda e Esclarecimento Popular e chefe da divisão de rádio do mesmo ministério. O enorme título, “*O objetivo da guerra da plutocracia mundial. Publicação documentária sobre o livro do Presidente da Associação Americana pela Paz, Theodore Nathan Kaufman “A Alemanha deve perecer” (“Germany must perish”)*”²⁰⁴, já era continha um elemento de manipulação propagandística. O autor substituiu o sobrenome verdadeiro, “Newman”, por um nome aparentemente mais “judaico”, “Nathan”. A alteração é uma possível referência à peça do poeta iluminista Gotthold Ephraim Lessing, mencionada anteriormente, intitulada “Natan, o sábio” [*Nathan der Weise*], de 1779. Ironicamente, a peça defendia a legitimidade das três grandes religiões (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) e estimulava a tolerância religiosa.

A outra manipulação de informações relacionava-se à identidade de Kaufman. Diewerge diz que “*Kaufman não é nenhum solitário anônimo, nenhum fanático rejeitado pela judiaria mundial, nenhuma criatura insana, mas sim uma liderança judaica e uma figura bastante conhecida nos Estados Unidos*”²⁰⁵. Ele pertenceria ao chamado “brain trust” de Roosevelt, um grupo de políticos e intelectuais encarregados de aconselhar o presidente americano.

A manipulação mais importante refere-se à datação do livro de Kaufman, alterada de março para agosto de 1941. Nesta data, aconteceu um encontro entre Churchill e Roosevelt no iate Potomac, ao largo da Terra Nova, no qual se elaborou um documento intitulado “Carta do Atlântico”. O documento previa que aqueles países não participariam de guerras de conquista,

²⁰⁴ O título original era “Das Kriegsziel der Weltplutokratie. Dokumentarische Veröffentlichung zu dem Buch des Präsidenten der amerikanischen Friedensgesellschaft Theodore Nathan Kaufman “Deutschland muß sterben” (“Germany must perish”)”.

²⁰⁵ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “The Jewish president Kaufman is no anonymous loner, no fanatic rejected by World Jewry, no insane creature, but rather a leading and widely-known Jewish figure in the United States”. In: *The war goals of world plutocracy*. Tradução do autor.

respeitariam a autodeterminação e o direitos dos povos a escolherem suas formas de governo, além da renúncia à violência e à guerra, entre outros pontos que inspiraram a atual Carta das Nações Unidas. O livro de Kaufman seria descrito no panfleto como parte da conspiração, como “*a música de fundo para o grande engodo de política exterior anglo-americana, que os porta-estandartes da plutocracia mundial, presidente Roosevelt e seu sócio no belicismo internacional, primeiro-ministro Churchill, lançaram para apoiar seu aliado Stalin*”.²⁰⁶ A intenção da propaganda nacional-socialista era, portanto, esvaziar o sentido da reunião dos líderes aliados, transformando-a em uma maquinação judaica.

O livro de Kaufman encontrou eco mesmo três anos depois, quando novamente foi mencionado pela propaganda nacional-socialista. O panfleto de quatro páginas intitulado “Nunca!” [*Niemals!*], foi publicado em outubro ou novembro de 1944 e teve uma edição de mais de 400.000 exemplares, em uma das últimas tentativas do governo de estimular a resistência contra a invasão aliada, que àquela altura já avançara centenas de quilômetros em território alemão. O autor, Heinrich Goitsch, apresenta um resumo dos supostos planos de ocupação da Alemanha em um tom bem mais dramático que o de Diewerge, que se propõe a divulgar informações “documentais”.

O povo alemão deve saber que, naquele momento [a derrota alemã] um sofrimento inimaginável se abateria sobre nós, alemães. Seríamos desarmados, ocupados, espoliados economicamente, divididos em pequenos estados, dominados e governados pelos bolchevistas, americanos e ingleses, obrigados a enviar dez milhões de homens alemães à União Soviética e a outros países para [realizarem] trabalhos forçados, obrigados a enviar nossas crianças, nossos bens mais preciosos, para todo o mundo, esterilizados por médicos judeus, castrados, tornados estéreis, para que o povo alemão venha literalmente a perecer em algumas poucas décadas, obrigados a renunciar o

²⁰⁶ Lê-se no original: “Das Buch ‘Deutschland muß sterben’ ist die english-amerikanische Begleitmusik zu dem großangelegten außenpolitischen Betrugsmanöver, das der Bannerträger der Weltplutokratie, Präsident Roosevelt, und sein Geschäftsteilhaber in Weltkrieghetze, Premierminister Churchill, zugunsten ihres Verbündeten Stalin gestartet haben”. Citado por BENZ, “Die ‘jüdische Kriegserklärung’ an Deutschland – Judenvernichtung aus Notwehr?”, p.19. Tradução do autor.

ideal nacional-socialista que carregamos no fundo de nossos corações como o ideal do século.²⁰⁷

Segundo Diewerge, os alemães não seriam o primeiro povo a ser eliminado pelos judeus, já que “*uma olhada na história mundial, iniciando nos tempos bíblicos e continuando até o presente, mostra que vários povos perderam suas vidas e desapareceram da história porque atraíram a inimizade dos judeus*”²⁰⁸. Essa ameaça de genocídio supostamente declarada pela “plutocracia anglo-americana” serviu para alimentar a propaganda nacional-socialista contra os aliados²⁰⁹ de forma a criar a idéia a respeito da influência dos judeus na política internacional. A influência dos judeus nos países aliados também foi representada simplesmente através de imagens, já que a relação entre eles foi amplamente estabelecida através de outros meios de propaganda, como vimos. Os próximos dois cartazes tratam deste assunto, fazendo uso da fisionomia típica do judeu.

O cartaz da figura 19, também publicado na França ocupada, mostra um judeu que emerge por trás das bandeiras dos países aliados. Ele está elegantemente vestido de terno preto, usando uma gravata borboleta e chapéu coco. Sua roupa mostra que ele tem boas condições de vida, sendo possivelmente um rico comerciante ou um influente político. Uma estrela de Davi pendurada na corrente de seu relógio (tal como na figura 11) o identifica como

²⁰⁷ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “The German people must further know that at that moment unimaginable misery would descend upon us Germans. We would be disarmed, occupied, economically plundered, torn into many small states, dominated and ruled by the Bolshevists, Americans and British, forced to send ten million German men to the Soviet Union and other countries for forced labor, forced to send our children, our most precious possessions, to all the world, sterilized by Jewish physicians, castrated, rendered sterile, so that the German people will literally perish within a few decades, forced to surrender our National Socialist idea that we carry deep in our hearts as the idea of the century”. In: *Never!*. Tradução do autor.

²⁰⁸ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “A look at world history, beginning in biblical times and continuing to the present, shows that numerous peoples have lost their lives and disappeared from history because they drew the enmity of the Jews”. In: *The war goal of world plutocracy*. Tradução do autor.

²⁰⁹ É também a propaganda da extrema direita contemporânea. Em 1977, foi lançada uma tradução completa do livro de “Germany must perish”, e em 1996 foi lançado um artigo na publicação de extrema direita “Jornal Nacional” [*National-Journal*], repetindo as idéias nacional-socialistas a respeito da influência de Kaufman no círculo do presidente Roosevelt e da importância de seu livro nos Estados Unidos. Assim, além de justificar o extermínio dos judeus como uma medida defensiva, o mito criado em torno do assunto serviu ao ressentimento antiamericano na política, em uma sobrevivência infame da propaganda nacional-socialista. Cf. BENZ. *Die ‘jüdische Kriegserklärung’ an Deutschland – Judenvernichtung aus Notwehr?*. In: BENZ & REIF-SPIREK (org.). *Geschichtsmymthen: Legenden über den Nationalsozialismus*.

judeu, mas sua fisionomia deve ser considerada o fator discursivo principal. Como nos outros cartazes, ele tem um nariz enorme e bem largo, olhos amendoados entreabertos, em um olhar circunspecto, sobrancelhas peludas e lábios grossos, sendo que o inferior é mais volumoso que o superior. Ele não usa barba como os judeus ortodoxos, já que estaria adaptado e incorporado ao seu “país hospedeiro”, disfarçando sua aparência externa mas nunca sua fisionomia.

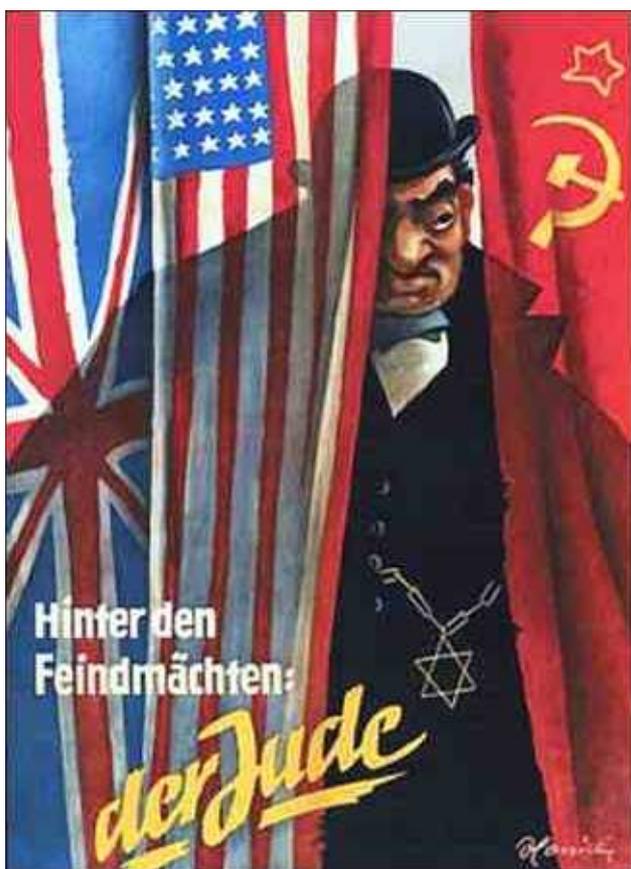


Figura 19 - “Hinter den Feindmächten: der Jude” [Por trás das potências inimigas: o judeu]. Desenho por Bruno Hanisch. (1942)



Figura 20 - “Yankee – Engelsman – Bolsjewiek dansen naar de pijpen van de jodenkliek” [Yankee – Ingleses – Bolcheviques dançam segundo a flauta da camarilha/pandilha²¹⁰ judaica] (1942?).

²¹⁰ O termo holandês *klied*, derivado do francês *clique*, pode ser traduzido tanto como camarilha, palavra que se refere a “pessoas que cercam um chefe de Estado, ou chefe de serviço, procurando influir indiretamente nas suas decisões”, como por pandilha, que é o “conluio entre diversas pessoas para ludibriar alguém” (Cf. FERREIRA, *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*, 2004, CD-ROM). A menção dos dois termos em português tenta preservar a idéia original da propaganda de que esse “lobby” exerceria uma influência negativa e danosa contra os Estados aliados, supostamente realizado pelo judeu em favor da sua “raça”.

O cartaz da figura 20, publicado na Holanda ocupada, faz uma certa releitura da combinação entre um judeu e três líderes aliados usada na figura 18, só que desta vez utiliza uma representação estereotípica do judeu ao invés de retratar uma pessoa real, e usa caricaturas propriamente ditas ao invés de simples deformações em figuras que tentam se passar por retratos.

O judeu da “camarilha” ou “pandilha judaica” comanda os aliados através de uma flauta, assim como na lenda do “O Flautista de Hamelin”, recolhida da tradição oral alemã pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (1785-1863 e 1786-1859, respectivamente) e transformada em verso pelo poeta inglês Robert Browning (1812-1889). A lenda se passa na cidade alemã de Hameln, que estava infestada por ratos. Um dia, apareceu um forasteiro que tocou sua flauta mágica e atraiu todos os ratos para o rio. A cidade foi livre da grande peste, mas sua prefeitura recusou-se a pagar os mil florins devidos ao flautista pelos seus serviços. Para se vingar, o flautista atraiu todas as crianças da cidade com sua flauta e as levou para a floresta, símbolo medieval do mal desconhecido, deixando as famílias desesperadas.

“O tema é um dos mitos centrais na literatura ocidental – a rejeição do salvador. É o tema do Novo Testamento – da mesma maneira que a prefeitura rejeita o Flautista, Jesus é rejeitado pelos judeus”²¹¹. Assim, às avessas, o cartaz menciona uma lenda remotamente antijudaica, uma vez que alude a uma questão religiosa, para tentar dizer aos holandeses que o judeu não é exatamente o salvador, mas apenas aquele que tem o poder de enfeitiçar os líderes e manipula-los em seu próprio favor.

O judeu nunca exerce seu poder abertamente, mas sempre através de uma marionete góí²¹². (Prefere ser o segundo no comando como secretário. O góí tem a responsabilidade pública). Ele nunca luta por seus interesses, mas sempre por ideais humanitários ou pelos interesses dos povos beligerantes. A

²¹¹ MILTON. Robert Browning & O Flautista do Manto Malhado. Pós-fácio. In: BROWNING. *O flautista de manto malhado em Hamelin*, p. 61.

²¹² Entre os judeus, designação dada a indivíduo ou povo não judeu.

Inglaterra lutou na Palestina durante a Primeira Guerra para assegurar sua via terrestre para a Índia, e os judeus ganharam a Palestina. Os judeus sacrificaram-se pelos interesses comerciais ingleses que ameaçavam a Alemanha, e ganharam a Alemanha para explorar. Hoje, Inglaterra e Estados Unidos não estão lutando pela dominação mundial, mas pela democracia e pela dignidade humana. Moscou não está lutando pelo trabalhador russo. Não, o judeu nunca luta por si mesmo, ele sempre deixa os outros lutarem por ele!²¹³

Desta maneira, a propaganda nacional-socialista procurou convencer os alemães de que o judeu é que seria o único responsável pela guerra.



Figura 21 – “Der ist schuld am Kriege!” [Este é o culpado pela guerra!]. Este desenho também serviu para ilustrar um selo.

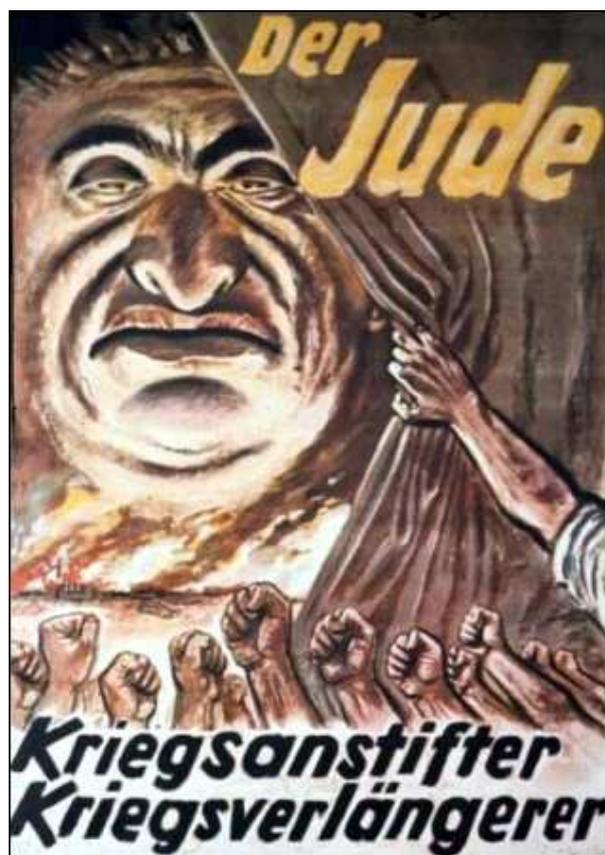


Figura 22 – “Der Jude – Kriegsanstifter, Kriegsverlängerer” [O judeu – instigador da guerra, prolongador da guerra]. (1943?)

²¹³ Na tradução de Randall Bytwerk lê-se: “The Jew never exercises his power in the open, but always through a puppet Goy. (Prefers to be the second in command as secretary. The Goy has the public responsibility.). He never fights for his interests, but always for human ideals or the interests of the struggling peoples. England fought in Palestine during the World War to secure its land bridge to India, and the Jews got Palestine. The Jews sacrificed themselves for the English commercial interests that were endangered by Germany, and gained Germany to exploit. Today, England and America are not fighting for world domination, but rather for democracy and human dignity. Moscow is fighting for the Russian worker. No, the Jew has never fought for himself, he always lets others fight for him!”. In: *To know the Jews is to understand the meaning of war*. Tradução do autor.

Estes dois últimos cartazes têm a função de lembrar seu receptor da série de argumentos criados pela propaganda nacional-socialista para criar a acusação de que o judeu seria o culpado pela guerra. A figura 21 mostra um judeu vestido de smoking e cartola, o que o afasta ainda mais do estereótipo do judeu oriental. Apesar de vestir-se rica e formalmente, como um magnata, banqueiro ou político do alto escalão o faria apenas em uma ocasião especial, o judeu é identificado pela estrela amarela com a inscrição *Jude* costurada à sua roupa. Este pode ser um sinal de que o poder aquisitivo ou a condição social do judeu não interessava à ditadura hitlerista, que o consideraria igual a qualquer outro. A personagem se abaixa e projeta o corpo de lado para tentar se esquivar de um dedo acusador que surge do alto do cartaz. Normalmente, este tipo de representação de uma mão que ataca ou aponta um personagem traz alguma identificação, seja um anel ou uma abotoadura, já não há lugar para outros elementos distintivos. Assim, a mão poderia representar qualquer alemão politizado, o partido, o governo, ou mesmo a mão de Deus. Um fundo branco foi usado para realçar a figura da mão e intensificar o contraste de cores. A legenda escrita em branca sobre o fundo preto, além de causar impacto estético no receptor, serve para aumentar a visibilidade do cartaz a maiores distâncias. Abaixo, um fundo vermelho evoca a imagem de fogo e sangue, elemento que também é discretamente aludido por uma mancha vermelha na camisa da personagem, que pode ser o sangue que espirrou do corpo de uma vítima assassinada pessoalmente. Isto contribui para reforçar a idéia central do cartaz que afirma que o judeu é culpado pela guerra.

A figura 22 usa novamente a fisionomia típica do judeu, já fartamente descrita anteriormente. Desta vez, o rosto é monstruosamente grande, e parece formar-se no céu através da fumaça que sobe das cidades alemãs incendiadas. A imagem estava coberta por uma cortina marrom que é puxada por uma mão anônima, identificada apenas pela manga

arreçada de uma camisa branca, elemento bastante usado nas representações do trabalhador ariano. Abaixo, vários punhos cerrados se levantam em sinal de indignação contra o judeu, e as palavras “incitador²¹⁴ da guerra” [*Kriegsanstifter*] e “prolongador da guerra” [*Kriegsverlängerer*] escritas em preto sobre o fundo branco (uma estratégia comum de contraste para aumentar a visibilidade, como já foi dito) são os gritos da multidão.

A falta de indentificação nas mãos, o que as torna anônimas, não é casual, sendo motivada por uma intenção propagandística. Os nacional-socialistas acreditavam revelar a todos os “países civilizados” os supostos planos de dominação mundial elaborados pelos judeus. Assim, a propaganda tencionava convencer os aliados de que estavam sendo manipulados pelo judeu.

Em vários outros países, as pessoas estão começando a despertar e discernir a traição nos planos judaicos para dominação. A judiria está, portanto, fazendo tudo a seu alcance **para derrotar essas nações que despertam e forçá-las a desistir de suas políticas raciais**. A judiaria mundial está mais unida hoje do que jamais esteve. Eles incitam o ódio contra os povos que despertam com todos os meios de que dispõem. Eles dependem principalmente, como mostramos, no bolchevismo mundial e na democracia mundial.²¹⁵

Quando os ingleses e americanos finalmente perceberem que eles estão lutando na verdade pela liberdade dos judeus, eles se tornarão relutantes, e se tornarão críticos em relação aos judeus; *e eles vão descobrir os judeus*. Isto é o suficiente para tornar qualquer ariano um anti-semita.²¹⁶

A propaganda nacional-socialista tinha, portanto, um significado “didático” além do político. Não por acaso o Ministério da Propaganda cuidava também do “Esclarecimento

²¹⁴ O verbo alemão *anstiften* significa “colocar algo desastroso em funcionamento”, como uma conspiração ou um dano, ou “levar ou convencer alguém a fazer alguma maldade”. O substantivo *Anstifter* foi traduzido, portanto, por “instigador”, de modo a preservar a intenção maligna do agente da ação, coisa que não ficaria muito clara na palavra “causador”, que poderia indicar alguém que provocou algo involuntariamente.

²¹⁵ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “In many other countries, people are also beginning to wake up and see through the Jewish plans for domination. Jewry is therefore doing all in its power to defeat these awakening nations and to force them to give up their new racially-oriented policies. World Jewry is more united today than ever before”. In: *The Jews in world politics*. Tradução do autor. Grifo no original.

²¹⁶ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “When the English and Americans finally realize that they are fighting in reality for the freedom of the Jews, they will become reluctant, and will be critical of the Jews; they will discover the Jews. That is enough to make an anti-Semite of any Aryan”. In: *The pestilential miasma of the world*. Tradução do autor.

Popular” [*Volksaufklärung*], termo alemão usado para designar o Iluminismo, que visava a emancipação do homem através da educação e do uso da razão. Como dito, a etimologia da palavra “raça” em vários idiomas, incluindo o alemão [*Rasse*] deriva do termo latino *ratio*. Por causa disso a propaganda afirmava que “*conhecimentos científicos revolucionários sobre genética e raça vêm encontrando expressão política na visão-de-mundo nacional-socialista*”²¹⁷ e que

Este novo pensamento racial encontrará obviamente a oposição daqueles que ainda acreditam, seja através da fé ou da razão, na unidade da humanidade na cultura, ordem ou organização social. Os judeus irão naturalmente se opor a qualquer discussão sobre a raça, uma vez que a negação de quaisquer diferenças significativas entre os povos é a base de sua infiltração na sociedade européia ocidental. O judeu considera qualquer menção à questão racial como um ataque à sua existência atual.²¹⁸

Assim, o nacional-socialismo acreditava-se um movimento político que lutava para a divulgação do racionalismo, uma idéia considerada, desde o século XIX até então, científica. O racismo é a base do anti-semitismo moderno, uma vez que o princípio de diferenciação entre os povos estabelecido por aquela idéia científicista tem seu significado político mais importante (na visão nacional-socialista) na luta contra o que seria o “parasita dos povos”, o “fermento da decomposição”, identificado em sua cultura política como o povo judeu.

O mundo não prestou atenção. Ele viu que não era mais uma questão de teoria, que não era meramente um anti-semitismo de uma época passada, mas que o acerto final com a judiaria começara. A judiaria mundial também percebeu o inefável destino que confrontaria o povo judeu.²¹⁹

²¹⁷ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Revolutionary scientific understandings of genetics and race have found political expression in the National Socialist world view”. In: *Racial policy*. Tradução do autor.

²¹⁸ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “Such new racial thinking will of course secure the opposition of those who either through faith or reason still believe in the unity of humanity in culture, social order and organization. The Jews will naturally oppose any discussion of race, since the denial of any significant differences between people is the foundation of his infiltration of Western European society. The Jew finds any mention of the racial question as an attack on his current existence”. In: *Why the aryan law?* Tradução do autor.

²¹⁹ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “The world paid attention. It saw that it was no longer a matter of theory, that it was not merely the anti-Semitism of an earlier age, but rather that the final reckoning with Jewry had begun. World Jewry also realized the inescapable fate faced the Jewish people”. In: *The jewish problem*. Tradução do autor.

Esta “cruzada” contra os judeus precisaria de uma motivação mais profunda que uma mera idéia pseudo-científica sobre a diferenciação entre os povos, que não teria uma direção política prática. Em outras palavras, o anti-semitismo nacional-socialista não poderia ter encontrado tamanha aceitação entre uma parte significativa da população alemã apenas por encontrar ecos na tradição religiosa cristã ou em algumas culturas políticas, sejam elas quais forem. Não se pode atribuir o sucesso do anti-semitismo, da mesma maneira, a patologias psicológicas coletivas sob o risco de se utilizar de generalizações que em nada acrescentam à compreensão de um fenômeno histórico. Era necessária, portanto, uma motivação política significativa, embasada historicamente e que pudesse efetivamente mover os alemães à ação.

A idéia central da revolução nacional-socialista era o desejo do povo alemão de ser novamente o senhor de cada área da sua própria vida. Como um povo grandioso e confiante, devemos exigir dos outros povos apenas o seguinte: que eles nos permitam, **como iguais**, que nos governemos e encontremos nosso próprio caminho para a felicidade.²²⁰

Esta motivação era calcada em uma idéia que pode ser resumida em uma versão germânica da Doutrina Monroe: “Alemanha para os alemães”. Depois de analisar a propaganda anti-semita, que a definição do “outro” teve um papel muito importante para reforçar o sentimento de unidade entre os próprios alemães. O discurso imagético divulgado nos cartazes que exagera as características físicas dos judeus era de fundamental importância para a consolidação de um estereótipo reconhecível, já que “*os “semitas”, diferentemente dos negros, não possuem características comuns visíveis (donde a necessidade, sob o regime nazista, de fazê-los usar uma estrela amarela: senão, como reconhecê-los?)*”²²¹.

²²⁰ Lê-se na tradução de Randall Bytwerk: “The central idea of the National Socialist revolution was the longing of the German people to once more be master in every area of its own life. As a great, confident people, we demand only this of the other peoples: that they permit us, as their equals, to govern ourselves as we wish and find our own way to happiness”. In: *Why the aryan law?* Tradução do autor. Grifo no original.

²²¹ TODOROV. *Nós e os outros*, p. 112.

Todo o esforço artístico e propagandístico para criar uma imagem reconhecível que condensasse todas as características contrárias à cultura política nacional-socialist (e, portanto, consideradas negativas) tinha um significado político, neste contexto, dos mais importantes. “A *obsessão fascista é, de fato, a obsessão da figuração, da Gestaltung. Trata-se ao mesmo tempo de erigir uma figura [...] e de produzir, sobre esse modelo, não um tipo de homem, mas o tipo da humanidade*”²²².

A distinção entre alemães e judeus foi capaz de criar em uma parte significativa da população um sentimento de pertença à sociedade que servia como estímulo à participação política ativa, à tolerância da ditadura hitlerista ou simplesmente ao conformismo. Assim como poderíamos analisar a constituição de um mito positivo de identificação dos alemães a uma projeção de um tipo ariano idealizado, se tivéssemos espaço para tal, foi possível demonstrar a existência de um mito negativo de identificação, qual seja, o mito do “eterno judeu”.

Poderíamos talvez definir o hitlerismo como a exploração lúcida – mas não necessariamente cínica, pois ela mesma está convencida – da disponibilidade das massas modernas ao mito. A manipulação técnica: ela é também um fim, se, em última instância, é o próprio mito que manipula as massas e nelas se realiza.²²³

Assim, mas do que simplesmente considerar o anti-semitismo nacional-socialista como uma parte cínica de sua cultura política (já que poderia ser considerada uma mera manipulação de um elemento cultural considerado como “tipicamente alemão”), esta forma racismo é, em última instância, um dos elementos fundadores do próprio nacional-socialismo, já que sem o discurso anti-semita do “outro” não poderia haver o discurso arianista do “eu”.

²²² LACOUÉ-LABARTHE. *O mito nazista*, p. 80.

²²³ *Ibidem*, p. 63-64.

Sem o “eterno judeu”, não haveria uma explicação totalizante sobre o passado, sobre a história mundial e principalmente a alemã; não haveria uma proposta de ação para o presente, *“uma política que ponha o mundo em harmonia com a descrição precedente”*²²⁴, capaz de mobilizar as instituições políticas, jurídicas, militares, administrativas, educacionais e mesmo religiosas e, obviamente, boa parte da população; e nem uma proposta idealizada para o futuro, que prometia a paz para a Alemanha depois que os judeus fossem expulsos de lá.

²²⁴ TODOROV. *Nós e os outros*, p. 110.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O instrumento difusor da cultura política do nacional-socialismo era a propaganda política oficial, conduzida pelo Estado sob a direção do Ministério da Propaganda e Esclarecimento Popular, chefiado por Joseph Goebbels, e mesmo a mídia impressa de iniciativa particular. Tanto a propaganda como a mídia encarregavam-se da difusão das representações anti-semitas normalizadas que tiveram um inegável papel na definição de sua cultura política além de seu significado político. Propaganda e cultura política devem ser vistas numa relação dinâmica, em que uma dá à outra os elementos necessários para sua justificação e legitimação.

Através da análise dos cartazes de propaganda pôde-se entender como o anti-semitismo reuniu uma série de conformações ideológicas, palavras-chave, representações, valores e normas de conduta negativos, além de indicações para a tomada de decisões no plano político, já que a propaganda contém traços determinantes ao apoio de parte da população alemã à forma de organização política e social proposta pelo nacional-socialismo.

Através do manejo da propaganda política em suas várias formas, como cartazes de propaganda, filmes, exposições de fotos, documentário, noticiários e mesmo cortejos e congressos do NSDAP, a ditadura hitlerista preocupou-se em divulgar suas normas e padrões de comportamento. Como dizia Goebbels, “é bom ter o poder das armas; mais eficiente e duradouro, entretanto, é conquistar e manter os corações e mentes do povo”. O consenso é mais eficaz do que a opressão e, neste ponto, é importante atribuir um papel de governo ao exercício da propaganda política, já que ela se organiza em torno das definições do governo, apresentando-as, preparando-as ou justificando-as. Sem o apoio de uma parcela significativa do povo alemão e a conseqüente possibilidade de sua mobilização, os planos belicistas de

Hitler que levaram a Alemanha à Segunda Guerra Mundial jamais poderiam ter sido postos em prática.

A tarefa do historiador do período, através do foco das culturas políticas, é buscar compreender as motivações que levaram os alemães a adotarem este ou aquele comportamento político. Não deve ser, em nada, uma forma de perdão, mas uma tentativa de reconciliação com um mundo onde tal acontecimento é possível. Não uma explicação, o que seria construir uma elucidação ou justificativa da ideologia nacional-socialista, mas sim uma espécie de entendimento *ex post facto* de seu significado, ou seja, como um exercício da faculdade de julgamento que deve ser voltada para a constante e veemente crítica das premissas racistas do nacional-socialismo.

Os nacional-socialistas agiram de acordo com um fanatismo cego e ensandecido, mas com um olhar atento às realidades políticas e sociais. Eles desenvolveram sua campanha racista e repressiva levando em consideração a sociedade, história e tradição alemãs. Como vimos, o anti-semitismo de Hitler não surgiu do nada e nem foi sua criação, foi recuperada e ressignificada a partir de uma série de autores antijudaicos e racialistas cuja produção intelectual se estende por vários séculos. A racionalidade com a qual eles tornaram palatável ao público a necessidade de novas formas de opressão era uma parte essencial e indispensável da discriminação e da perseguição.

Todas estas reflexões devem levar em consideração o papel da mídia e da propaganda para ressaltar que nenhuma das medidas da ditadura hitlerista, exceto por alguns “detalhes” como a eutanásia involuntária e o genocídio, foram amplamente divulgados para toda a população, que se dispuseram a aceitar esta nova cultura política, claro, pelo fato desta ser composta de elementos dispersos da cultura alemã, mas que foram reapropriados e ressignificados em um discurso coerente mas de finalidades irracionais.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01, p. 70 – “Der rote Krieg. Mutter oder Genossin? Mensch oder Maschine? Gott oder Teufel? Blut oder Gold? Rasse oder Mischling? Volkslied oder Jazz? National-sozialismus oder Bolschewismus?”. (1930?). Fonte:

<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters/rote.jpg>

Figura 02, p. 76 – “Tod der Lüge / Marxismus, Hochfinanz” [Morte às mentiras – Marxismo, altas finanças] (1930?). Fonte: <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters/luge.jpg>

Figura 03, p. 76 – Capa do livro “Die jüdische Weltpest” [A peste mundial judaica], de Hermann Esser. (1939). Fonte:

<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/images/covers/weltpest.jpg>

Figura 04, p. 82 – “Der Bolschewismus – Große anti-bolschewistische Schau / Karlsruhe” [O bolchevismo – grande exposição anti-bolchevista / Karlsruhe]. (1936). Fonte:

<http://www.earthstation1.com/Warposters/ricko/PosterSovSpider.jpg>

Figura 05, p.82 – “Deutschlands Sieg – Europas Freiheit” [Vitória da Alemanha – Liberdade da Europa]. (1943?). Fonte: <http://www.earthstation1.com/Warposters/jingram/gwwii038.jpg>

Figura 06, p. 87 – “Bravo Herr von Papen! Nur weiter so, mit Notverordnungen. Lohn und Runterkürzung und Beseitigung des Tarif-rechtes, Sie geben uns Kommunisten die letzte Chance. – Soll das Wahrheit werden? Nein! Nur einer rettet uns vom Bolschewismus: Adolf Hitler! Liste 1 National-Sozialisten”. Desenho por Felix Albrecht. (1932). Fonte:

<http://www.dhm.de/lemo/objekte/pict/pli04836/index.html>

Figura 07, p. 87 – “Bolschewismus ohne Maske” [Bolchevismo sem máscara]. (1937). Fonte: <http://www.espol.com/sections/World/thematics/propaganda/wtepro28a.jpg>

Figura 08, p. 92 – Panfleto da exposição “Das sowjet Paradies” [O paraíso soviético].

Desenho por Axter Heudtlass. (1942). Fonte:

<http://www.dhm.de/datenbank/index.html?/datenbank/9900/99007036.html>

Figura 09, p. 92 – “Sieg oder Bolschewismus” [Vitória ou bolchevismo]. Desenho por Hans Herbert Schweitzer, o “Mjöltnir”. (1943). Fonte:

<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters/bols.jpg>

Figura 10, p. 101 – “Wir wählen Hindenburg! Wir wählen Hitler! Schau Dir diese Köpfe an, und Du weißt, wohin Du gehörst!”. [Nós votamos em Hindenburg! Nós votamos em Hitler! Olhe para estas cabeças e você saberá entre quais você pertence!]. (1932). Fonte:

<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters/wahl.jpg>

Figura 11, p. 101 – “Der Drahtzieher – Kopf- und Handarbeiter wählt:” [O titereiro – Trabalhadores intelectuais e braçais votam em:]. O espaço em branco entre as suásticas deveria receber o nome do candidato do NSDAP às eleições parlamentares. Fonte:

<http://www.earthstation1.com/Warposters/german/string.jpg>

Figura 12, p. 111 – “Der ewige Jude” [O eterno judeu]. Este cartaz anuncia a exposição no prédio da biblioteca do Deutsches Museum em Munique. (1937). Fonte:

<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters/ewige.jpg>

Figura 13, p. 111 – “Der ewige Jude – ein Dokumentarfilm über das Weltjudentum” [O eterno judeu – um filme documentário sobre a judiaria mundial]. Desenho por Hans Herbert Schweitzer. (1940). Fonte: <http://www.dhm.de/lemo/objekte/pict/xp991875/index.html>

Figura 14, p. 115 – “Der ewige Jude – ein Dokumentarfilm über das Weltjudentum” [O eterno judeu – um filme documentário sobre a judiaria mundial]. (1940). Fonte desconhecida.

Figura 15, p. 115 – “De eeuwige jood – ook u moet deze film zien!” [O eterno judeu – você também tem de ver este filme!]. Cartaz de divulgação do filme na Holanda. (1940-1941?). Fonte desconhecida.

Figura 16, p. 116 – “Die Geißel Gottes – Polnische Juden” [O flagelo de Deus – judeus poloneses]. (1938?). Fonte desconhecida.

Figura 17, p. 116 – “Wenn Juden lachen – Lesen Sie die neueste Ausgabe 11 des Stürmers” [Se os judeus riem... – leia a última edição do Stürmer]. (1937). Fonte: <http://www.dhm.de/datenbank/index.html?/datenbank/pli0/pli02362.html>

Figura 18, p. 121 – “Deutschland muss sterben! Das ist in Wahrheit das 8-Punkte-Programm der Feinde Deutschlands. Deutsches Volk! Du weißt jetzt, was deine ewigen Feinde und Widersacher dir zgedacht haben. – Gegen ihre Vernichtungspläne, gibt es nur ein Mittel: Kämpfen, Arbeiten, Siegen!” [A Alemanha deve perecer! Este é o verdadeiro programa de 8 pontos dos inimigos da Alemanha. Povo alemão! Você sabe agora o que os seus inimigos e opositores planejaram. Contra seu plano de eliminação, só existe um meio: lutar, trabalhar, vencer!]. (1941). Fonte: <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters/sterben.jpg>

Figura 19, p. 126 – “Hinter den Feindmächten: der Jude” [Por trás das potências inimigas: o judeu]. Desenho por Bruno Hanisch. (1942). Fonte desconhecida.

Figura 20, p. 126 – “Yankee – Engelsman – Bolsjewiek dansen naar de pijpen van de jodenkliek” [Yankee – Ingleses – Bolcheviques dançam segundo a flauta da camarilha/pandilha judaica] (1942?). Fonte desconhecida.

Figura 21, p. 128 – “Der ist schuld am Kriege!” [Este é o culpado pela guerra!]. Este desenho também serviu para ilustrar um selo. Fonte desconhecida.

Figura 22, p. 128 – “Der Jude – Kriegsanstifter, Kriegs-verlängerer” [O judeu – instigador da guerra, prolongador da guerra]. (1943?). Fonte: <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters/derjude.jpg>

FONTES TEXTUAIS

Todas as fontes textuais aqui mencionadas encontram-se disponíveis no site do Prof. Randall Bytwerk, *German Propaganda Archive*, <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/>, e foram traduzidas por ele para a língua inglesa a partir dos originais em alemão.

PROPAGANDA POLÍTICA

GOEBBELS, Joseph. “Erkenntnis und Propaganda”. In: *Signale der neuen Zeit*. 25 ausgewählte Reden von Dr. Joseph Goebbels. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1934, pp. 28-52.

_____. “Wille und Weg”. *Wille und Weg* (posteriormente *Unser Wille und Weg*), 1 (1931), pp. 2-5.

_____ & MJÖLNIR. *Die verfluchten Hakenkreuzler*. Etwas zum Nachdenken. Munique: Verlag Frz. Eher, 1932.

_____. “Der Rundfunk als achte Großmacht”. In: *Signale der neuen Zeit*. 25 ausgewählte Reden von Dr. Joseph Goebbels. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1938, pp. 197-207.

_____. “Rassenfrage und Weltpropaganda”. In: *Reichstagung in Nürnberg 1933*. Berlin: Vaterländischer Verlag C. A. Weller, 1933, pp. 131-142.

_____. (sem título). In: *Der Kongress zur Nürnberg 1934*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, Frz. Eher Nachf., 1934, pp. 130-141.

STARK, G. *Moderne politische Propaganda*. Munique: Verlag Frz. Eher Nachf., 1930.

DIETZ, Alfred. *Das Wesen der heutigen Propaganda*. *Unser Wille und Weg*, 4 (1934), pp. 299-301.

SCHULZE-WECHSUNGEN. *Politische Propaganda*. Unser Wille und Weg, 4 (1934), pp. 323-332.

RINGLER, Hugo. [The work of propagandists in the National Socialist state]. Unser Wille und Weg, 4 (1934), pp. 293-301.

FRITZSCHE, Hans. "Dr. Goebbels und sein Ministerium". In: MANTAU-SADLIA, Hans Heinz. *Deutsche Führer, deutsches Schicksal*. Das buch der Kündler und Führer des dritten Reiches. Munique: Verlag Max Steinebach, 1934, pp. 330-342.

BLASIUS, Richard. *10 Gebote für den Propagandisten: Wie es nicht sein soll*. Unser Wille und Weg, 5(1935), pp. 29-30.

Die Reichspropagandaleitung der NSDAP. Unser Wille und Weg, 6 (1936), pp. 6-10.

Politische Propaganda als sittliche Pflicht. Unser Wille und Weg, 6 (1936), pp. 238-241.

1. Lehrgang der Gau- und Kreispropagandaleiter der NSDAP. Unser Wille und Weg, 9 (1939), pp. 124-139.

DER REICHSFÜHRER SS UND CHEF DER DEUTSCHEN POLIZEI. *Was tue ich im Ernstfall?* Eine Aufklärungsschrift für das Deutsche Volk. Berlin: Verlag Hermann Hiliger, 1940, pp. 21-23.

Die Arbeit der Partei-Propaganda im Kriege. Unser Wille und Weg, 11 (1941), pp. 1-12.

"Alles nur für den Sieg, der Sieg allein entscheidet!". In: *Monatsblätter der Gaupropagandaleitung Weser-Ems der NSDAP*, 7 (1942), #3, pp. 18-19.

ANTI-SEMITISMO

BAUMBÖCK, Karl. *Juden machen Weltpolitik*. Berlin: Propaganda-Verlag Paul Hochmuth, 1942.

BENNECKE, Fritz. *Vom deutschen Volk und seinem Lebensraum*. Handbuch für die Schulung in der HJ. Munique: Franz Eher, 1937.

DER REICHSFÜHRER SS/SS-HAUPTAMT. *Rassenpolitik*. Berlin: s.e., 1943.

DIEWERGE, Wolfgang. *Das Kriegsziel der Weltplutokratie*. Dokumentarische Veröffentlichung zu dem Buch des Präsidenten der amerikanischen Friedensgesellschaft Theodore Nathan Kaufman "Deutschland muß sterben". Berlin: Zentralverlag der NSDAP, 1941.

EICHLER, Max. *Du bist sofort im Bilde*. Erfurt: J. G. Cramers Verlag, 1939, pp. 139-142.

Der ewige Jude. Unser Wille und Weg, 10 (1940), pp. 54-55.

EITZEN, Kurt Hilmar. *Zehn Knüppel wider die Judenknechte*. Unser Wille und Weg, 6 (1936), pp. 309-310.

ESSER, Hermann. *Die jüdische Weltpest*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1939, pp. 9-12.

GOEBBELS, Joseph. "Der Jude". In: *Der Angriff*. Aufsätze aus der Kampfzeit. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1935, pp. 322-324.

_____. "Das kommende Europa. Rede an die tschechischen Kulturschaffenden und Journalisten". In: *Die Zeit ohne Beispiel*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1941, pp. 314-323.

_____. "Der Krieg und die Juden". In: *Der steile Aufstieg*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1944, pp. 263-270.

GOITSCH, Heinrich. *Niemals!* Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1944.

GROSS. *Nationalsozialistische Rassenpolitik*. Eine Rede an die deutschen Frauen. Dessau: C. Dünnhaupt, 1934.

LEY, Robert. *Pesthauch der Welt*. Dresden: Franz Müller Verlag, 1944.

MAY, Werner. *Deutscher National-Katechismus*. 2^a edição. Breslau: Verlag von Heinrich Handel, 1934, pp. 22-26.

MUNGO. "Die Panic Party". In: *Die Marsbewohner sind da!* Politische Satiren. Berlin: Carl Stephenson Verlag, 1939, pp. 50-62.

OBERLINDOBER, Hanns. *Ein Vaterland, das allen gehört!* Briefe an Zeitgenossen aus zwölf Kampffahren. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1940, pp. 152-167.

SCHICKEDANZ, Arno. "Der Zionismus". In: *Der Schulungsbrief* 3 (abril 1936), pp. 149-150.

SCHULZ, E. H. & FRERCKS, R. *Warum Arierparagraph?* Ein Beitrag zur Judenfrage. Berlin: Verlag Neues Volk, 1934.

VAN WEHRT, Rudolf. *Frankreich aus der Flucht*. Oldenburg: Gerhard Stalling Verlagsbuchhandlung, 1941, pp. 168-177.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3^a ed. Lisboa: Presença, 1980.

ARENDT, Hannah. *A dignidade da política : Ensaio e Conferências*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

_____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

BENZ, Wolfgang & REIF-SPIREK, Peter (org.). *Geschichtsmychen – Legenden über den Nationalsozialismus*. Berlin: Metropol, 2003.

BENZ, Wolfgang & BERGMANN, Werner. *Vorurteil und Völkermord – Entwicklungslinien des Antisemitismus*. Freiburg: Herder, 1997.

BENZ, Wolfgang. *Der Holocaust*. Munique: Beck, 1999.

_____. *Geschichte des Dritten Reiches*. Munique: C.H.Beck, 2000.

BERSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIOUX & SIRINELLI (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, pp. 349-363.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser, ou A fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1983.

BRACHER, Karl Dietrich. *La dictadura alemana*. Madrid: Alianza Editorial, 1973.

BROWNING, Robert. *O flautista de manto malhado em Hamelin*. São Paulo: Musa, 1993.

- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S.; MALERBA, Jurandir (orgs). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. 288p. (Coleção Textos do Tempo).
- DICIONÁRIO Duden - Deutsches Universalwörterbuch. 5^a ed. Mannheim: Bibliographisches Institut & F. A. Brockhaus AG, 2003. CD-ROM.
- DICIONÁRIO Oxford Superlex versão 1.1. Londres: Oxford University Press; Paris: Hachette Livre, 1996. CD-ROM.
- DIEHL, Paula. *Propaganda e persuasão na Alemanha Nazista*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.
- DOMENACH, Jean-Marie. *A propaganda política*. São Paulo: DIFEL, 1955.
- DUARTE, André. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- DUROSELLE, Jean Baptiste. *A Europa de 1815 aos nossos dias: vida política e relações internacionais*. São Paulo: Pioneira, 1985.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- FALCON, Francisco J. Calazans. "História e representação". In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- FARIAS, Victor. *Heidegger e o nazismo: moral e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. São Paulo: Positivo, 2004. CD-ROM.

FINKELSTEIN, Norman G. *A Indústria do Holocausto: reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FLEISCHER, Wolfgang & BARZ, Irmhild. *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*. 2 ed. rev. amp. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1995.

FRANÇA, Júnia Lessa & VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7^a ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

FREITAS, Iacyr Anderson. *Heidegger e a origem da obra de arte*. Juiz de Fora: Edições D’Lira, 1993.

GELLATELY, Robert. *Hingeschaut und weggesehen: Hitler und sein Volk*. 2 ed. Trad. para o alemão de Holger Fliessbach. Stuttgart-Munique: Deutsche Verlags-Anstalt, 2002.

GELLATELY, Robert. *Hingeschaut und weggesehen – Hitler und sein Volk*. (trad. Holger Fliessbach). 2 ed. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2004.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 655p.

GOULD, Stephen Jay. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HERF, Jeffrey. *O modernismo reacionário – tecnologia, cultura e política em Weimar e no Terceiro Reich*. Campinas: Ensaio, 1993.

HEIDEGGER, Martin. *Die Ursprung des Kunstwerkes*. Stuttgart: Reclam, 2003.

_____. *A origem da obra de arte*. Lisboa: 70, 1990.

_____. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Munique: Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., 1943. Edição fac-similada.

_____. *Minha luta*. São Paulo: Moraes, 1983.

- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras 1996.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- _____. *Heidegger*. Freiburg im Breisgau: Herder, 1999.
- KITCHEN, Martin. *Um mundo em chamas: uma breve história da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia, 1939-1945*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- KLUGE, Friedrich & GOETZE, Alfred. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlin: W. de Gruyter, 1963.
- KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. “As dimensões subjetivas da Política: cultura política e antropologia da política”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 24, 1999, p.227-250.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe & NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo “O triunfo da vontade”*. São Paulo: Ática, 1995.
- LOPARICK, Zeljko. *Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da filosofia*. Campinas: Papirus, 1990.
- LUKACS, John. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MARABINI, Jean. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Cia. das Letras, 1985.
- MELEIRO, Maria Lucília F. “A mitologia dos povos germânicos”. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- MILZA, Pierre. *Les fascismes*. Paris: Éditions du Seuil, 1991.
- MOLES, Abraham. *O cartaz*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

- NORTH, Peter. "A critical review of Daniel Goldhagen's 'Hitler's Willing Executioners'". Disponível em: <http://www.normanfinkelstein.com/davidnorth.html>.
- PAIVA, Eduardo França. *História & imagens*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PANOFSKY, Erwin. *Estudios sobre iconologia*. 2ª ed. Madrid: Alianza, 1976.
- PFAHL-TRAUGHBER, Armin. *Antisemitismus in der deutschen Geschichte*. Berlin: Landeszentrale für politische Bildung: 2002.
- PÖGGELER, Otto. *Filosofia y política en Heidegger*. Barcelona: Editorial Alfa, 1984.
- POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1974.
- RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.
- ROSENBAUM, Ron. *Para entender Hitler: a busca das origens do mal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. In: Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 89-112, 1997.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe militar de 1964*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- STERNHELL, Zeev. *La droite révolutionnaire, 1885-1914: les origines françaises du fascisme*. Paris: Seuil, 1978.
- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- SORLIN, Pierre. *O anti-semitismo alemão*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- SOUKI, Nadia. *Hannah Arendt e a Banalidade do Mal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, c1993.

VIETTA, Silvio. *Heideggers Kritik am Nationalsozialismus und an der Technik*. Tübingen: Niemeyer, 1989.

WOLIN, Richard. *Labirintos em torno a Benjamin, Habermas, Schmitt, Arendt, Derrida, Marx, Heidegger e outros – explorações na história crítica das idéias*. São Paulo: Instituto Piaget, 1995.

ZIMMERMANN, Peter. “Zur Bildsprache des Nationalsozialismus im Plakat”. In: RÜGER, Maria (org.). *Kunst und Kunstkritik der dreißiger Jahre*. Dresden: Verlag der Kunst, 1990, p. 223-236.